



XIKO GARCIA

ENTRE CANTIGAS



E POEMAS



UPF EDITORA



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Bernadete Maria Dalmolin

Reitora

Edison Alencar Casagrande

Pró-Reitor Acadêmico

Antônio Thomé

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Institucional

UPF Editora

Editora

Janaína Rigo Santin

Revisão

Cristina Azevedo da Silva

Programação visual

Rubia Bedin Rizzi

Conselho Editorial

Alvaro Sanchez Bravo (Universidad de Sevilla)

Andrea Michel Sobotka (UPF)

Andrea Oltramari (Ufrgs)

Carlos Ricardo Rossetto (Univali)

Edison Alencar Casagrande (UPF)

Fernando Rosado Spilki (Fecvale)

Gionara Tauchen (Furg)

Héctor Ruiz (Uadec)

Helen Treichel (UFFS)

Jaime Morelles Vázquez (Ucol)

Janaína Rigo Santin (UPF)

José C. Otero Gutierrez (UAH)

Luciana Ruschel dos Santos (UPF)

Luís Francisco Fianco Dias (UPF)

Luiz Marcelo Darroz (UPF)

Nilo Alberto Scheidmandel (UPF)

Sandra Hartz (Ufrgs)



ENTRE CANTIGAS E POEMAS

2023



Copyright© do autor

Cristina Azevedo da Silva

Revisão

Rubia Bedin Rizzi

Projeto gráfico e diagramação e produção da capa

Este livro, no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor. A exatidão das informações e dos conceitos e as opiniões emitidas, bem como o uso das imagens e de licença poética, são de exclusiva responsabilidade do autor.

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

G216e Garcia, Xiko
Entre cantigas e poemas [recurso eletrônico] / Xiko
Garcia. – Passo Fundo: EDIUPF, 2023.
15.000 KB ; PDF.

Modo de acesso gratuito: www.upf.br/upfeditora

ISBN 978-65-5607-055-1. (E-book)

1. Poesia Brasileira - Rio Grande do Sul. 2. Literatura
brasileira - Rio Grande do Sul. I. Título.

CDU: 869.0(816.5)-1

Biblioteca responsável Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569



Campus I, BR 285, Km 292,7, Bairro São José
99052-900, Passo Fundo, RS, Brasil
Telefone: (54) 3316-8374

afiliada à





Prefácio

Xiko Garcia é POETA e cantor. E, mesmo que o neologismo *cantautor* não apareça no repositório de palavras do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (o Volp, mantido pela Academia Brasileira de Letras), no caso de Xiko Garcia, a denominação, que é usada para designar artistas que escrevem, compõem e cantam aquilo que produzem, parece adequada. Afinal, o maior orgulho de Xiko Garcia, insistentemente frisado por ele, é de somente interpretar canções e declamar poemas próprios. Eu diria, para simplificar, que ele é mais POETA metido a cantor do que cantor metido a POETA. Embora se saia bem nas duas funções.

Xiko Garcia é um virtuoso na manipulação de versos. Por dominar a métrica da rima, diz e canta, em versos bonitos, realidades que nem sempre são assim tão belas ou previsíveis. Lida com as imprevisibilidades do mundo e a retórica dos sentimentos absurdos de forma magistral, construindo, por meio de poemas, verdadeiras crônicas do cotidiano. Na sua lírica própria, tem conseguido transformar em versos, de elevada carga poética, a realidade do mundo que nos rodeia, a partir das suas VIVÊNCIAS (não casualmente o nome do seu primeiro livro, publicado em 1998, que esgotou tiragem de 4.500 exemplares).

Em 2014, quando tive o privilégio de ser convidado para assinar o prefácio do livro *O guri e o poronguinho*, editado, naquele ano, pela Aldeia Sul Editora, escrevi, e reitero aqui, que, entre todas as credenciais usadas pelos editores para dizer quem é Fran-

cisco Mello Garcia – compositor, músico, escritor, cantor, poeta, bacharel em ciências contábeis, corretor de imóveis e membro da Academia Passo-Fundense de Letras –, no meu entendimento, uma só era mais do que suficiente para justificar o livro: POETA. Xiko Garcia, e isso não é de hoje, tem conseguido honrar, como poucos, a melhor tradição da boa poesia, que é, na relação poeta/escritor e leitor, transformar versos em emoção. Na poesia, emoção é tudo. Havendo emoção é o suficiente para que o que, até então, não passava de um mero conjunto de versos vire poesia. E emoção é o que não falta nos poemas que dão forma ao livro *Entre cantigas e poemas*, que tive a honra de ser convidado para prefaciar.

Entre cantigas e poemas, a mais recente obra de Xiko Garcia, chancelada pela UPF Editora, reúne, em tomo único, 179 poemas, que representam *la crème de la crème* da sua vasta produção poética, ora ultrapassando a cifra do milhar. Incluídos no rol, os clássicos “O tempo”, “Recado ao falecido pai”, “Como velho... sonhei que morri”, “Mãe e terra querência”, “Peixes do rio da vida”, “A temporária professora” e “As primaveras de nossa praça”, e muitos outros menos conhecidos do grande público. Oxalá você aprecie, tanto quanto eu apreciei, a leitura desses poemas! Emocione-se com Xiko Garcia! Renati, Caroline, Isadora e Alessandro (*in memoriam*) sintam-se orgulhosos do POETA Xiko Garcia!

Gilberto R. Cunha

Academia Passo-Fundense de Letras

15 de dezembro de 2023



Sumário

Apresentando Xiko Garcia	15
1. O livro	21
2. O tempo	22
3. Recado ao falecido pai.....	24
4. Peixes do rio da vida	26
5. Infância	27
6. Cheiro de natureza.....	28
7. Sorrisos com adendo	29
8. Como velho... sonhei que morri	32
9. Chamamento à verdade.....	34
10. É verdade, mas não vende.....	35
11. É ser tatu e não ter toca.....	37
12. Ciúme de fofoqueiro	38
13. A diferença entre criar e copiar	39
14. A temporária professora	40
15. As primaveras de nossa praça	43
16. A dor maior que o gemido.....	45
17. A pomada da alma.....	46
18. O meu aniversário	48
19. Em algum ponto ela toca	50
20. Carne de pescoço	51
21. Grosso metido a fino	52



22. O tempo responde	54
23. Como se faz tatuzinho	55
24. É nua, crua e bendita	56
25. Imensa casa de morcegos.....	57
26. Para chegar, tem o momento	58
27. Agradeço esse momento.....	60
28. Bombando estou na internet	62
29. Amor, dinheiro e comida são tudo na vida.....	64
30. A marca	66
31. A tortura	67
32. A verdade oculta	69
33. A bichologia	71
34. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura	72
35. As cores do meu traço	73
36. Até mesmo na Santa Missa	74
37. Bagre passa por sereia	75
38. A esperança paga imposto.....	77
39. Eu e o violão.....	78
40. Nem a Petrobras aguenta	80
41. Por isso que sou de maio	81
42. Cantando sei que morro, sem cantar morro também	83
43. O acaso e a ironia	84
44. É o povo que paga o pato.....	85
45. Banho da alma.....	86



46. Com Deus eu sou muito grato	87
47. A última viagem	88
48. Como é que pode.....	90
49. Nem a vida é infinita	91
50. A imagem que ficou	92
51. A razão é uma balela.....	93
52. Antigo e não envelhece	94
53. Pois todo mundo já sabe que ela é a coisa mais certa	95
54. Deve ser um sofrimento.....	97
55. A luz e a escuridão.....	98
56. Como usar melhor o tempo.....	99
57. Consciência	101
58. O jeitinho à brasileira	102
59. A gangorra da vida.....	104
60. A felicidade perfeita	105
61. E quem vive como inocente	106
62. Coisa dramática	107
63. É melhor lavar o sovaco	108
64. Culpado	109
65. Baile de rodeio (música).....	110
66. A escada da falsa elite	112
67. A floresta dos canalhas.....	113
68. Devagar também alcanço	114
69. O nó que ninguém desata	115



70. Arrancam o nosso “couro”.....	117
71. A transparência.....	118
72. Abraçar a dor dos outros	120
73. De porta em porta	121
74. Do mato eu lembro o aroma	123
75. Lá de Colônia Miranda	124
76. Coxilha, meu continente	125
77. Crédito e descrédito.....	127
78. Ou a vergonha já morreu, ou é irônica e não esquenta...	128
79. Fatos evidentes.....	130
80. Crime do colarinho branco	131
81. Discurso de mentiroso e aplauso de puxa-saco	132
82. Estrada de duas vias.....	133
83. Conto do pacote	134
84. Gente fina ou gente grossa.....	136
85. Bem antes de um nascimento	137
86. Eu já vi muito atropelo	138
87. Enxergar sem ter que ver	139
88. Aquele erro que deu certo	140
89. Mendigando amor errado.....	141
90. Cadeira cativa	142
91. Com amor, nem precisa cama.....	143
92. Eu nem quero que amanheça.....	144
93. Viajar pelos olhos	145



94. Meus sonhos.....	146
95. Pensar... em pensar.....	147
96. Querer é poder.....	148
97. Estar consciente.....	149
98. O veto.....	150
99. O mal e o bem a um preço tal e qual.....	152
100. Gostar ou não gostar.....	153
101. A prensa vem depois de frito o perito.....	154
102. Informar é compromisso.....	155
103. Mas acaba no da gente.....	156
104. Diferentes resultados.....	158
105. Que tal se o céu é assim?.....	160
106. Não me comparem ao Ramiro.....	162
107. Ser gente é uma coisa, difícil é ser humano.....	163
108. Mar de hipocrisia.....	164
109. A distância entre o ser e o ter.....	166
110. Nem mostra o que não se via.....	167
111. Erro não é feitiço.....	168
112. Posse ou propriedade.....	169
113. A cruz e a invenção.....	170
114. A última morada.....	172
115. Mesmo fora de disputa.....	174
116. Imposição.....	175
117. No meu jeito alguém confia.....	177



118. Não serve nem para cavaco	178
119. Nas águas de pescaria.....	179
120. O que tem valor sei dar valor	180
121. O cultivo dessa semente.....	181
122. Um que nasceu em Belém	182
123. O meio que me falta	184
124. Que não prima pela imagem.....	186
125. Nos tetos da pátria mãe	187
126. Os cabeças de bagre	189
127. O cotidiano que nos cerca	190
128. Nunca mais vão ter consolo	192
129. Os rolos da nossa história	193
130. O surrado nunca esquece	194
131. Não saia longe da cova	195
132. O louco e a gaita	196
133. Rei que nunca tem trono	198
134. Sabe o valor da minhoca.....	200
135. O Natal	201
136. O medo	202
137. Vale a pena ser honesto	203
138. É ilha ou continente	204
139. Diabo mesmo é a consciência	205
140. Bunda de pinguim ou pé- quente	208
141. Juízes, réus e jurados	209



142. Mas por dentro permanece.....	210
143. Para isso não tem saída	211
144. Que é Sodoma que não presta	212
145. Que do cargo tem consciência	213
146. Na nossa costa ou nas nossas costas?	214
147. Subir ao céu, não tem cipó.....	216
148. Carinho... que hoje não conto... ..	217
149. Quem sabe que não sabia.....	218
150. Usa o roubo e se isenta.....	219
151. Só deus em tudo é o perito.....	220
152. Ser feliz é sigilo	221
153. De tudo um pouco.....	222
154. Rosas da velha roseira	223
155. Filha feia e de pai rico	225
156. Para quem ficou sem jardim.....	226
157. Sabe que já foi pintinho.....	227
158. Ele pega o peixe a tapa	228
159. É só o que a gente conquista	229
160. Não invente de pensar	230
161. Acariciando pensamento	231
162. Quando o leite é derramado	232
163. Sonho de artista	233
164. E também por nada ter dito.....	234
165. Esmoleiros do amor.....	235



166. Fim do dominó.....	236
167. Teoria e prática	237
168. Conselho de mãe	238
169. Mãe e terra querência	240
170. Rio dos contrastes	242
171. Almoço, janta e café	244
172. Deixar que a vida prossiga	246
173. É desse modo que eu vejo.....	248
174. Liberdade	249
175. Passando por pianista.....	250
176. Eu queria saber.....	252
177. Destino de cavalos.....	254
178. O caçador.....	256
179. O recomeço.....	258
Retratos de uma jornada	259



Apresentando Xiko Garcia...

Francisco Mello Garcia nasceu em 21 de maio de 1945, em Passo Fundo, RS. Filho de Felipe da Silva Garcia e de Carolina de Mello Garcia. Estudou até o quarto ano primário na localidade de Colônia Miranda, distrito de Coxilha. Morou no interior até a idade de 14 anos. Concluiu o ginásio no Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro (Cenav). Trabalhou, de 1º de dezembro de 1961 a 13 de julho de 1964, na empresa Lago Iaione & Cia e, em 14 de julho de 1964, incorporou no 1º do 20/RC de Passo Fundo, para prestação do serviço militar obrigatório, quando permaneceu no Exército até 13 de julho de 1973. Em agosto de 1967, foi transferido para Santa Rosa, RS, para o 1º RCM, onde foi promovido a cabo. Em maio de 1970, foi transferido para o 1º EIC de Guarapuava, PR, onde concluiu o curso técnico em Contabilidade. Em janeiro de 1971, retornou para Santa Rosa, RS. No dia 28 de julho de 1972, casou-se com Renati Ingrid Walter Garcia. O casal teve uma filha, Caroline Garcia, que hoje é psicóloga clínica.

Administrou a empresa Extin-Fogo Ltda., como proprietário, no período de 1º de março de 1973 a 28 de fevereiro de 1986. Administrou a empresa F. M. Garcia, como proprietário, no período de 15 de dezembro de 1981 a 26 de agosto de 1992. Em 1976, formou-se bacharel em Ciências Contábeis e Administrativas pela Faculdade Machado de Assis de Santa Rosa, RS. Em 1997, concluiu o curso técnico em Transações Imobiliárias. No ano de 2004,

concluiu a pós-graduação em Arteterapia, Educação e Saúde na UPF de Passo Fundo. Desde sua adolescência, dedica grande parte de seu tempo escrevendo versos em forma de letras musicais e poesias. Devido a isso e às características de sua escrita, foi logo reconhecido como poeta, compositor e cantor.

Em novembro de 1980, o jornal *Cotrifatos*, de Santo Ângelo, elaborou uma reportagem enfocando e reconhecendo o seu trabalho com o título “Nossa Gente, Nossa Arte”. A convite do jornal *A Serra*, de Santa Rosa, participou como comentarista poético durante o desenrolar do 4º Musicanto. Na edição de 27 de março de 1991 do jornal *A Serra*, seu trabalho "Vivência" foi amplamente comentado, com o título “F. M. Garcia, talento que desponta”. Enfoque comentado sobre a classificação entre os 35 poetas que integram a Seleta de Versos, publicado pela Associação de Autores São-Luizenses, de São Luiz Gonzaga, com o título: “Francisco Garcia é destaque”, editado no jornal *A Serra*, de 9 de janeiro de 1992. Ainda no jornal *A Serra*, de Santa Rosa, na edição de 27 de agosto de 1992, Francisco Mello Garcia fez uma homenagem, através de poesia, à Rainha dos Baixinhos, a Xuxa, natural daquela cidade.

Homenagens ao seu trabalho foram feitas publicamente por alguns nomes já consagrados no meio artístico: no Centro Cívico de Santa Rosa, do saudoso compositor e cantor Cenair Maicá; por integrantes do grupo Trio Beleza Pura, de São Paulo, em *show* realizado em Santa Rosa no Parque de Exposições da Fenasoja; pelo grupo Os Fronteiriços, de Porto Alegre, durante um *show* no cinema de Giruá, onde foi coparticipante do evento com a parceria de

Algacir Costa, no qual seu filho, Yamandu Costa, ainda criança, salientava-se em apresentações, vindo a comprovar o seu grande talento artístico nacional e internacionalmente; conforme o *Diário da Manhã*, na coluna Cultura, dos dias 18, 19 e 20 de abril de 2003; foi cumprimentado oficialmente pela Câmara Municipal de Vereadores de Santa Rosa, pelo trabalho “Vivência”, o qual contribuiu com a cultura daquela terra, em moção do vereador Nelci Dani, em 6 de novembro de 1989.

Classificou-se no concurso de poesias realizado em nível regional, organizado e editado pela Associação de Autores São-Luizenses, no livro *Seleção de Versos*, com os temas: “Força de uma razão” e “A canga que sobrou”. No livro *Seleção de Versos*, edição de 1992, participou com os temas: “Recado ao falecido pai” e “O anão já foi gigante”. Foi campeão estadual do RS com a música “Peixes do rio da vida”, em 30 de novembro de 1996, na cidade de Bento Gonçalves, o que lhe originou o convite para participar do Primeiro Encontro de Escritores em nível nacional, lançado em 1998.

O jornal *Diário da Manhã*, na coluna Gente Nota 10, reconheceu o talento do poeta, músico e compositor passo-fundense, na edição de 11 e 12 de abril de 1998. Em 1999, classificou a poesia “O corrupto e o corrompido”, no XX Concurso Nacional de Poesias pela *Revista Brasília*, de Brasília, DF, recebendo a Medalha Stella Brasiliense. Considerando sua classificação como destaque no concurso já referido em janeiro de 1999, foi publicado com o título “Valores literários do Brasil”, seu nome fez parte da nominata dos ganhadores do XX Concurso Nacional de Poesias Brasília - 1999,

matéria do jornal *Imprensa Literária*, do Rio de Janeiro, o qual publicou na íntegra, na página 12, a poesia “O corrupto e o corrompido”, que foi classificada.

Na *Revista Estilo Vip*, edição janeiro a março de 1999, foi publicado um comentário com o título: “A Vitória da Realidade em forma de poesia, humor e música”. Em 2000, recebeu a Medalha Brasil 500 Anos, com a poesia “Tropeços”; a convite do Grupo Brasília de Comunicação, fez parte da seleção de autores que escreveram a XIV Antologia de Poetas e Escritores do Brasil 2000, com os temas: “Medo” e “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”; em 5 de setembro de 2000, foi homenageado pela Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo, pela moção do vereador Miguel Chaise.

Em dezembro de 2001, foi publicado tema de sua autoria, na íntegra, na *Revista Brasília*, o qual faz parte do conteúdo do livro *Vivência*, trata-se de “O tempo”. Na edição de junho/julho de 2001 da *Revista Acadêmica*, Órgão Oficial da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias, foi publicado o tema “Mandinga de madrinha”. Em 14 de junho de 2002, apresentou-se a convite da Pia Sociedade Filhas de São Paulo – Paulinas Editora, convidado especialmente para apresentar o tema “O tempo”, no seu auditório, situado à Rua dos Andradas, 1212, Porto Alegre, RS. Em junho de 2001, foi homenageado pelo Clube Juvenil com o título: sócios em destaque cultural na *Revista Edição Comemorativa aos 88 anos*. Em junho de 2002, recebeu a Medalha do Mérito Juscelino Kubitschek da *Revista Brasília*.

Em 2003, foi selecionado pela mesma revista para fazer parte da XVI Antologia de Poetas e Escritores do Brasil. Em 27 de outubro de 2003, recebeu Voto de Louvor da Câmara Municipal de Passo Fundo em sessão plenária, por moção do vereador Edison Nunes (PP), aprovada por unanimidade, pelo conjunto de sua obra reconhecida em níveis estadual e nacional. Em 5 de novembro de 2003, classificou-se na categoria destaque com o tema “Pensar... em pensar...”, no Primeiro Concurso de Prosa e Verso da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias, pela *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro.

Em 9 de março de 2006, tomou posse na Academia Passo-Fundense de Letras, como titular da Cadeira 25, tendo como Patrono o passo-fundense Píndaro Annes. Em 16 de julho de 2008, apresentou-se no Teatro do Colégio Notre Dame de Passo Fundo, em Recital Cultural referente aos aniversários das Rádios Planalto AM e FM. Em 20 de julho de 2008, apresentou-se na cidade de Lagoa Vermelha, em evento organizado pelo Clube da Esperança da Radio São Francisco de Caxias do Sul, sob a liderança do Frei Renato Zanolla, daquela cidade.

Em função de o trabalho estar embasado em literatura poética, musicada, cantada e interpretada pelo próprio autor, ele se apresentou nas Jornadas Literárias de Passo Fundo em diversos lugares, clubes de serviço, igrejas, associações comerciais e industriais, câmaras de vereadores, eventos culturais, feiras de livros, casas de teatro, CTGs, rádios, televisão, jornais, revistas, empresas privadas e eventos dos mais variados. Ele sempre

teve como base de sustentação de seu trabalho a forma interativa pela qual demonstra o conteúdo e a reconhecida peculiaridade da sua obra. A poesia “Recado ao falecido pai” foi publicada no YouTube¹ em 25 de dezembro de 2010, atingindo, até 21 de novembro de 2023, a destacada soma de 38.847 acessos.

* Este livro de poesia não se limita ao contexto gramaticalmente correto, pois emprega a licença poética. Tal liberdade permite ao autor criar rimas, expressar emoções e evocar imagens de maneira mais criativa e evocativa.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q7wNKmL7iCY>.



1. O livro

O livro é um instrumento
Emitindo sonoridade
Que não irrita vizinhos
Deixa todos à vontade
Se ruídos existirem
O leitor, na realidade
Tem poderes para detê-los
Só na sua intimidade
Isso é feito no interior
Como também na cidade
Por eles têm os que mentem
E belas grandes verdades.

O livro é o receptor
Do que se quer escrever
No seu conteúdo a escolha
Do que desejamos ler
Dele vem a informação
Daqueles que o conhecem
Por isso muitos escolhem
O livro que bem merecem
O livro é voz que fala
No silêncio mais profundo
Documenta o som das guerras
E o mais lindo amor do mundo.



2. O tempo

Ao revisar o meu tempo
Foi assim que refleti
Pois já perdi tanto tempo
Tanto tempo já perdi.

E de repente eu pensei
O que estou fazendo aqui?
Usando o tempo que resta
O que passou eu nem vi.

E correndo atrás do tempo
Bem ou mal, envelheci
Sem notar que ele próprio
Nos leva um dia daqui.

Para apontarem nossos erros
Para muitos o tempo vem
Para verem nossas virtudes
São poucos que tempo têm.

Para tudo existe tempo
É comum se comentar
Mas no tempo que passou
Ninguém vai retornar.

Tem quem nunca perde tempo
Mas não tem tempo para amar
Quando não tiver mais tempo
Não adianta nem chorar.

Meu amor, lembrei do tempo
E também lembrei de ti
Por achar que tinha tempo
Pois no tempo te perdi...

Parece que o tempo volta
Mas isso não é verdade
É alguém que por um tempo
Sai de nossa intimidade.

Se retorna, é um lindo tempo
É o prazer que nos invade
Pois o tempo não retorna
Quem retorna é a saudade.

E faz a gente andar
Noutros tempos, noutra idade
Como é bom, nos velhos tempos
Reaver a mocidade.

Às vezes, voltar no tempo
Tem jeito de realidade
Mantemos vivos na mente
Quem já está na eternidade.

Todos nós temos um tempo
Que usamos ao nosso intento
Uns ocupam com a paz
O amor e o ensinamento.

Outros acham que o importante
É destruir e ser violento
Querem para si todo o tempo
Mesmo sem merecimento.

Meu amor, lembrei do tempo
E também lembrei de ti
Por achar que tinha tempo
Pois no tempo te perdi...

Tem quem faz o próprio tempo
Se terminar num momento
Mesmo que já tão pequeno
É como a chuva, é igual ao vento.

Há quem é dono do tempo
E ninguém pode intervir
Por julgá-lo tão importante
Tem medo de repartir.

Esse é um moderno jeito
De não ver o tempo sumir
E a solidão, com orgulho
Também dá para resistir.

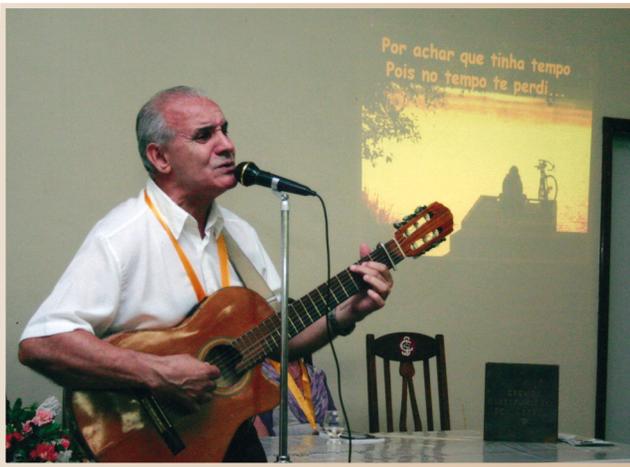
O tempo mais desejado
É bem fácil de escolher
Para viver sempre o maior
E o menor para enriquecer.

As guerras estão nos tempos
São tempos de sofrimento
Há quem usa desse tempo
Para atingir o seu intento.

Pare... um pequeno tempo
Pare... para refletir
Para chorar o tempo vem
Temos que achar para sorrir.

Hoje temos menos tempo
E amanhã vai diminuir
Não sei quanto ainda me resta
Mas trago para dividir.

Meu Senhor, lembrei do tempo
Que de ti eu esqueci
Ainda bem que tive tempo
E vi que nunca te perdi.



Em apresentação na Academia Passo-Fundense de Letras, com projeção de slides da música “O tempo”; ao fundo, visualizamos os versos que dizem: “Por achar que tinha tempo / Pois no tempo te perdi...”.



3. Recado ao falecido pai¹

Eh! Meu pai... por te escutar
Deixaste-me numa fria
Dizias que honestidade
Era uma garantia
Por ter me mantido nisso
Se foi a minha alegria
A razão aqui se cala
Para mais fria covardia
E o que eu ganho por ano
Um sacana ganha num dia.

Um pouco, o vovô tem culpa
A mamãe e a titia
Informavam que consciência
Suja... não se dormiria
Se valesse isso hoje
Pouca cama se usaria
E os sem sono nesta terra
Assustaria a quantia
Para manter o que ensinaste
Sempre estou em agonia
E o que eu ganho por ano
Um sacana ganha num dia.

Meu velho, eu te entendo
Pois tu também não sabias
Afinal, eu sou do tempo
Em que o filho obedecia
A juventude de hoje

Tu nunca entenderias
Com raras exceções
Faz da droga a energia
E o que eu ganho por ano
Um sacana ganha num dia.

Abandonei as caçadas
E também a pescaria
Não jogo mais futebol
Nem torço como eu torcia
Faliu a cooperativa
Mas não a diretoria
O meu primo é deputado
Tu vais pensar quem diria
E o que eu ganho por ano
Ele ganha em meio dia.

O que estão roubando aqui
Já virou coisa enfadonha
E quem não age assim
É tachado de pamonha
Vão o auto e as galinhas
A cama também, a fronha
Sequestram até criança
Ai de quem não se disponha.

Estão matando a qualquer jeito
É com bala e a coronha
O medo está aumentando
Mas terminando a vergonha.

¹ Este tema está musicado e gravado em CD pelo autor.

O que tiram de aposentados
Duvido que alguém reponha
Para os jovens tem o ficar
Não é mais coisa bisonha
E o beijar ou amassar
É moderno que se exponha
Depois os pais ou avós
Que se virem com a cegonha
A paisagem de nossa política
É escura e muito tristonha...
Cadeia para ladrão grande
O povo ainda só sonha.

Essa coisa por aqui
Virou no quadro da dor
Quase tudo tem esquema
E o povo só vê a cor
Até Leis são negociáveis
Tem a moeda por fator
CPI, pizza e marmelada
Tem de qualquer sabor
Dizem que a democracia
Está em pleno vapor
E que tal se tu soubesses
Quanto ganha um vereador?

Multiplique muitas vezes
Deputado e senador
De prefeito a presidente
Vão que nem santo em andor
E a gente paga as promessas
Do milagre enganador
Sempre sobram candidatos
Triste é ser o eleitor
Em discurso que dá voto
Analfabeto é professor.

Eu vou parar por aqui
Para não lhe causar horror
Se hoje moras no céu
Já tens a paz e o amor
Se estiveres no inferno
Aguenta como ele for
Pois aqui tem muita gente
Que está bem pior que o senhor
Mas nunca perca a esperança
Pois só Deus é o Salvador.



4. Peixes do rio da vida

Às vezes, fico lembrando
Do meu tempo de guri
Quando pescava na sanga
Jundiá, cará e lambari.

Pois continuei pescando
Nos anos que já vivi
Hoje tenho certa idade
E o dobro já entendi.

No enxergar coisas e coisas
Pesquei o que não pedi
Que ainda não sei pescar
O que pescam por aí...

E nas margens deste rio
Tem quem chora, tem quem ri
Durante o pescar da vida
Muitas vezes me inquiri.

Tem quem só pesca dourados
E o famoso surubi
Talvez é questão de isca
Com minhoca desisti...

E no poço que eles chegam
Pequenos têm que fugir
Vão abocanhando tudo
Tudo o que dá para engolir.

Tem aumentado as piranhas
Estão a reproduzir
Vivo levando mordidas
Não dá mais para resistir.

Onde estiver um cardume
Deus me livre de cair
Em quase todos os pesqueiros
Só vejo a isca sumir.

E se assim continuar
A espécie a evoluir
Um vão comer as outras
Para poder subsistir.

No enxergar coisas e coisas
Pesquei o que não pedi
Que ainda não sei pescar
O que pescam por aí...

Os grandes nunca pesquei
Mas eu não me arrependi
Demorei, mas a lição
Nas águas mesmo aprendi.

Para pescar em quantidades
Raros tamanhos daqui
Saiba armar bem a rede
Que também sobra para ti...



5. Infância²

Um dia me deu saudade
Da terra de minha infância
E recordei momentos
Do meu tempo de criança.

Peguei meu carro e família
Percorri longa distância
Para ir visitar um sítio
Que um dia foi minha estância.

Durante a viagem eu contava
O que neste lugar eu tinha
Arvoredo com mil frutas
Pitanga e sanga limpinha.

Gramado para futebol
E a torcida da igreja
Daquela mesma capela
Aonde o padre quase não vinha.

Porém se rezava sempre
Com muita fé e devoção
Entre o terço e a novena
Isso que era religião.

Para a maior festa do ano
Grande encontro no lugar
Eram ricos e também pobres
Todos iam ajudar.

Sob a ramada de folhas
O gritador de leilão
Namoradina sonhada
E o prazer de sua mão.

Se acreditava em cegonha
Papai Noel de carrocinha
Bichos que a noite anunciava
Outros, o dia que vinha.

Minha filhinha escutava
Enquanto a mãe dela ria
Como se fosse mentira
Que tive tudo isso um dia.

Porém, quando lá chegamos
Quase nada foi encontrado
Pois, em nome do “progresso”
Tudo estava transformado.

A igreja ainda em pé
Mas já sem Nossa Senhora
Para mim, lá, tudo deserto
Onde anda o meu povo agora?

Do silêncio escutei...
Estão buscando melhora
A sanguinha quase seca
Como lágrimas de quem chora.

Do arvoredo só encontrei
Um toco de pé de amora
Simbolizando a tapera
E a mãe que não tenho agora.

Voltei pensando no que vi
Sem poder acreditar
Onde fui feliz muito tempo
Hoje apenas me faz chorar.

² Tema publicado no jornal *Cotrifatos*, de Santo Ângelo, em novembro de 1980.



6. Cheiro de natureza³

Tive a sorte de nascer
Num rincão, lá no interior
Sou cheiro de natureza
Perfume puro do amor.

Sou terra fofa e drenada
Pelas folhas sobre mim
Hoje choro de tristeza
Por ver o meu mundo assim.

Sou cascata despencando
Gerando certa neblina
Tal qual a um sorriso puro
De um guri ou de menina.

Sou força de temporal
Que chamam de furacão
Porque sei o quanto dói
Magoar um coração.

Sou a noite para o amor
Com a boa companhia
Sou o pai que ama sempre
Sem diferenciar o dia.

Sou o filho que não esquece
Do que mamãe dizia
Quem gosta do natural
Quer ter paz e harmonia.

³ Esta música foi gravada em fita K7 pelo autor.



7. Sorrisos com adendo⁴

Meus poemas não se inspiram
Em violência praticada
Pois se guerra resolvesse
A terra estaria melhorada
Pois no fundo ela mesma
Se mostra muito cansada
Tem nação que vive disso
Com vitória acumulada
Mas se consciência tem peso
A dela é muito pesada
Nesse perfil tem pessoa
Que pode ser comparada
Usam até os animais
Como palco ou como escada
Festa boa para outros
É tiro, pealo e facada
Por esporear e surrar
Tem gente que é bem premiada
Afinal, bicho não fala
E nem morto conta piada
Conscientizo versejando
Com mensagem endereçada
Por isso minha poesia
Por muitos é aclamada
Mas pelo recado do tema
Eu já vi gente irritada

Tem quem briga com mensagem
Outro quer usar a espada
Mas eu pratico o sorriso
Que é bem antes da risada
Pois um viver sem sorrir
É missão muito pesada...
O sorriso, de algum modo
Para todos Deus distribui
Entre os que serão descritos
Quem que um desses não viu
O que importa é que se saiba
Um ou outro nos serviu
Todos rolam por aí
Como a água, lá no rio
E qual o que mais usamos
Já que a vida nos sorriu...

Dê um sorriso de alegria
Dê sorrisos provocados
Viva o sorriso da alma
Deixe o corpo relaxado
Só não dê um sorriso puro
Por um sorriso forçado
Belos sorrisos perdi
E não foram mais encontrados
Gratifico com outro igual
Se um desses me for mostrado...

⁴ Tema publicado no jornal *O Nacional*, de Passo Fundo, em 28 de março de 1993.

Nessa estória de sorriso
Também já fui enganado
Outro dia, entrei num banco
Bem vestido, engravatado
O gerente me abraçou
Com um sorriso expressado...
Imaginou que eu tivesse prédios
Granja e fazenda com gado
O final desse sorriso
Custou-me um juro danado.

Outra vez, eu dirigia
Num trânsito agitado
Uma mulher sorriu para mim
Fiquei olhando para o lado
A sinaleira fechou
Não vi os outros parados
Demoli o meu carrinho
Na traseira de um pesado
Acho até que foi castigo
Esse leva é para o pecado
Até hoje me ressinto
Desse sorriso danado.

Outro dia, eu vi na rua
alguém andando apressado
Sorria para todo mundo
Sem motivo comprovado
Olhou para mim e sorriu
Um sorriso intimidado
Fiquei pensando... pensando...
Nunca vi esse danado
Logo atrás, um puxa-saco
Vote nele a deputado.

O próprio mundo é um sorriso
Para quem nasce em berço de ouro
Já nos esperam sorrindo
É o tal de sorriso em coro
Sei quanto vale um sorriso
Muitos consegui com choro
Há rostos sem um sorriso
Mas no coração, bondade
Outros que vivem sorrindo
Para encobrir a maldade...
Como é bom sorrir chorando
Num abraço de saudade.

Foi por causa de um sorriso
Tenho quem gosto ao meu lado
Pois começamos sorrindo
E juntos temos chorado
Os filhos foram surgindo
Do sorriso... o resultado...
Já ficamos sem sorrir
Por motivos tão variados
Pelo tempo que estamos juntos
O sorriso foi desgastado
E qualquer pequeno tempo
Sem um sorriso é pesado...
Eu choro por um sorriso
Quando por mim cobiçado
Imaginem se for de alguém
Que há anos vive ao meu lado
Estar junto sem sorrir
É o sorriso abandonado...
Mas quando volta o sorriso
Tudo fica compensado...

Tem quem só anda sorrindo
De tudo recebe um pouco
É da tropa que vendeu
Da safra vem mais um troco
Também do juro agiotado
Dos que andam no sufoco
Foi votado e se elegeu
Sorrindo pra “bocomoco”
Disso aí vem mais um tanto
Por frente e por trás do toco
Só vive dentro de avião
Que nem pica-pau em oco
Chocolate... e cafezinho...
No calor, água de coco
Recebendo salário mínimo
Quem sorrir só se é de louco...

Será que o diabo sorri?
Dizem que é bem-humorado
Vive armando confusão
Para ver a gente enrolado
E ele sorri contente
É o sorriso endiabrado
Esse eu já vi em gente
Sorrisinho desgraçado...
Pode que não sejam diabos
Mas dele são associados...

Mas o sorriso de Deus?
Esse sorriso é que eu quero
Me parece que anda pouco
Se faltar até espero
Quando consigo, eu conservo
Com carinho, até venero
Deus se faz representar
No sorriso que todos podemos dar
Deus num sorriso é amar
Se o sorriso for sincero...

O sorriso é uma coisa
Que Deus em nós inseriu
Entre os aqui descritos
Quem que um desses não viu
O importante é que saibamos
Algum deles nos serviu
E qual o que mais usamos
Já que a vida nos sorriu...

8. Como velho... sonhei que morri⁵

Nós somos que nem a chuva
Que é levada pelo vento
E a idade chega na gente
Sem pedir consentimento
Vamos guardando lembranças
De tantos belos momentos
Tudo que já é saudade
Vai virando esquecimento
Mesmo assim, o que foi bom
Carrego vivo aqui dentro...

Já tive um sorriso liso
E o restante igual ao rosto
Hoje as rugas se acumulam
E a bengala é meu encosto
São as somas dos prazeres
De vitórias e desgostos
A vida é que nem moeda
Sempre tem o lado oposto
Quem não lembra a juventude
Ninguém é velho por gosto...

Vou seguindo a caminhada
No que resta, muito atento
Refletindo o que já fui
Quando deito e quando sento
Pelos erros cometidos
Só eu sei o que lamento
Mas são os acertos que deixo
Para ter aproveitamento
Duro é ser velho na idade
Pior é ser de pensamento...

Minha fase está azeda
Mais amarga do que fel
Se um dia já fui pintor
“Hoje não ergo o pincel”
Já participei de festas
Em boate, clube e quartel
No real, era soldado
Na vaidade, um coronel
Hoje ninguém me convida
Nem para servir coquetel...

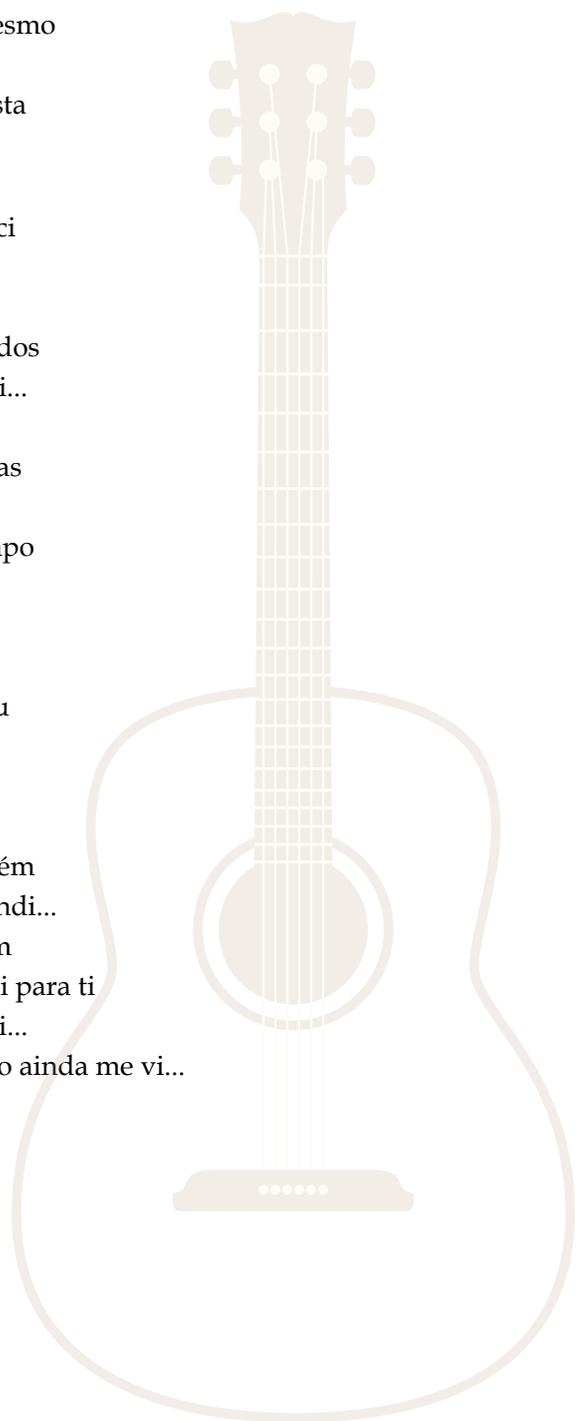
Mulheres, conheci tantas
Ingênuas... traiçoeira e fiel
A pobreza... uma escondia
Outra... exibia o “anel”
Quantas pareciam santas
Quando... fora do motel...
Muitas, o dinheiro era tudo
Poucas, cumprir o papel...
Encontrada a ponta do fio
Só sobrava o carretel...

Ciúmes de mim já tiveram
Diziam que eu tinha mel
Hoje nem grana resolve
Asilo... não é bordel...
Há bons momentos na vida
Que recordar... é cruel
Ainda sou massa e carne
“Nem cheiram mais meu pastel”
Saco vazio ninguém pega
Nem o de Papai Noel...

⁵ Este tema faz parte do CD *Reflexos da Vida*, faixa dois, interpretado pelo autor.

Sou a história de mim mesmo
A foto que não bati
Sou o saldo que ainda resta
De ganhos e o que perdi
Faço parte desses fatos
Desde o instante que nasci
Sou o artista principal
De um filme que só eu vi
Que o fim é igual para todos
Ninguém se eterniza aqui...

Para isso, deixo as cantigas
E os poemas que escrevi
Provando, por muito tempo
Que aqui também vivi
Se bem poucos ensinei
Mas com muitos aprendi
Se ninguém me pertenceu
Eu pensei que pertenci...
E por ter pensado assim
O quanto me arrependi...
Ninguém é dono de alguém
Ao morrer... foi que aprendi...
Bem ou mal, tudo tem fim
O que é para mim não vai para ti
Desse sonho... me acordei...
Graças a Deus, no espelho ainda me vi...





9. Chamamento à verdade

(14/07/2016)

Nos nossos dias eu penso
Que isto é a realidade
Ter gente aí confundindo
Malícia por bondade.

E os aproveitadores
Aplicam na sociedade
Principalmente naqueles
Que vivem na ingenuidade.

E vão consumindo tudo
Pensando que isso é verdade
O que presta vai se acabando
E só fica a futilidade.

Que já se tornou adulta
Atingiu maior idade
E vem quase dirigindo
Os passos da humanidade.

Quando projeto o futuro
Na pura sinceridade
A Deus, eu peço apoio
Que de nós tenha piedade.

Para que os homens mintam menos
Pratiquem mais a verdade
Pois amanhã nossos filhos
Precisam de tranquilidade.



10. É verdade, mas não vende

Tem coisas que a gente faz
Mesmo assim, não se compreende
Vêm cem que acha bonito
Outro se ajoelha e se rende
Essa beleza atrai tanto
Que o dobro sente e se ofende...

Por isso que me pergunto...
E a resposta não me atende
Já vi obra com beleza
E grandeza que surpreende
Mas, colocada no mercado
Com tudo isso, não vende
E outra que, analisada
É ruim que até nos ofende
Sempre muito bem procurada
Não falta quem encomende...
É coisa que não tem nada
Por não ter nada é que rende...

É como certo discurso
Que em minha Pátria é existente
Não mudam, é sempre o mesmo
Já vem lá do antigamente
No geral, é só mentira
Mas sempre atrai muita gente...

Pois aqui é perceptível
Que é um povo muito carente
Bem poucos são os que lucram
Usando um velho expediente
Que é usar discurso que bajula
E esse enrola muita gente...

Como eu sou uma figura
Que irrita incompetente
E percebo o mentiroso
Que tem pose de influente
E transmite que resolve
Traumas de toda essa gente...

O carro-chefe é o salário
A fome é subsequente
A saúde pesa um monte
Mata idoso e inocente
Só a religião que conforta
Quando Deus está presente...

Vêm os menores abandonados
E os velhos, que são equivalentes
Todos vivem é de esperança
Que este é um país continente
O que é bom sempre vai embora
Para pátrias diferentes
Mas grande parte dos brasileiros
Vive é quase como indigente...

Combatem sempre a inflação
Juro aqui é inexistente...
Vão servir comida pronta
Em embalagem para presente
Emprego vai ter para todos
Para adultos e adolescentes...

A luz não vai ser cortada
A água já vai vir quente
Essa é a conversa que elege
De vereador a presidente
Mas tudo vai continuar
Sem nada de diferente...

Se Jesus voltar aqui
E garantir isso para a gente
Vão provar que é um mentiroso
E agitador muito insistente...
Bem possível é que será
Crucificado novamente...

Por isso vou continuar
No fundo me questionando
Esperando alguém que me explique
O que a vida vem me inquietando
O porquê que a maioria gosta
É de quem vive enganando...



11. É ser tatu e não ter toca

(28/07/2016)

Vejo cena que me arrepia
Agride e também sufoca
Já virou filosofia
Canjica que o povo soca
Copiar é o que se vê muito
É isto que me provoca
Sempre só entra no rolo
Quem já está na maçaroca
Tal qual se faz na cidade
Repetem lá na biboca
Sempre alguém só come o peixe
Mas não arranca a minhoca
Nunca planta um pé de nada
A safra é ele que estoca
Não dá nada, só recebe
E diz que está fazendo troca
Quando surge um cargo nobre
Lembram dele e da dondoca.

E a comida, quando é boa
Sempre é ele quem aboca
Depois que formam um grupo
Com eles ninguém se invoca
São cupins da sociedade
Furam tudo sem ter broca
Parece que a maioria
Não se antena ou não se toca
Nessa hora é que me lembro
De minha tia “Miloca”
Falava que banha fria
Não faz saltar a pipoca
E varinha muito curta
Não atinge o fim da toca
Mas quando ela for grande
É bom motivo para fofoca
Há quem gosta de água calma
Outro adora a pororoca
Só fala de grandes whiskies
Mas só bebe leite e Coca
Mulher feia com mau hálito
Eu não troco nem bitoca
Sem dinheiro, amor e sexo
É ser tatu e não ter toca...



12. Ciúme de fofoqueiro

Agora tu me criticas
Diz que o sucesso me ilude
Se eu não conseguir, ao menos
Lutei e fiz o que pude
Se amanhã eu chegar nele
No meu tamanco não grude
Pois daí não adianta
Querer mudar de atitude
Quando alguém atinge a fama
Sempre sobra quem ajude
E até mesmo os defeitos
Passam a pesar por virtude.

Um pouco até me perturba
Mas não vou ao desespero
Poetizo, canto e componho
Sem fama não vem dinheiro
Meus versos mostram verdades
Do pobre ao fazendeiro
Assim mantenho meu ego
Bem mais alto que coqueiro
Não vivo de “panelinha”...
Nem dependo de parceiro
Por isso me torno assunto
Para ciúme de fofoqueiro.

Porém, já entendi que a vida
É cheia de ti-ti-ti...
Um nasce para ser dourado
Outro para ser lambari...
Para alguns, a escala é o voto
Vai do Dó até o Si
Fora disso é diferente
Pois eu nunca me elegi
Nesse Brasil que é eleito
Do Oiapoque até o Chuí
Todo mundo tem seu preço
É o que se diz por aí...
Uns só falam em dólar e ouro
E o povo vive é de xixi...



13. A diferença entre criar e copiar

Não uso a fama dos outros
Não sou contra nem desfaço
Mas o meu maior prazer
Sempre encontro é no que faço
Sei que cavalo emprestado
Só me leva até um pedaço
Em massa que já tem dono
Não me adianta dar “amasso”...

O mapa do meu caminho
Após Deus, sou eu que traço
Namorar mulher alheia
É comum dar embaraço
Nos amores e nas dores
Na que tenho é que me abraço
Mas quando sou “caçador”
Com minha arma que caço...

Há quem aumenta o que tem
Dá beleza ao financeiro
É delírio das mulheres
No país e no estrangeiro
Aonde chega sempre é ele
O galo do galinheiro
Normalmente isso tudo
É farol de faroleiro
Na hora do vamos ver
Muitos ficam só no cheiro
Para uns, às vezes dá certo
Trouxa tem no mundo inteiro...

Solidão não é meu forte
Da parceria eu sou parceiro
Quem me deu esse conselho
Foi meu pai, que foi tropeiro
Tem quem nos dá uma mão
Vale pelo corpo inteiro
Outros dão até a “alma”
Mas a troco de dinheiro...

É lidando lá no campo
Que se conhece o campeiro
Entre criar e copiar
A distância é um exagero
Mais vale a marca da gente
Mesmo que só num terneiro
Que viver tocando tropas
Em nome do fazendeiro...



14. A temporária professora⁶

Tento usar com boas coisas
As horas que Deus me empresta
Somando já foi bom tempo
Não sei quanto hoje me resta
O amanhã não sei se vem
O ontem fugiu pela fresta
No tanto que ainda me sobra
Está o dia do fim da festa
Não duvido de outra vida
Eu conheço e amo é esta.

Sempre que uma noite acaba
E o sol repete o que conheço
Dia a dia eu busco acertos
Ao errar não esmoreço
Tudo o que me vale a pena
Não me cansa o recomeço
Pois por falta de humildade
Sei o que custa um tropeço.

Aprendi que o lado certo
É bem oposto ao do avesso
Sigo é o fio de minha obra
E almejando o que mereço
Só na morte todos chegam
Mesmo até sem endereço
Bem ou mal tudo tem fim
Pior é nem se ter começo.

Pois com quem aprendi isso
Do meu jeito eu agradeço
Desde criança me orienta
Nos passos que desconheço
Pelo o que já me mostrou
Tem carinho e meu apreço
Tenho a melhor professora
E aula dela não tem preço.

Porém, anda muito tensa
Por ver o quanto envelheço
Um dia vai me abandonar
Só em pensar já estremeço
Vou perder ela e as aulas
Todas do fim ao começo
A professora é a vida
Enquanto nela permaneço.

Tento usar com boas coisas
As horas que Deus me empresta
Somando já foi bom tempo
Não sei quanto hoje me resta
O amanhã não sei se vem
O ontem fugiu pela fresta
No tanto que ainda me sobra
Está o dia do fim da festa
Não duvido de outra vida
Eu conheço e amo é esta.

⁶ Chega a ser bastante comum se dizer que nossa maior ou menor abrangência participativa nos parâmetros da sociedade é matematicamente proporcional à qualidade dos professores que tivemos ou temos cotidianamente. Com isso, quero dizer que sou muito grato à "Minha Temporária Professora". Este tema é o quarto do CD *O Cotidiano em Poesia*, de minha autoria.



Praça Marechal Floriano... Poesia... História e estórias...

Tem quem diga que águas passadas não movem moinhos. Outros que quem visita locais históricos é turista de cemitério ou de museu. Como frases de efeito imediato, não contesto, porém, quem não considera o passado, creio que passou pela vida como aqueles gravadores que, quando acionados, nada gravaram, apenas deram a falsa impressão de que tudo estaria documentado... imaginem alguém que guarda uma fita, sem ter conferido se ela é portadora de uma ocorrência significativa.

Quando, depois de muito tempo, vamos ao encontro, convictos de que lá está o que queremos, mas, ao acionarmos o aparelho, nada ouvimos... e concluímos que, na realidade, nada mais temos para recordar. O que foi importante naquela época, positivo ou negativo, no nosso passado, será a mesma coisa no nosso futuro... como sou alguém que não quer ter qualquer aparelho que falhe, no momento que mais preciso... gravei bem meu passado, procuro viver o presente como inspiração para embasar o futuro.

Conheci a cidade de Passo Fundo com aproximadamente 10 anos de idade, e isso foi um verdadeiro sonho para um menino que vivia na roça. Entre tantas coisas, o gravador de minha mente gravou a Praça Marechal Floriano e, de forma muito destacada, o lago que ainda hoje ali permanece. Nele existiam muitos peixes coloridos, de vários tamanhos... além disso, belos canteiros com flores de muitas cores, entre uma vegetação verde...

Após alguns anos, vim morar em Passo Fundo e pude desfrutar do que ali funcionava, como lazer, recreação e religião... Tudo ao re-



dor da praça, pois quem for de minha faixa de idade, e o gravador da mente funcionou bem, tem isso gravado, na fita da saudade, as entradas e saídas dos cinemas Real, Imperial e Pampa, os restaurantes, os cafés e as casas de jogos que ali funcionavam. As missas da Catedral. Quem não lembra a das 10 horas nas manhãs de domingo? Ela tinha um *glamour* especial, pois, após seu término, havia a esperança de encontrar alguma pessoa, também muito especial, o mesmo era feito antes e após as saídas dos cinemas. Tudo isso tem um registro de coisas do passado, mas, na essência, não o é, nossa praça ali está, eu e tantos outros. Também é verdade que muitos já se foram, a exemplo do inesquecível Peri, que guarnecia a praça com tanta dedicação e carinho, como se ela fosse sua propriedade particular, porém, como acho que neste mundo pouca coisa nos pertence, aproveito para documentar através de uma poesia o que significa, para mim, a praça principal de Passo Fundo. Considerando que nem da própria vida somos donos, a Praça Marechal Floriano vai continuar participando da vida de muitos como um centro de reflexão, meditação e paixão, para quem, de alguma forma, ama esta terra.

Contudo, se considerarmos só o presente e o futuro, gostando ou não, um dia tudo o que aconteceu estará no passado; com certeza, eu mesmo não estarei mais aqui para contar história ou estórias em forma de poesia, como a que segue... após isso e no futuro, se alguém se lembrar de mim, que seja como poeta, mas que esse alguém seja um historiador, pois temos tantos e bons em nossa terra, e também que goste de nossa praça. Assim, com estes versos e estrofes, eu e a praça teremos uma pequena possibilidade de não sermos apenas parte de um arquivo morto, de uma época do passado...



15. As primaveras de nossa praça

Meu amor, ainda hoje eu me lembro
Fim de setembro e o desabrochar das flores
Rosa em botão que mexeu meu coração
E encheu meus olhos de beleza e de cores...

Meu amor, ainda hoje, às vezes volto
Ando na praça da sempre minha cidade
Os passarinhos me parecem ser os mesmos
Nos meus amigos, eu espelho a minha idade...

A catedral como fiel testemunha
Viu, em silêncio, o nosso amor atrevido
Naquele banco entre arbustos e flores
A gente achava que estava muito escondido...

O tempo foi e nesta praça eu não te encontro
Eu volto e conto esta história só para mim
Mas acredito que, ao passares neste ponto
Fazes o mesmo, lembrando que foi assim...

Mas, na verdade, esta saudade não passa
Nunca desfaça lembranças boas assim
E se voltares a sentar no mesmo banco
Conta para ele o que falavas para mim...

Na realidade, sou mais um velho na praça
Que anda sem graça, chegando a lugar nenhum
Hoje é o tempo e tua falta é que me abraça
Beijo e amasso se tornaram coisa comum...



Outros idosos que frequentam esse ambiente
Sinto que todos têm um passado na mente
Quem envelhece, pelo que já me parece
Só solidão é que vai sobrando para a gente...

Na nossa praça, ainda sinto o teu visual
Ninguém esquece uma paixão de adolescente
Para que a velhice se torne menos real
Eu imagino nosso passado presente...

Na primavera, quando voltam beija-flores
Eu também volto e voltarei até meu fim
Para relembrar o que vivi naquele banco
Com a flor menina que enfeitava meu jardim...

Mas, na verdade, esta saudade não passa
Nunca desfaça lembranças boas assim
E se voltares a sentar no mesmo banco
Conta para ele o que falavas para mim...



16. A dor maior que o gemido

Não canto para me exibir
Nem só para lustrar o ego
Mas quando a coceira surge
Eu sei bem onde me esfrego
Dos prazeres ao trabalho
Eu enfrento e não renego
Desde guri que já sei
Usar martelo e o prego
Se eu não posso fazer o bem
Para quem pode, eu delego
Mas neste país já vi coisas
Que bom seria ser cego...

Embora a infância sofrida
Não deixei de ser pachola
No iniciar a estrada da vida
Frequentei pequena escola
E nela encontrei o saber
Para nunca pedir esmola
E o lazer que pude ter
Era cantar com minha viola
Assim passei a definir bem
Quem engana e quem enrola
Para mim, ladrão é ladrão
De avião, de carro ou sacola
Qualquer um não deita em mim
Pois não sou colchão de mola...

Por isso, em muitos ambientes
Sinto que sou contestado
Quem não for bem transparente
Se sente mal ao meu lado
Pois esse tipo de gente
É pior que peste no gado
Eu não sou veterinário
E nem estou imunizado
Pois vacina contra isso
Não se encontra no mercado
Então até se justifica
Que eu viva meio apartado...

No fundo, falar verdades
É raro quem dá ouvido
O povo já acostumou
Com o que não tem sentido
Meu País é um mar de lama
O meu Estado está falido
Quem chupa o sangue do povo
Forma um grupo protegido
Quando querem dose maior
Afinam o mesmo zumbido
A moral dessas confrarias
É o sujo lavando o encardido
Ter que aguentar gente assim
A dor é maior que o gemido...

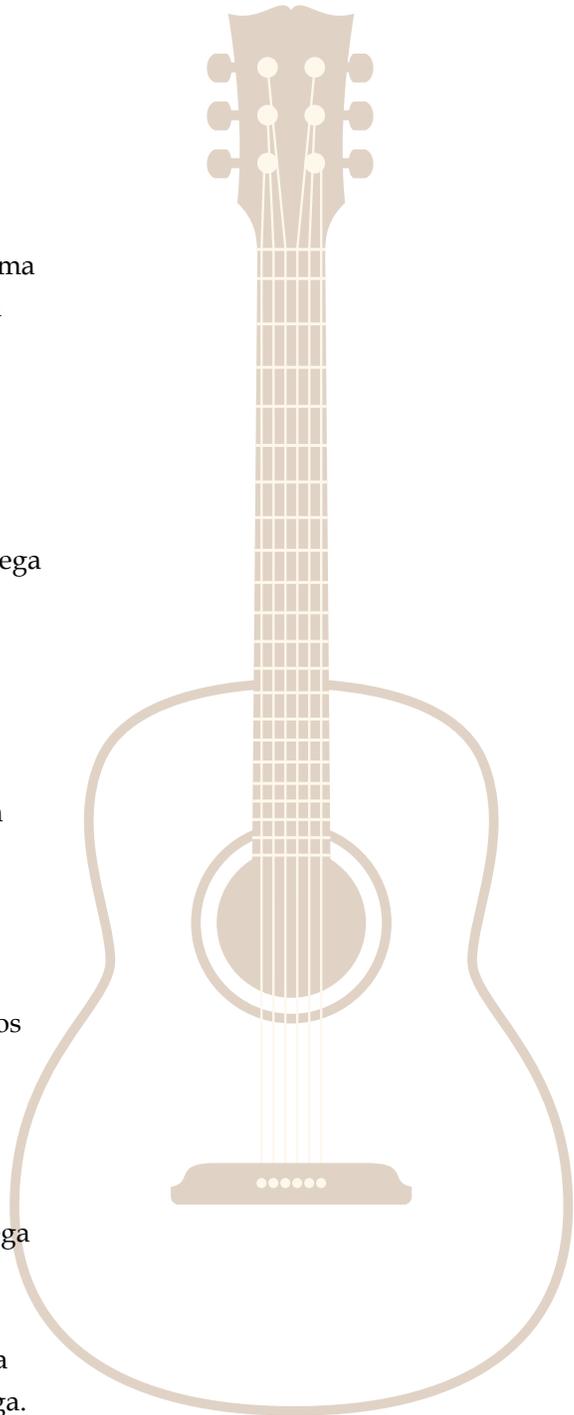
17. A pomada da alma

A poesia está em todos
Só encontra quem procura
Serve para expressar amor
Paixão que passa e que dura
Também retrata o que é fino
É usada até na grossura
E nunca vai ser a moda
Dessa que vira frescura
Poesia tem sabor doce
Muitas vezes de amargura
Quanta lembrança e saudade
Na poesia é que perdura
E dizem com jocosidade
Que poetizar é loucura
Pena... que desses loucos
Não tem com muita fartura
E se o poeta for um doente
Na poesia encontra a cura.

Poeta é um tanto diferente
Na mente cria a estrutura
E rapidamente ele separa
A coisa clara da escura
E na música vai muito bem
Sem precisar de partitura
Poeta não é um desenho
Em planta, mapa ou brochura
Nem enforna numa forma
Não modela em moldura

E também ninguém calcula
Sua área ou espessura
Poeta não surge em série
Com diploma e formatura
Nem passará a ser isso
Em função de assinatura
Não depende de registro
De alvará, nem escritura
É raro quem sabe ouvi-lo
Até por questão de cultura
E muitos foram calados
Pelos donos da censura
Poeta é igual a um pintor
Ou quem faz escultura
Sem pincel, tela ou bronze
Diz no verso o que procura
Mesmo sem tinta nenhuma
Pinta arco-íris nas alturas
E mesmo sem aparecer
Põe as cores na figura
E pode estar entre tudo
Mesmo assim, não se mistura
E os iguais, por serem mais
Acham que ele é a loucura
Pena... que desses loucos
Não tem com muita fartura
E se o poeta for um doente
Na poesia encontra a cura.

A poesia, na verdade
Não surgiu de uma regra
Mas de uma necessidade
Que no íntimo se carrega
De mostrar uma intenção
Que o destino nos delega
Ou qualquer outro problema
Que surgindo não sossega
Poeta, ao passar por isto
É nos versos que se apega
Mesmo em plena solidão
Com muitos ele congrega
Provando que sentimento
Para si mesmo ninguém nega
A poesia pode ser vista
Até por pessoa cega
Essa luz é tão sensível
Deus envia e não sonega
Quantia à disposição
Mas muita gente não pega
Ela pode ser mostrada
Num teatro ou na bodega
E essa mala de carinho
Todo poeta carrega
Sempre em forma de versos
Ele vai fazendo a entrega
Basta que alguém deseje
Maria, João ou Lorega
E pode ser a anestesia
Nas dores de quem se apega
Faz esquecer as do corpo
Enquanto a mente trafega
Ou vira a pomada da alma
Que o poeta mesmo esfrega.





18. O meu aniversário

(21/05/2015)

Sou poeta e faço versos
De tudo o que se comenta
Escrevo desde guri
Sempre tive a alma atenta
A tudo o que me rodeia
Agradeço quem me orienta
Hoje é meu aniversário
Pois já passei dos setenta
Da forma como me sinto
Creio que vou aos noventa
Se não der, já vivi coisas
Entre lindas e violentas
Por isso a Deus agradeço
Uso reza e água benta...

Acompanho a nossa história
E o que ela documenta
O bem que se faz com arte
E "arte" que ninguém aguenta
O que é necessário parado
Mas a maldade movimentada
Onde o bem anda dormindo
Ela chega e arrebenta...

Raros projetos dão certo
De milhões que o povo tenta
O Pero... lá escreveu na carta
Aqui, plantando só aumenta
Pois semente de ladrão
É a que melhor fermenta

Por aqui, isso é uma praga
Não termina e só aumenta
De todo bolo, essa fatia
Sempre foi a mais nojenta
Ladrão rico no geral
Pose de honesto aparenta
Não falta quem o bajule
Enquanto o dinheiro sustenta
Quem acostumou no roubo
Enquanto há vida sempre tenta.

Pois quem rouba é coisa ruim
Prima-irmã da avarenta
Há quem logra pessoa esperta
Só imagine a desatenta...

Nosso país é um paraíso
Tem tudo o que se fomenta
Daqui já levaram ouro
Pedras que só Deus inventa
Madeira já em quantidade
Hoje a Amazônia lamenta
Outros estados devastados
A terra nua o sol esquenta
Pois ladrão organizado
Forma grupo e se orienta
No início ou descoberta
Foi notícia e barulhenta
Era dinheiro jorrando
Que o petróleo incrementa

Outras pátrias nos olham
E agem de forma ciumenta
A riqueza gera cobiça
E quem não cuida se lamenta
Mas é na parte mais fraca
Que a corda sempre rebenta
Hoje o povo brasileiro
De novo, chora e lamenta
A independência econômica
Virou piada fraudulenta
E restaurar o que já era
É o que muita gente tenta
Mas aqui a honestidade
Viveu tempos de tormenta
Ou como diz um ditado
Que na mensagem sustenta
Colírio nos meus olhos
No dos outros vai pimenta
Pois, pelo que aqui se rouba
Nem a Petrobras aguenta
Mas em rima deixo escrito
O que esta obra documenta...



19. Em algum ponto ela toca

Poesia ou música que faço
Em algum ponto ela toca
É versejando e cantando
Que acalmo o que me sufoca
Muita gente me admira
Há também quem me provoca
Tipo bugio que não trepa
Ou tatu que não cavouca
Há outro que por bem pouco
Até de sexo ele troca...
E a Democracia ampara
Quem gosta estoure a pipoca...

Nas pescarias da vida
Sei onde usar a minhoca...
Admiro mulher simples
E fujo de falsa dondoca...
Homem que não tem palavra
É furadeira sem broca
E terra que não tem firmeza
Vira vala ou voçoroca...
Na linguagem apimentada
Até na estrada tem barroca...

Há quem já me deu as costas
Hoje me vê se arreganha
Em certos pontos da vida
Só vai chegar quem barganha
Nisso há um sabor especial
Sabe disso quem apanha
Meu café é pão com mel
Mas já foi broa com banha
Já tomei cachaça pura
Hoje é whisky com castanha
Mesmo assim, eu sigo simples
A hipocrisia é que me arranha...

Por usar o que é sincero
Tem gente que se arrepiava
Quem me transformou assim
Foi o ar da hipocrisia
Nunca bajulei ninguém
Por ser grande na hierarquia
Basta ser boa pessoa
Já tem minha simpatia
Sempre busquei, a meu custo
O que preciso dia a dia
Aprendi a filosofar
Nas águas de pescaria...



20. Carne de pescoço

Há tempo, tenho por vício
Unir papel com tinta preta
Escrevo e componho músicas
E uso bem minha caneta
Mas a sorte em nossas vidas
É uma espécie de roleta...

No violão, eu desempenho
Uso bem corda e palheta
Pura poesia é meu verso
Desafio a quem se meta...
Problema é encontrar palco
Para velho sem silhueta...
Nessa hora, o que mais vale
Coxa, bumbum e quem meta...
Ou ser um belo garoto
E resmungar coisa sem letra...
Outros nem chorar não choram
Só vivem de boca na teta...

Há quem faz qualquer besteira
Já explode mais que espoleta...
Para mim, só surge atoleiro
Para atolar minha carreta...
Pois aqui o sino se cala
E sobra chance para sineta...

Pois não fumo certas coisas
Que bem no fim é fumeta
E também não cheiro outras
Para não virar num xereta...
Não sou quem parece rico
Mas sem grana na gaveta...

Envelheci vivendo aqui
Aguentando tudo no osso
Já andei o maior trecho
Logo ali, é o fim do poço
E paguei por filé *mignon*
E só vem carne de pescoço...

Não venham sentar em mim
Pensando que sou banqueta
Saibam que corno é guampa
E instrumento é a corneta
Vaca tem de vários tipos
Barrosa, malhada e preta...

Não penso que “sou o cara”
Para não virar num careta
Tem gente que é só um chulo
Mas chulo não é chuleta
E picanha é carne nobre
Outra coisa é picareta...
Uma serve para alimento
A outra para abrir valeta
Vale também para pessoa
Que não merece etiqueta...

Envelheci vivendo aqui
Aguentando tudo no osso
Já andei o maior trecho
Logo ali, é o fim do poço
E paguei por filé *mignon*
E só vem carne de pescoço...



21. Grosso metido a fino

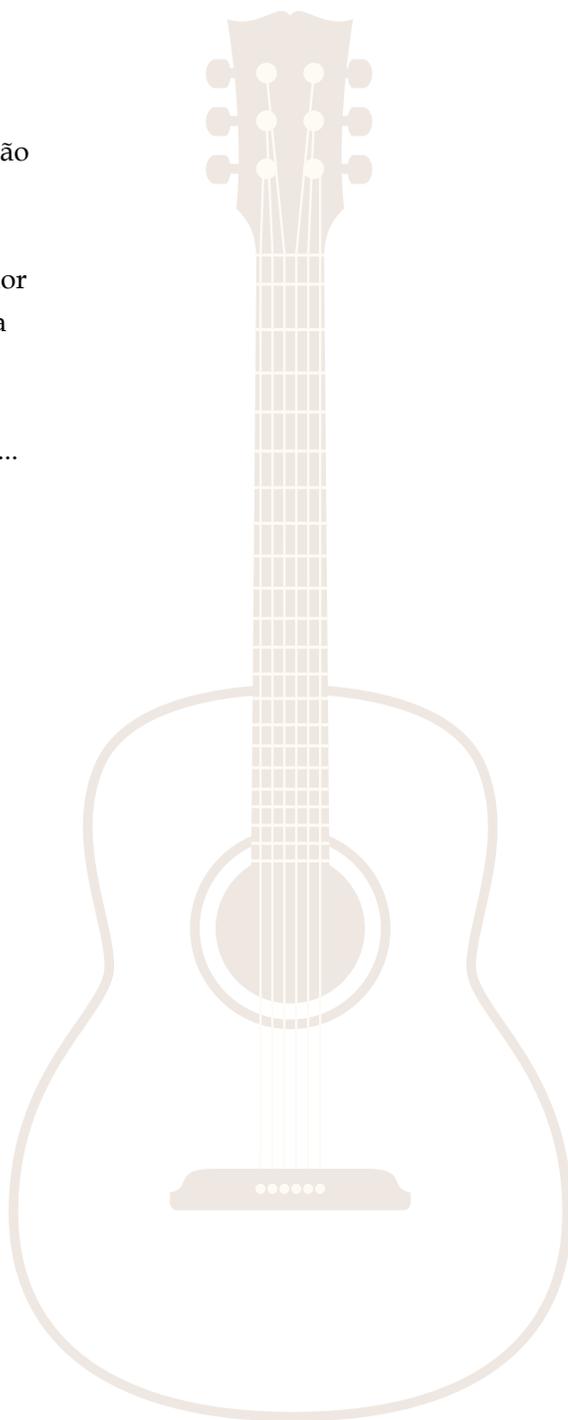
Talvez a vida da gente
Siga a obra do destino
Desde criança descobro
Muitas coisas pelo tino
Ser adulto não impede
Que me mantenha menino
Brinco sério com verdades
Assumo aquilo que assino
Deus eu respeito com reza
A Pátria, bandeira e hino
Sinto logo o que é sincero
Tenho pavor de cretino
E sempre quero distância
De grosso metido a fino.

É no ensinar que se aprende
Se de graça é divino
Pobre que pensa que é rico
Vive sempre no pepino
Pra esse tipo de gente
De avalista não assino
Também não badalo rico
Só puxo cordão de sino
Falta de vergonha existe
Contra isso não vacino
Violão e mulher com corda
Em minhas mãos, eu defino
Coisa frouxa quem não sabe
Que é furo maior que o pino.

Espaço pra mim eu faço
Chego sem mandar aviso
Subo pelas minhas forças
E nas pessoas não piso
Mas, se pisarem em mim
Vão cair, porque sou liso
Não ando julgando os outros
Mas de mim fazem juízo
Vivo sonhando com lucros
Já banquei muito prejuízo
Cascavel e sogra braba
A diferença é no guizo
Carinho, amor, eu não vendo
E não compro, se preciso
Ser e fazer alguém feliz
Sempre é só isso que viso...

Sou um esteio de humildade
Sou nativo do interior
Gosto de andar à vontade
Conforme o frio ou calor
Depois que fiz faculdade
Pós-graduei pra ter mais cor
Também parei por aí
Não me estufa ser Doutor
Pois não vivo de vaidade
Usando isso pra me impor
E é pela obra que sinto
A mensagem do pintor
Pois meu país anda cheio

De crise, miséria e dor
E a culpa de tudo isso
Qualquer um é sabedor
Que ladrão sempre é ladrão
Seja ele lá quem for
E a justiça, quando falha
Ninguém dimensiona a dor
E a esperança é na cultura
Para dar luz ao eleitor
Num país que falta isso
O lixo entulha o corredor...





22. O tempo responde

Foste dona tanto tempo
De um amor que ainda existe
Mas jogaste tudo fora
Pelo prazer de me ver triste.

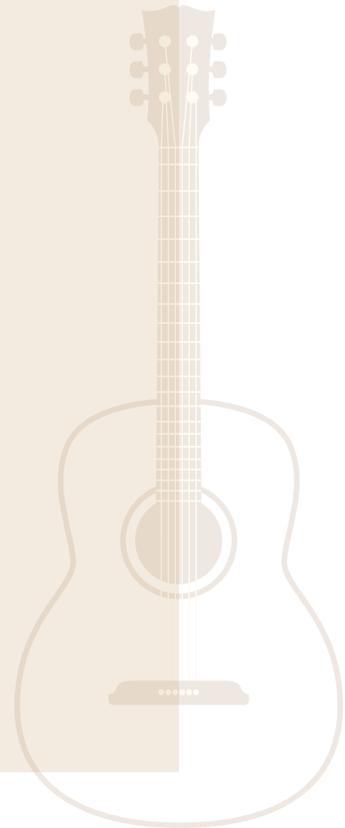
Já andei naquela rua
Onde hoje sei que moras
De noite alta em noite alta
Muito tarde, fora de hora.

Na janela do teu quarto
Me escondi no pé de amora
E escutei tu chorar tanto
Pelo amor que foi embora.

Já saí de lá pensando
Se eu voltar, tudo melhora
Nem que seja por momentos
E depois tudo piora...

Sei que ainda vem mantendo
Todas honras de senhora
Na farsa de não me rendo
Logo, tudo se evapora...

Deixo que o tempo te cobre
A preço de quem pôs fora
Orgulho sempre se quebra
Nas garras de quem explora...





23. Como se faz tatuzinho

Por chegar aonde estou
Foi andando do meu jeito
Não tenho tanto quanto outros
Pois não ganhei nada feito
A não ser ter disciplina
E, na amizade, o bom respeito
Isso é tudo o que se quer
Encontrar num bom sujeito
O resto a gente conquista
Por consequência ou efeito...

Há quem acha que o dinheiro
Na pessoa é a estrutura
Aonde chega vai mostrando
Porém não compra a cultura
Às vezes compra o remédio
Nem sempre consegue a cura
Ou é ele a própria doença
Com sintomas de loucura
Pois anestesia se aplica
Antes de abrir a fissura...

Cavalo não cria guampas
Porta aberta é abertura
Pois melado é uma coisa
Mas não é a rapadura
Não compare clima fresco
A outro tipo de frescura
A chave, quando é correta
Entra bem na fechadura
Buraco é o tatu que sabe
Porque abre ou porque fura...

Vou terminar este tema
Da água fiz um bom vinho
A rosa nos dá a beleza
Porém nos fura o espinho
De furo é o tatu que sabe
E usa com muito carinho
Fez um bem grande no chão
Cavoucou tudo sozinho
E é cavoucando e furando
Que ele faz o tatuzinho...



24. É nua, crua e bendita

(12/07/2016)

Sou poeta e sou cantor
Com melodia na escrita
Meus versos todos têm cor
Mas exigem quem reflita
A paisagem, nem sempre toda
Está mostrada na fita
Há mulheres feias na plástica
E de alma superbonita
A paixão é um bolão
Que por vezes vira bolita
E o alarme da traição
É no silêncio e não apita...

Carneiro é o macho da ovelha
É uma verdade infinita
Mesmo assim, vejo cabrito
Berrando que nem cabrita
O fígado às vezes rejeita
E daí quem não vomita
Em grande parte dos políticos
Eu culpo é quem acredita...

Tem coisa que Deus define
E o homem nela se atrita
O pecado é uma tentação
E a mentira nele habita
A política é uma invenção
Com tempero de maldita
No Brasil, essa indecência
Nem com reza se evita
Sai do cargo um mentiroso
Outro pior alguém cogita
Ainda mais se é tatu grande
Se não tem, vai um mulita
A diferença é no buraco
Onde cada um habita
Pois o rombo é que define
E a diferença é infinita...

Inventam mil fantasias
Lantejoula e cor na fita
Mas... a verdade verdadeira
É nua, crua e bendita...
Pois tatu grande não cabe
No buraco de um mulita
Em político e caçador
Quase ninguém acredita...



25. Imensa casa de morcegos

Resolvi mostrar em versos
O que nesta terra eu vejo
Pois aqui há grande união
E decidem num lampejo
Gato e rato se reúnem
Para comer o mesmo queijo
Mas, para quem os elegeram
É pior que sofrer despejo
Ou dormir em um colchão
Crivado de percevejo...
Só colho mais decepção
Em cada um que elejo.

De tanto ver essas coisas
Minha aura se entristece
Pois este é o meu Brasil
Discorda quem não conhece
Ou alguém que está mamando
Em teta que não merece
Ou vota porque é obrigado
E, ao fazê-lo, logo esquece
Há quem entra por cordeiro
E como lobo permanece.

Para o eleito é um paraíso
E para o ego tudo brilha
O novo vai pelo mais velho
Ai de quem não siga a trilha
Não seguindo, vem ameaça
Que constrange e até humilha
Para aumentarem a si mesmos
Agem melhor que em matilha
E nem a Constituição
Os enquadra por quadrilha.

Gostaria que estes versos
Não venham a morrer ao léu
Não vejo quase ninguém
Para quem tirar o chapéu
Se existir, há um que outro
E o povo guarde por troféu
Eu cansei de falsas virgens
Que casam usando véu
Confiar mesmo só se for
Em Deus Pai que está no céu...

Além do ganho oficial
Vêm acordos e achegos
Raro é ficar só na teta
Propina mantém chamego
Só se vive de esperança
E sonhando com sossego
Pois por amar meu país
Compus isto e por apego
Esse território imenso
Virou casa de morcego...

Gostaria que estes versos
Não venham a morrer ao léu
Apontam negras estrelas
Que pontuam nosso céu
Só querem é mordomia
E pensam que são troféus
O povo vive preso a eles
E pelo voto vira réu
A maioria é falsa virgem
Casa de branco e de véu
Não vejo quase ninguém
Para quem tirar o chapéu
Confiar mesmo só se for
Em Deus Pai que está no céu.



26. Para chegar, tem o momento

Perante quem tem demais
Parece que tenho pouco
Por saber o que é não ter nada
Valorizo qualquer troco
Conheço bem a incerteza
Crise, pressão e sufoco
Quebrei pedra e já lavrei
Capinei e arranquei toco
“Desmanchei ninho de cobra”
“Matei onça e leão a soco”...

Hoje canto só o que faço
Pois são obras de meu coco
Na razão, ninguém me cala
Nem que o grito saia rouco
Admiro o pássaro pica-pau
Pois constrói o próprio oco
Por crescer num berço pobre
Nunca fui um dorminhoco
E é fácil qualquer ciumento
Chamar a gente de louco...

Com esses, não me preocupo
Mesmo assim, eu fico atento
Pedra dessas no meu caminho
Não quero para calçamento
Quem enfrenta estrada assim
Até chegar o tempo é lento
Não transfiro a minha cruz
Tem o peso que eu aguento
Cada metro que conquisto
É sagrado... ou muito bento...

Passei a dar satisfação
Logo após meu nascimento
E a seguir por onde cruzo
Tudo tem seu regimento
Sei que o respeito mais nobre
Vem é por merecimento
E todo anjo, para ser anjo
Não pode ter pagamento
Jesus Cristo, o Rei dos Reis
Já trilhou no sofrimento
Deus não esquece da gente
Mesmo estando desatento
Pois quem chega... como eu chego...
Sabe o que é... esse momento...

Recordo ou volto às raízes
No arquivo do pensamento
Vou revendo caso a caso
Tudo está no assentamento
Os pais... e a menina amada
E o primeiro atrevimento
Vento, sol, chuva e geada
Passei por tudo ao relento
Idade eu tenho bastante
Mas não envelhecimento...

Mesmo tendo que aceitar
Quem questiona meu talento
Eu sou ave que voa
Até mesmo contra o vento
Onde há muitos predadores
O pouso ali eu nem tento
Quem mostra que não me engole
Vê que não sou alimento
Quem tenta me diminuir
Inspira o meu crescimento...

Dinheiro muito me ajuda
É parte de meu sustento
Mas não sou quem se vale dele
Para impor falta de talento
Até por não ter mais nada
De maior convencimento
Na sombra desses, não paro
Não deito e também não sento
Para trás, muitos já deixei
Nas margens do esquecimento...

Da poesia... faço oração
Meu cantar é o testamento
O violão e o meu coração
Fazem acompanhamento
Ritmando a minha vida
Na dança do sentimento
Cada sonho que realizo
Agradecer é o Sacramento
Deus não esquece da gente
Mesmo estando desatento
Cuida até de minha alma
Para o fim e o renascimento
Pois quem chega... como eu chego...
Sabe o que é... cada momento.



27. Agradeço esse momento

(06/10/2009)

Dizem que homem não chora
Aceitar isso é um tormento
Existe é quem carrega traumas
Ou bloqueios de ensinamento.

Pode não chorar por fora
Muito mais chora por dentro
Por chorar não diminuo
Pelo inverso, até aumento.

O choro é nato dos humanos
Eu choro em qualquer momento
Basta que exista motivo
Que toque meu sentimento.

Já chorei muito sozinho
Ou tendo acompanhamento
Chorei por não ter carinho
Também fazendo acalento.

Deus sabe entender meu choro
Como o melhor argumento
Pois Cristo chorou por nós
Sob a dor e o sofrimento
Pelo orgulho que usamos
Quando fazemos julgamento
Choro por ver quem não chora
São pedras, ferro ou cimento
Não choram se as águas levam

Nem quando é a força do vento
Nem se for o fim da estrada
Que não tem mais seguimento
Agradeço aos que chorarem
Pelo meu desaparecimento
O choro pode até ser arte
Basta chorar com talento
Se Deus perdoar meus pecados
Chorei, mostrando arrependimento...

Há quem chora por ser bom
E outro por ser violento
Eu choro ao ver choro sincero
E quando é puro fingimento.

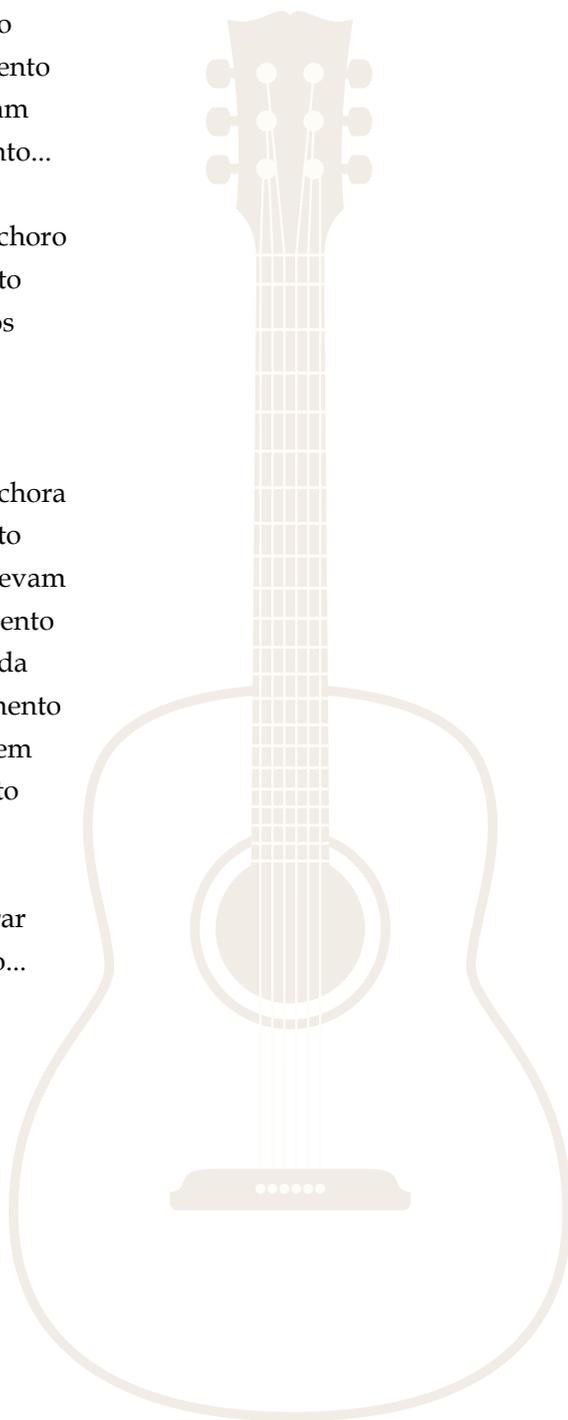
O choro está na ingenuidade
Também no aproveitamento
Vejo quem chora de graça
E quem faz dele investimento.

O choro é o sinal da vida
Na hora do nascimento
Choro por quem já partiu
E não vai ser esquecimento...

Chorei por não ter nem chance
Ao tê-la, não estive atento
Pois até cantando eu choro
Mesmo no envelhecimento.

Envelhecer é não ter preço
Se fosse, não teria pagamento
Quantos jovens que só riam
E não vão ter esse momento...

Deus sabe entender meu choro
Como o melhor argumento
Pois Cristo chorou por nós
Sob a dor e o sofrimento
Pelo orgulho que usamos
Em forma de julgamento
Choro por ver quem não chora
São pedras, ferro e cimento
Não choram se as águas levam
Nem quando é força do vento
Nem se for o fim da estrada
Que não tem mais seguimento
Agradeço aos que chorarem
Pelo meu desaparecimento
O choro pode até ser arte
Basta chorar com talento
Deus vai sorrir se eu chorar
Um puro arrependimento...





28. Bombando estou na internet

(15/07/2016)

Sucesso não vem de graça
Minha obra é que compete
Há quem vive é de padrinho
Com esse ninguém se mete
Os ciumentos me remoem
E pensam que sou croquete
Para brigar pelo que eu quero
Não me dão nem canivete
Amargura eu não mastigo
Nem me adoço com chiclete
De carona é bem mais fácil
Eu chego pagando o frete.

Ao vivo, muitos me aplaudem
Bombando estou na internet
Confio é nas minhas bolas
Também na minha raquete...

De carona é bem mais fácil
Eu confio em meu topete
Máscaras de carnaval
Candidato é quem repete
Só cria ilusão para os outros
Mas nunca se compromete
Tudo o que tenho na vida
É fruto de meu basquete
Persistência não me falta
O que é bom, quem não repete?
Sou do grupo dos que fazem
Tem bastante é quem promete

Sacana ou cara de pau
Não faz barba com gilete
Como é bom se ter Ferrari
Mas usar como um Chevette
Pois falar sério é uma coisa
Bem outra é jogar confete
Diante de quem tem dinheiro
Raro é quem não se derrete
De carona é bem mais fácil
Eu chego pagando o frete.

Ao vivo, muitos me aplaudem
Bombando estou na internet
Confio é nas minhas bolas
Também na minha raquete...
Basta entrar no YouTube
Procurar Xiko Garcia
“Recado ao falecido pai”
É visto com euforia
E a maior parte do mundo
Já conhece essa poesia
É a mais pura realidade
Tudo o que meu pai dizia
Porém, o que eu ia ver
O pobre velho não sabia
Os anões do orçamento
Cachoeira sem água fria
Universidade é o mensalão
Com Reitor na Reitoria
Depois veio a Petrobras
Que virou pó de serraria

Tinha ladrão mais que petróleo
E ninguém sabia a quantia
E quem devia saber
Até de bobo se fazia...
Daí eu lembro meu pai
E o que em vida me dizia
Roubo é roubo, não importa
Pode ser qualquer quantia
Não roubei, mas estou velho
Vivendo sempre na chia...
Nesse ponto, é uma verdade
Era o que sempre me repetia
Capital, luxo ou riqueza
Nunca vem por cortesia
E se vier, tenha certeza
Que te cobram no outro dia
Sendo honesto, grande chance
É a noite ser sempre mais fria
E a morte, fiel companheira
Só aguardando o teu dia...
Evite não dever para agiota
Nem para tio, nem para tia...
Já é uma grande riqueza
Vais morrer em harmonia
Antes, se houver um tempinho
Um Pai Nosso e uma Ave Maria...
Para manter o que ensinaste
Sempre estou em agonia
E o que eu ganho por ano
Um sacana ganha num dia...
E agora o Coronavírus
Completo a epidemia...



29. Amor, dinheiro e comida são tudo na vida

O Viagra está fazendo
"Pica-pau" mudar de oco
Tem que voltar a trepar
Mais do que macaco em coco.

Uns até morrem de ânsia
Pois o gás já anda pouco
E a novinha faz carinho
Deixa o velho quase louco.

Ele pensa que é verdade
Abre a mão e entrega o troco
Ficando às vezes sem nada
Matando mosquito a soco...

A mulher se atualizou
Para chegar ao que queria
Pois têm coroas e novas
Ganhando grande quantia.

Comandando muito macho
Na posição de chefia
Há homens de vários preços
Nos itens da economia.

Tem malandro recebendo
Uns por mês, outros por dia
Ela sai e ele fica
De babá, cuidando a cria...

A coisa está se invertendo
Isso antes não havia
Como o dinheiro é que manda
É assim a hierarquia.

Há quem só vive encostado
Esnobando regalia
A esposa parece mãe
Quase avó, mais para titia.

Manda mais que General
Que não concede anistia
Tem "machão" que só resmunga
Tá como o diabo queria...

Mas, para não perder a "teta"
Ele aguenta e não chia...
Come mesmo é gororoba
Como se fosse ambrosia...

A insegurança de fato
É coisa velha e antiga
Grana para uns é difícil
Sem ela, não se tem liga.

Quando a boca está com fome
Até imaginando mastiga
O amor não é diferente
E quando ataca castiga.

Tem coisa que, se iniciada
Nunca mais ninguém desliga
Sexo, dinheiro e comida
Na falta, quem não se obriga...

Hoje tem jeito para tudo
Até para evitar barriga
Dá para comprar excitação
Depois, debulhar a espiga.

Há quem aguenta no seco
Mas vive fazendo figa
O elefante se complicou
Andou tentando a formiga.

E a vida sem certas coisas
Nem tem graça que prossiga
Amor, dinheiro e comida
Só morto que não se liga...

Alguns que estavam parando
Veio o Viagra que instiga
Esposas não rezam mais
Tomara que ele consiga...

Os velhos querem canteiro
Sabem que a mangueira irriga
Dizem que umas e outras
Fogem ou partem para "briga" ...

E a vida sem certas coisas
Nem tem graça que prossiga
Amor, dinheiro e comida
Só morto que não se liga...



30. A marca

Do riso ao choro, eu versejo
Por noção, não por nocivo
Se cantar espanta os males
Nisso encontro o incentivo...

Pois meus temas já preenchem
Revistas, jornais e livros
Pela voz, eu complemento
O que gosto e não me privo.

Toda atitude tem preço
E vai pagar quem é ativo
Pergunte ao Adão que é Eva
E para a Eva que virou Ivo.

Mostro o que sinto em poemas
Do Racional ao Instintivo
Pois escolhi viver assim
Para não ser um defunto vivo.

Tudo o que digo cantando
Dá para ser numa poesia
Quem me conhece já sabe
É marca do XIKO GARCIA.

Tudo o que digo cantando
Dá para ser numa poesia
Quem faz isso com prazer
Vale por lazer e terapia.

Por cantar consigo coisas
Que nem por dinheiro vêm
Pois um sorriso sincero
Os que compram nunca têm.

Meus versos são que nem filhos
Sendo pai, sei querer bem
O que se faz com amor
O coração sempre detém.

Cantando e poetizando
Assim viajo no meu trem
Pois, ao terminar a estrada
Aqui não fica ninguém.

Ao chegar nesse endereço
Nada vale o que se tem
Mas um poeta não morre
É na obra que se mantém.

Tudo o que digo cantando
Dá para ser numa poesia
Quem me conhece já sabe
É marca do XIKO GARCIA.

Tudo o que digo cantando
Dá para ser numa poesia
Quem faz isso com prazer
Vale por lazer e terapia.



31. A tortura

Não venham me perguntar
O que vai ser nosso futuro?
Pois, para viver o presente
Desde piá eu me torturo
Sempre enfrentando inflação
Ganhar pouco e pagar juro
E essa luz, pelo que sobe
Muitos vão ficar no escuro
Somando a conta da água
Até rico fica em apuro.

Como pobre e aposentado
Essa pedreira eu perfuro
E todas as dores que sinto
Com o que ganho não curo
Vem imposto sobre imposto
No que como e escrituro
Para pagar os que legislam
O fiscal e o dedo duro
E mais um bando de figuras
Que o emprego é obscuro
Isso é o que mais se encontra
Tem verde, podre e maduro.

Ladrão tem de todo tipo
Branco, amarelo e escuro
Meu carro já foi levado
Não me pagam o seguro
Socorri-me da justiça
Hoje sei o que eu depuro

Leis que até me garantiam
Bem no fim, todas têm furo
Enchi o pátio de cachorros
Cerquei a casa de muro
Fui multado e processado
Porque o silêncio eu rasuro.
Não venham me perguntar
O que vai ser nosso futuro?
Pois, para viver o presente
Desde piá eu me torturo
Sempre enfrentando inflação
Ganhar pouco e pagar juro
E essa luz, pelo que sobe
Muitos vão ficar no escuro
Somando a conta da água
Até rico fica em apuro.

Por ser parte dessa massa
Vejo, sofro e me amarguro
Entre quem aceita isso
Sem querer, eu me misturo
O bom senso virou mau
Como bom, eu não censuro
O respeito é um moribundo
Ou... defunto prematuro
Foqueiro e gente falsa
Que se rasguem, não costuro.

Minha mulher é ciumenta
Explico, me ajoelho e juro
O que jurei no casamento
Vive me pondo em apuro
E esse próprio juramento
Bem no fundo, não é puro
Ela acha que é traição
E ameaça nosso futuro
Que eu ando pulando cerca
E por isso não a procuro
Não compreende que é a idade
E como eu era não perduto
Pois até no leite botam soda
O próprio mel é obscuro
Traição é um risco de todos
Mesmo crendo estar seguro.

Sem querer já sou um velho
Só nisso que não me apuro
Por ver tudo andando assim
Já nem eu mesmo me aturo
Como a vida tem um peso
Que para sempre não seguro
Antes que me dê um infarto
Eu imploro, peço e juro.

Não venham me perguntar
O que vai ser nosso futuro?
Pois, para viver o presente
Desde piá eu me torturo
Sempre enfrentando inflação
Ganhar pouco e pagar juro
Essa luz, pelo que sobe
Muitos vão ficar no escuro
Somando a conta da água
Até rico fica em apuro.



32. A verdade oculta

Por este verso ser simples
Sempre surge quem desfaça
Mas o que digo não visa
Fazer rixa nem pirraça
São verdades ocultadas
Que na vida a gente caça
Atingem todas as classes
E envolvem todas as raças.

Tem quem vive a transparência
E outro atrás da carapaça
Alguns são falsos felizes
Que bebem champanha em taça
Mas, para viverem assim
Para outros, geram desgraça
Vendem mentira concreta
Que não tem quem a desfaça.

Não importa se é no campo
Na avenida ou na praça
Alguns que não fazem fogo
Para não perder a fumaça
É nesse tipo de gente
Que a ingenuidade se abraça
Quando surge quem contesta
Nos pressionam com ameaça.

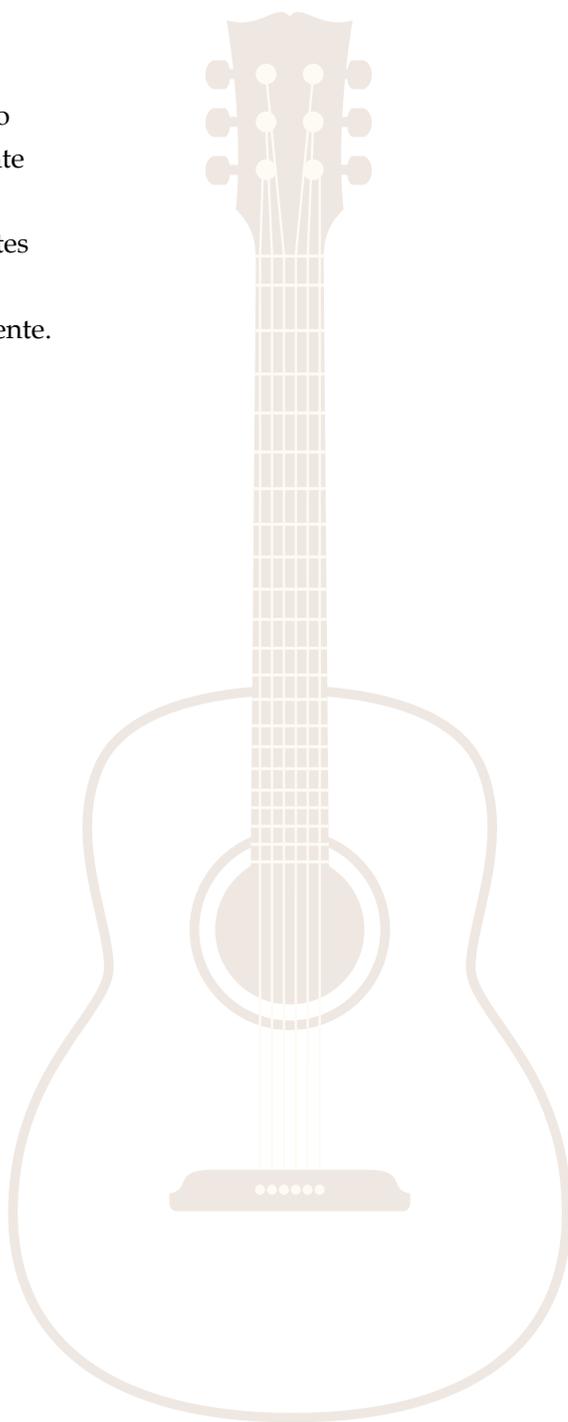
Pois mensagem distorcida
É o que se vê todo dia
Nasce aqui um mentiroso
Facilmente isso amplia
Mentem individualmente
Logo, arranjam companhia
E quem acredita neles
É bem maior a quantia.

Na verdade, para estes
Isto é um recado forte
Pois não pedi para nascer
Nem vou escolher a morte
Quem enriquece sacaneando
Não é justo e nem é sorte
Corrupção é a corrosão
Que corrói qualquer suporte.

Saí d'um cabo de enxada
Cheguei ao bacharelado
Por ter andado descalço
Sei o sabor do sapato
Parei de me diplomar
Para não aguçar o tato
Com muita diplomacia
Tem gente que vira gato.

Com minha viola consigo
Sentir os outros de frente
Uns me causam frustração
Outros me deixam contente
Sinto isso nos estranhos
Como também nos parentes
Para mim, é muito rico
Quem canta e diz o que sente.

O meu receio é ser preso
Por uma verdade dita
Pois tantas ficam ocultas
E quanta mentira escrita
Algumas se veem a cores
Assim ficam mais bonitas
Fico triste porque sinto
Que a maioria acredita...





33. A bichologia

Parece que só eu vejo
Um que mata e o outro rouba
E dizem que vão dar jeito
Ao dar, no fundo é manobra
Pois casco de tartaruga
Se quebra, mas não se dobra
E lobo não come lobo
Porém cobra come cobra
O efeito de tudo isso
Para o povo ingênuo, é o que sobra...

No meio de tanto bicho
Já nem levanto as orelhas
Predadores pele fina
Comem só da caça alheia
Se os bons carneiros não berram
O que será das ovelhas
E quando vejo providência
Vira em fâisca ou centelha
Mais e mais zangões no mel
Menos flores para as abelhas...

Sempre se tem a esperança
Que amanhã é outro dia
Só vêm aumentando os gatos
É o que se vê todo dia
Tento salvar o meu prato
Ver isso é uma agonia
Em terra desse aparato
Só eles têm mordomia
E os honestos nem se coçam
Mesmo cheios de alergia...

Aqui têm bichos que a gente
Já nem sabe o que eles comem
Uns se vestem de cordeiros
Numa estrutura de homem
E se dinheiro fosse alimento
Não há o que lhes mate a fome
Vivem sempre em alcateia
Cachorrice ou outro nome
E o horror que nos causam
É bem pior do que vampiro ou
lobisomem...



34. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura

Sempre explicitarei a vida
Da forma que ela resulta
E encontrei o resultado
Que motivou a consulta
Quem sempre paga o tributo
Não tem que temer a multa
Onde houver grande mentira
Pequena verdade avulta...

Ver de frente a realidade
Para muitos ela é oculta
Os autores todos morrem
A obra ninguém sepulta
Tem o que se faz no instinto
Mas bom seria uma consulta
Gravidez é uma ocorrência
Que ao surgir já é adulta...

Sempre existe quem me aplaude
Outros vivem me desfazendo
São coisas da sociedade
Por ser assim não me ofendo
Em tudo eu sou o que sou
E continuar eu pretendo
Aparentar e não ser
É tempo que estou perdendo...

Às vezes fico na moita
Mesmo assim, eu não me rendo
Nem sempre aparecer muito
É prova que está vencendo
Se subir mais não consigo
Vibro por estar me mantendo
Já é uma grande vitória
Perante os que estão descendo...

Mas quando mexo com fogo
Todo braseiro eu "acendo"
Se alguém me comprou por bobo
Só se eu não fiquei sabendo
E se a vida for um peixe
Quanto ao meu sou eu que vendo
Água também fura pedra
Mas se continuar batendo...



35. As cores do meu traço

Embora fazendo de conta
Que não vê o que eu faço
Mas sempre a gente se encontra
No ambiente ou no pedaço
A vida já me ensinou
Caindo e levando laço
Que ferro também se funde
O bronze, também o aço
Ninguém é mais do que ninguém
Mesmo sem trocar abraço.

Morrem o mendigo e o pobre
Também o grande ricoço
Vai o que vive imprensado
E o dono de grande espaço
Daí para a frente se anda
Cada um no próprio passo
Influência em nada decide
Não tem rolo ou embaraço
Outra jornada prossegue
É infinda, não tem cansaço
Ninguém usa outros meios
A não ser o próprio passo
Furar a fila, pra quê?
Não tem frio e nem mormaço
E o lucro de chegar antes
Não muda nada no maço
Tentar usar influência
Só vai gerar embaraço
Esse é um sonho de justiça
Que aqui é muito escasso
Assim é que pinto a vida
Com as cores do meu traço...



36. Até mesmo na Santa Missa

Meus versos dão para mostrar
Até mesmo na Santa Missa
Ali é lugar de fé
De esperança e de justiça
Até para falar com Deus
Às vezes se tem preguiça
A fé não está só em Roma
Em Belém ou lá na Suíça
Meditar poetizando
Não basta só ter cobiça
Tenho a energia suprema
Como a primeira premissa
Deus me inspira ao natural
Não porque alguém me atija
Pois rima que não diz nada
Só serve para encher linguíça
Velha não vai ficar nova
Por se vestir de noviça
Quem vive enrolando os outros
Um dia a polia enguiça...
A água sempre rola bem
E não precisa ser roliça...





37. Bagre passa por sereia

(28/08/2008)

Já mudei minha mensagem
Para ter chance na disputa
O que adianta fazer poesia?
Com cultura absoluta
Ao se tornar mercadoria
O que mais vende é coisa bruta
Vou mostrar cachorro morto
Por ter mais gente que chuta...

Já tivemos seleção
Que de craques estava cheia
No defender a Nação
Fizeram muita coisa feia
Mais vale sair campeão
Mesmo jogando sem “meia”
A Bandeira do Patriotismo
É pouca gente que hasteia...

Não defendo mais a árvore
Nem as flores, nem a fruta
Não vejo mais sanga limpa
Nem a beleza da gruta
O que adianta fazer poesia?
Com cultura absoluta
Ao se tornar mercadoria
O que mais vende é coisa bruta
Vou gravar o que gera corno
E faz a mulher virar puta
Só assim terei mais vendas
Muito Ibope e grande escuta...

O que rende poder e grana
Qualquer um chega e pleiteia
Escrevendo e falando errado
Posso ser chefe da aldeia
Vejo muito diplomado
Mostrando só cara feia
Nesses cargos ajeitados
E bajulando quem nomeia
Mas ganhando boa grana
E vivendo de cesta cheia
Sempre há quem colhe muito
Embora o nada que semeia...

Lá na roça, meu pai dizia
Do coro sai a correia
E por ironias que faço
Muita gente até me odeia...

Por um pão limpo e honesto
Pulsa meu sangue na veia
Pois tem sabor especial
E não vem de coisa alheia...

Mas enxergo o que está aí
O grande mal que nos rodeia
Nesse mar de hipocrisia
Bagre passa por sereia...

Pois famoso e com poder
É raro alguém ir para a cadeia
E se for... logo é liberado
Para não entregar toda a teia...

Não defendo mais a árvore
Nem as flores, nem a fruta
Não vejo mais sanga limpa
Nem a beleza da gruta
O que adianta fazer poesia?
Com cultura absoluta
Se no fundo o que mais vende
É o que mostra a coisa bruta
Vou gravar o que gera corno
E faz a mulher virar puta
Só assim terei mais vendas
Muito Ibope e grande escuta...



38. A esperança paga imposto

No Brasil, o pior imposto
Paga e sofre mais quem pensa
É vencer os conchavos
Isso é uma dura sentença
Depois vem a ignorância
Que não tem quem a convença
Pois se julgam em liberdade
Porém vivem numa prensa...

Também surge a concorrência
Entre religião e crença
E a lagoa da política
É imunda e imensa
Para encerrar a travessia
Tem outra de água densa
É ser visto com bons olhos
Pelos gigantes da imprensa...

Quem passar por tudo isso
É o “bom” e se convença
Mas quem sofre injustiça
Vive com a alma tensa
Onde só funciona esquema
Ser honesto não compensa
E o perigo é a esperança
Se transformar em descrença
Mas enquanto ela existir
É esperar que um dia vença...



39. Eu e o violão⁷

O meu violão no caixão
Eu quero levar comigo
Se assim não procederem
Pro outro mundo eu não sigo
Eu posso morrer para os homens
Mas não para este amigo...

É com ele que canto
Vitória, amor e paixão
Nas horas tristes me ajuda
Me tirando da aflição
Não quero deixar meu pinho
Pois, ao me sentir sozinho
Acho até que mesmo morto
Me baterá o coração.

Desmanchem, se for preciso
Para dar acomodação
O braço junto ao meu braço
Apertado na mesma mão
Daqui não se leva nada
Mas eu tenho uma intenção
Cantar quando lá chegar
Com meus pais e meus irmãos
Surgirão alguns amigos
Que muitos lá já estão
Quero estar com o meu pinho
Para recordar este chão.

As cordas, enrolem todas
Como pequenas coroas
Pois nelas estão registradas
As coisas ruins e as boas

A caixa substitua
O lugar do travesseiro
Para parecer carinho
De um colo brasileiro
De uma linda mulher
Nesse sono derradeiro
Que se pareça violão
Ao mostrar o corpo inteiro...

Dizem que a estrada do céu
É longa de extensão
E de pedaço em pedaço
Remontarei meu violão
E ao lembrar de vocês
Será grande a inspiração
Encurtarei o caminho
Cantando alguma canção.

São Pedro, ao me receber
Para grande interrogação
E se amar for pecado
Eu devo estar no listão
Mas creio que ele diga
Vocês eu já sei quem são
Como no céu tem cantiga
Eu vou te dar o perdão
E desse jeito prossiga
Aqui só tem gente amiga
Todos cantam, ninguém briga
Isso é a salvação...

⁷ Este tema é musicado e faz parte do CD *Reflexos da Vida*, faixa quatro, e também está no conteúdo do livro *Vivência*.



Momentos de reflexão em que acredito ter encontrado a inspiração para escrever e compor a música “Eu e o violão”.



40. Nem a Petrobras aguenta

Meu país é uma cobiça
Tem tudo o que se fomenta
Daqui já levaram ouro
Pedras que só Deus inventa
Madeira em quantidade
Hoje a Amazônia lamenta
Outros estados devastados
A terra nua o sol esquenta
Agora a indústria da mineração
Mata, inunda e ensanguenta
As almas procuram seus corpos
Na lama de quem inventa
E a ambição em demasia
O diabo entra e Deus se ausenta
No Brasil, tantas são as tragédias
Que logo ali ninguém comenta
E o pobre povo brasileiro
Com mentiras se contenta
A desonestidade, se represarem
A maior taipa não aguenta...
Ladrões de grandes valores
Matam mais na marcha lenta
E eles ainda se confortam
Que não fazem coisa violenta...
Na retórica de grandes defensores
Transformam isso em coisa benta...
Se a consciência for um banco
Gente assim nele não senta...
Aqui a corrupção organizada
Forma grupo e se orienta

Até o nosso descobrimento
É uma história “farolenta”
As caravelas só chegavam
Nessas costas onde venta
Queriam chegar nas Índias
Por seda, cravo e pimenta
Agora em nosso litoral
É o petróleo que se fomenta
No início ou descoberta
Foi notícia e barulhenta
Era dinheiro jorrando
Que ele mesmo incrementa
Outras pátrias nos olhavam
Com uma visão ciumenta
Mas é na parte mais fraca
Que a corda sempre rebenta
Hoje o povo brasileiro
De novo chora e lamenta
A Independência Econômica
Virou piada fraudulenta
Ou aquele pó fininho
Que se joga onde venta
Ou como diz um ditado
Que na mensagem sustenta
Colírio nos meus olhos
E nos dos outros pimenta
Pois pelo que aqui se rouba
Nem a Petrobras aguenta
Mas em rima deixo escrito
O que esta obra documenta...



41. Por isso que sou de maio

Tem coisas que deixo claro
No que canto e no que falo
Sempre que quero tropear
Eu monto é no meu cavalo...

Com esse perfil de ser
Sou poesia e sou cantiga
Verso feito pelos outros
Só canto se alguém me obriga...

Sei respeitar a cigarra
Trabalho que nem formiga
Pois, para expor o que crio
Eu desconheço a fadiga...

Faço o que me satisfaz
Outros gostam... há quem diga
O carinho que vem por isso
Inspira, anima e instiga...

Cada ser segue um caminho
Endereço ou gabarito
Por vezes, viajo sozinho
Persisto é no que acredito...

Nunca recebi vantagem
Nem entrei por favorito
Na vida tem muito jogo
Que se perde é no apito...
E às vezes para fazendeiro

Que não tem nem um cabrito
Ou para quem arrota bife
Mas vive é de ovo frito...
Lindo é ser feio consciente
Feio é pensar que é bonito...
Já erreí ao me expressar
Bem mais por nada ter dito...
Amor que vem por dinheiro
Eu morro e não acredito...
Penso em dizer o que é isso
Ou também deixar escrito
Como a maioria sabe
Nem é preciso ser dito
Junção de pobre com pobre
O diálogo é muito esquisito
Um só fala de aflição
E o outro que anda aflito
Pois a pobreza eu conheço
De verdade e não por mito
Um acredita em São Jorge
O outro em São Benedito...
Quando tem papel higiênico
Falta grana para o palito...
E romance nesse estado
É raro não ter atrito
Por mostrar a realidade
Já me tornei um perito...
Por isso, quando estou só
Profundamente eu reflito...
A perfeita felicidade
É um problema infinito...

Pois quem atingiu a isso
É um gênio meio bendito
Guarda tudo a sete chaves
Num lugar muito restrito
Há quem se julga feliz
Por meios meio esquisitos
É brigando ou se pelando
Buzinando e dando grito
Vou continuar procurando
Em ser feliz eu acredito
Porém não vivendo na solidão
Que é livro sem nada escrito...

Nunca tive o melhor preço
Naquilo que é meu produto
Também por pagar mais caro
É desse modo que eu luto...
Não sei fazer propaganda
Pois nisso não sou astuto
Não vendo gato por lebre
E nem maconha em charuto...
Macho que é muito machão
Bem no fim é um “baita bruto” ...
Que encosta o peito no chão
Para empinar o cocuruto...

O que produzo é marca rara
Ninguém compra no balaio
Interpretar é mais ou menos
O que faz o papagaio...
Repete o que já está feito
Através de muito ensaio
Igualar autor com intérprete
Quem pensa assim é laçao...
Nas cores de meu pensar
Eu me encontro e me distraio
Compor é mostrar que a chuva
Se mansa, refresca o baio...
E motiva a fazer bom amor
E nessa armadilha eu caio...
Também retrata a tormenta
Com vento, trovão e raio...
Mas sempre a boa energia
Para meu ambiente eu atraio
E o mês do meu nascimento
É o quinto e se chama maio...



42. Cantando sei que morro, sem cantar morro também

Versejo do riso ao choro
Do que é certo não me esquivo
E verdades que eu digo
Muitos vão pôr no arquivo
Pois meus temas já preenchem
Revistas, jornais e livros
Se cantar espanta os males
Nisso encontro o incentivo
Tem quem anda bem quietinho
Só pensando em ser nocivo
Outros enrolando ingênuos
E se julgando muito “ativos”
Quero é viver para a vida
E não ser um defunto vivo...

Cantando eu levo alegria
Talvez para alguém que não tem
Cantar eu até sugiro
Cante mal ou cante bem
Cantar da forma que eu vejo
É luz que vem do além
Esse prazer, esse dom
É pouca gente que tem
Pois não canto só para mim
É sempre para mais alguém
Depois dessa caminhada
Aqui não fica ninguém
Cantando eu levo a vida
É assim que me convém
Se cantando sei que morro
Sem cantar morro também...



43. O acaso e a ironia

(11/07/2016)

Ensinaram-me certa vez
Que a vida, a cada dia
É respeitar pai e mãe
Padrinho, vovó e titia
Irmão mais velho falava
O mais novo obedecia
E toda pessoa idosa
Mais respeito merecia.

Depois vieram outros casos
Que a própria idade exigia
E junto as decepções
Que nunca imaginaria
Na escola veio a história
E a professora dizia
Que Pedro nos descobriu
Por causa das calmarias
Uns dizem que foi acaso
Outros que ele já sabia.

Por causa desses acasos
Foi que eu nasci um dia
Meu pai foi quem deu a ideia
E minha mãe resistia
Mas ele argumentava
Defendendo o que queria
Isso é só por um acaso
Nasceu Francisco Garcia
Pois a droga do acaso
Era bem naquele dia...

Num comício, um candidato
Para o povo prometia
Se por acaso eu ganhar
Tudo vai ser alegria
Apenas por dizer isso
Já muita gente aplaudia
Com isso ele ganhou
Só vive na mordomia
Por acaso encontrei ele
Entre cartolas um dia
Mas daí não foi acaso
Fez que não me conhecia.

Quando cheguei neste mundo
O acaso já existia
E a pobreza por acaso
Me escolheu para companhia
Por isso eu vivo tentando
Um acaso na loteria
Se por acaso der certo
E for bastante a quantia
Vou contratar meu patrão
Para fazer o que eu fazia
Vou pagar um bom salário
Ser um patrão simpatia
Se acaso não aceitar
Será só por ironia
Para surgir patrão assim
Só um acaso na quantia...



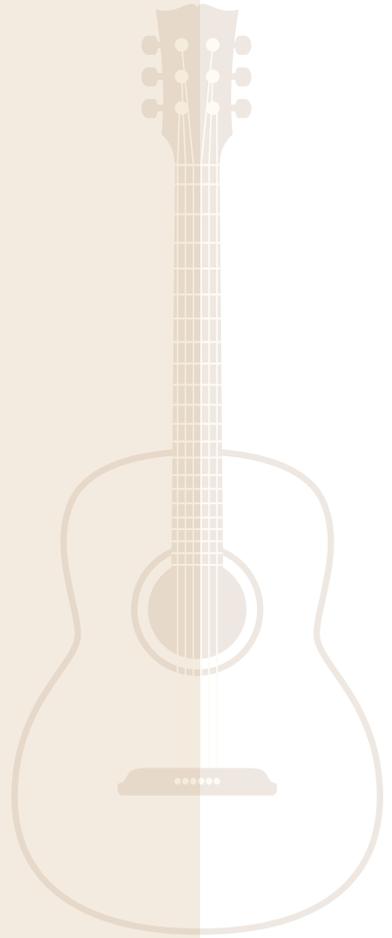
44. É o povo que paga o pato

Lá na rua onde eu moro
Tenho muita oposição
Só porque eu faço poesias
E elas têm repercussão
A mídia leva para o mundo
O relato de minha opinião
Pois anjo, para mim, é anjo
E também ladrão é ladrão...

Não me venham com esse papo
Que é debatido em CPI
Para que eu diga o que não quero
E também veja o que não vi
Desejam que alguém deponha
Que ele foi visto no velório
E que o defunto lá velado
Era um outro e provisório...

Nas ofensivas de retóricas
É peleia entre gato e rato
Um diz que vai cobrar muito
E não vai deixar barato
A oposição ironiza dizendo
Ovelha não é para matar
Bem no fim, a conta disso
É o povo que paga o pato...

Como já lembrei de pato
Que é parente da marreca
E minha mente é uma fonte
Jorra mensagem e não seca
A cabeça uso como um cofre
Mas por fora já está careca
Isso é de tanto ouvir imbecil
Pregando moral de cueca...





45. Banho da alma

Por vezes que alguém me oculta
É por sentir o meu tamanho
Dos grandes vem o desdobre
É dos “pequenos” que apanho
Mesmo assim, sigo meu rumo
Pois coisa assim nem estranho
Transformo tudo em produto
Desse modo espaço eu ganho
Toda mulher que me inspira
Do meu jeito é que me assanho
Pois nunca fui escolhido
Por ser igual ao rebanho
E quando vou lavar a alma
Sei quem vai me dar o banho
E comigo quem se molha
Não é por saber meu ganho
Quando a mesa está servida
Como bem e não me acanho...

Farejo o cio da floresta
Ouço bem o que ela narra
Voando que nem gavião
Os galhos uso por barra
De cima vejo armadilhas
E traições que muito amarram
De quem fica ironizando
E muitos até fazem farra
Mas eu sei usar os copos
Conforme o que tem na jarra
Sei distinguir o sucesso
De quem sobe só na marra
Trabalho que nem formiga
Mas canto que nem cigarra
Quem pisa em rabo de gato
Sente o dente, também a garra
Mulher linda igual violão
Não compare com guitarra...



46. Com Deus, eu sou muito grato

Minha cabeça é o centro
Que escolhe onde me encaixo
Tem quem usa para cabide
De loiro liso ou de cacho
Pelos olhos vêm as cores
Independente ou por facho
Pelo nariz eu farejo
Quando perdido me acho
Na boca o sabor do beijo
De todo amor que despacho...

Ouvidos filtram ruídos
Levando de cima a baixo
Como da fêmea o sussurro
Desejando ação do macho
Também repelem as mentiras
De candidato e borracho
Mas acatam a boa rima
De riso, rio e riacho
De um bom verso de poesia
Do amor com quem eu relaxo...

Do teu corpo vem sabor
Quando o vejo retorcido
Pela voz, o som da alma
Entrando no meu ouvido
Do sexo oposto o odor
Pedindo um gesto atrevido
No tato do corpo a corpo
A tradução de um gemido
De quem procura encontrar
O que nunca foi perdido...

Pois essa viagem de amor
Sempre tenho repetido
Teu carinho é meu caminho
Por onde tenho seguido
Até chegar no endereço
Onde sou correspondido
Sempre a volta me assegura
Os prazeres de ter ido
Recordando a boa lembrança
Do que de bom foi sentido...

Os braços levam as mãos
A fome procura o prato
Quantos que na escuridão
Distinguem campo de mato
E conseguem ver a vida
Somente através do tato
Pois ser feliz tem um preço
Eu nunca paguei barato
Por andar de pé no chão
Sei quanto é bom um sapato
Se a inteligência é riqueza
Com Deus, eu sou muito grato...



47. A última viagem

Um dia Deus vai voltar
Tem muita gente que espera
Enquanto outros só pensam
Que nada, esse Deus já era
Um dia Deus vai voltar
Tem muita gente que espera
Tem quem vai virar cordeiro
E que antes era fera...

Ai, ai, ai...
Um dia Deus vai voltar
Vai ter gente rezando
Que nunca soube rezar
Ai, ai, ai...
Um dia Deus vai voltar
Vai ter gente cantando
Que nunca soube cantar...

Esse dia, eu imagino
Que deverá ser assim
Fique com tudo o que tenho
E venda a vaga para mim
Serão ricos, também pobres
Embarcando para a viagem
Em uma mesma estação
Sem ter que comprar passagem...

Serão todos transportados
Pela mesma condução
Não terá primeira classe
Reserva ou numeração
Para se embarcar nela
Uma simples condição
Não poderá ser bandido
Mentiroso e nem ladrão...

Pois Deus, ao chegar aqui
Não aja por influência
Nem deixe alguns brasileiros
Usarem toda a inteligência
Com estes até o diabo
Tentou, mas pediu falência
Não aguentou os esquemas
Que eles põem em evidência
Para enganar o desatento
Muito mais a inocência
É só Deus para resisti-los
Mas se manter a coerência
Ele mesmo não vacile
Para evitar a conivência...

Ai, ai, ai...
Um dia Deus vai voltar
Quero ver gente rezando
Que nunca soube rezar
Ai, ai, ai...
Um dia Deus vai voltar
Vai ter gente cantando
Que nunca pôde cantar.

E, no retorno, os anjos
Façam nova revisão
Pois poderão encontrar
Algum viajante enrolão
Que se parece Maria
Porém sempre foi João
Usando os mesmos nomes
Vale também a inversão
Pois, antes de entrar no céu
Todos desembarcarão...

Não vai ter guarda no trânsito
Multando ou levando bola
Ninguém precisa de roupa
Chegar nu ninguém se amola
E assaltante lá não vai ter
Ninguém leva mala ou sacola...

A todos que lá chegarem
A mesma recepção
Não vai ter imprensa escrita
Nem rádio e televisão
Ninguém será entrevistado
Ninguém vai dar opinião
Ninguém se julga o fulano
Ninguém faz oposição...

Será a viagem distinta
Por não haver distinção
A não ser pela justiça
Pela paz e pela razão
É a esperança que resta
Que temos no coração
Isso é missão para Deus
Porque para homens não
Pois aqui são os sacanas
Que sempre têm salvação...



48. Como é que pode

Têm coisas que a gente vê
E questiona o tempo inteiro
Como o cordeiro nasceu preto
Se são brancos a ovelha e o carneiro?

A natureza é perfeita
Dizia a minha vizinha
Que segredo é importante
Sem ver ninguém adivinha
Ela muito alta e forte
E o marido uma coisinha
Era no grande contraste
O maior valor que ele tinha
Em pinheiro com vara curta
Ninguém cutuca na pinha
E quem conhece não compra
Morcego por andorinha...

O amor por isso é tão lindo
E muita coisa consagra
Porém nunca será tolhido
Um gordo casar com magra
Quando dois querem acerto
É fogo que alguém apaga
E o carinho tem muita força
E ajuda bem quem se afaga
Senão todo bem recuaria
Diante do mal ou da praga
Toda família é um caminho
E todo caminho é uma saga...

Entre todos os seres vivos
Cada espécie segue a linha
Cobra namora com cobra
Mas não cobrão com cobrinha
Morcego voando é parecido
Mas não é uma andorinha...
Galo de um grande terreiro
Namora várias galinhas
Não se queixa de nenhuma
Amarela, preta ou pintadinha
Entre humanos sempre tem
Moreno amando branquinha
O inverso também existe
E nada contra a misturinha
Sei que o amor não é cego
Está na experiência minha
O papagaio com multicores
Tentou investir na galinha
O garnisé deu um voo nele
Cai fora que essa é minha...
Tu está me enchendo o saco
E vá para a tua gaiolinha
Em caso assim, a vida é um saco
Mostrou que a sorte não vinha
Porém saco, se poetizarmos
Vira uma bela palavrinha
Só imagine não ter saco
Para carregar nossa pinha...
E não importa a cor do saco
E sim que tenha farinha...



49. Nem a vida é infinita

(07/07/2016)

Por certo, um dia lerás
O que diz este poema
E as paredes de teu quarto
Vão presenciar teu dilema
Pois amar é uma coisa
Outra é seguir o sistema
Dos que acham que dinheiro
Evita qualquer problema...

O barco do sentimento
Não é assim que se rema
Nem sempre a gente encontra
Ovo com mais de uma gema
E diante de certas verdades
Não existe quem não trema
Se já me chamou de amor
Saudades... então não tema...

Deixo escrito este pensar
Pra que um dia tu reflitas
Que me orgulhei de ter tido
O que a um sonhador palpita
A paixão, quando nos chega
A emoção é indescrita
E mesmo até atitude feia
Pode passar por bonita
Mas um dia tudo acaba
Nem a vida é infinita...

Que fui feliz ao teu lado
No coração levo a fita
O que te falei ao vivo
Hoje vou deixar na escrita
Para ti, o que fui tu sabes
Mas hoje finges e evitas
Sensibilidade para uns existe
Quem não tem até se irrita
Uns vieram para serem joias
E outros para serem marmitas
Mas se cobrem de outras coisas
Que disfarçam ou só imitam
Quando se mente para os outros
Ainda vá... que se admita
Triste é ver o mentiroso
Que na mentira acredita...

Para quem aprendeu perdendo
Perder é coisa bendita
O teu amor eu já perdi
O meu perdeste, mas não citas
E o orgulho nas pessoas
É uma espécie de guarita
Mas um dia tudo acaba
Nem a vida é infinita
Quem reflete, somente aí
Sente a alma muito aflita
Depois que a vela se apaga
A escuridão se habilita...



50. A imagem que ficou

(14/07/2016)

Ainda trago registrado na lembrança
Tempo de infância e da escola aonde eu ia
Comigo estudava a musa, minha esperança
E beijo saudoso entre nós acontecia...

Ela era rica, eu um jovem da pobreza
Que fez do fato sofrimento e agonia
Mesmo tolhido pela falta de riqueza
Mas praticamos o amor que em nós havia...

Por esse fato foi embora a minha bela
A nossa história o tempo não apagou
Hoje estou velho, a imagem que guardo dela
É sempre aquela que o passado registrou...

Pois hoje eu sei que o amor é uma verdade
Vira saudade quando ele atinge a gente
E a riqueza é um processo de vaidade
Que tem de tudo, porém nunca é transparente...



51. A razão é uma balela

Entre as coisas que vejo
Tem a feia e tem a bela
A maioria eu assisto
No interior ou da janela
Assim que o sol aparece
Na calça eu prendo a fivela
Até que a noite retorne
Nem a lua é mais aquela
Já não tem tanta poesia
Só continua amarela...

Vou para o controle remoto
Mas quase só tem novela
Todas têm o mesmo enredo
Que é enrolar os sem cautela
Teve é a porta do mundo
Além disso, é sem tramela
Conjugando com a internet
Há a febre e a varicela
E quem dispõe dessas duas
O mingau enche a panela
Nesse rio de águas ligeiras
Muitos caem da pinguela...

Vejo a riqueza rolando
O orgulho junto com ela
Também a fome matando
Gente que é couro e costela
Homem bom e homem ruim
Um de avião, outro na “sela”
Há quem prende, outro libera
Um se vende, outro que zela
Ninguém fica sem razão
Todos se acham com ela
Nem que o luxo agrida forte
A minha vida singela
A fome já está chegando
Faltam comida e panela
E amanhã, alguém me busca
Sem que eu queira ir com ela
E para muitos ainda tem
Um pino maior que arruela
Quem conhece a escuridão
Sabe o valor de uma vela...



52. Antigo e não envelhece

Tem coisa que é muito antiga
Mesmo assim, não envelhece
Inventem o que inventarem
É sempre igual que reaparece
Milagre de santo de casa
Existe? Mas quem reconhece?
Se alguém descobre o sucesso
A concorrência já aparece
E ao movimentar essa gangorra
Quando um sobe, o outro desce
Amor de mãe é mais sentido
Só depois que ela falece
Quanto cargo que é exercido
Por gente que não merece...
Esses tipos de injustiça
Quase todo mundo conhece
Quem erra tendo consciência
Nem que queira, nunca esquece...
Isso é uma verdade antiga
Mesmo assim, não envelhece...



53. Pois todo mundo já sabe que ela é a coisa mais certa

Se todos que aqui passassem
Só praticassem o bem
Amor garanto que jorraria
E sem faltar para ninguém
O pobre seria um pobre
Mas um pobre que convém
E o rico seria um rico
Sem se orgulhar do que tem
Os miseráveis entre estes
Viveriam felizes também
Isso seria a pura obra de Deus
Ao contrário, não sei de quem...

Por isso, às vezes questiono
Se o homem é fraco ou forte
Ou vive só se enganando
E tentando dormir com a sorte
Estuda inventos e coisas
Que nem ele tem suporte
Já devastou a terra em tudo
Quer no Sul, quer no Norte
Usa a guerra por conquista
Com arma sempre mais forte
Depois de toda essa obra
Para sempre, casa com a morte...

Será que Deus vai deixar
Que tudo siga desse jeito?
Onde a força é que decide
Quem vai ter maior respeito
O medo já se instalou
Dentro de cada sujeito
Poucos examinam a causa
Mesmo sabendo o efeito
Quem tem dinheiro não faz
Mas manda que seja feito
Quantos autores de crime
Não passam nem por suspeitos...

Homens têm de vários tipos
Na inteligência e no porte
Alguns que não fazem nada
Vivem de braço com a sorte
Outros que inventam mil coisas
Não fazem por não terem suporte

A terra já foi devastada
Do Polo Sul até o Norte
A conquista vem pela guerra
Com arma sempre mais forte
Quem vence vira soberano
Um dia perde para a morte...

Essa coisa da ganância
Não foi boa descoberta
Antes que acabem meus dias
Deixo isto como um alerta
Tem gente que é coisa ruim
Acredita que é muito esperta
Arromba e rouba o que vale
Depois coloca em oferta
Pois quem acostuma nisso
Esquece que o cerco aperta
E a morte é um tipo de frio
Quando vem, não traz cobertura
Entra em barraco e fortaleza
Sempre encontra porta aberta
No geral, não manda aviso
Nem convite, e não alerta
Pois todo mundo já sabe
Que ela é a coisa mais certa...



54. Deve ser um sofrimento

Para refletir e pensar
Eu defino o que sustento
Pois quem mente para si mesmo
Deve ser um sofrimento...

Para refletir e pensar
Bom perfume é pelo aroma
Uma coisa é se ter talento
Bem outra é usar diploma...

Para refletir e pensar
Toda doença tem sintoma
Tem quem luta pela cura
E há quem protela e embroma...

Para refletir e pensar
Conheça a lenda de Roma
Melhor é mamar na loba
Antes que ela nos coma...

Para refletir e pensar
Questão de discernimento
A fotocópia é questionável
Vale mesmo é o documento...

Para refletir e pensar
Modere o convencimento
Nem sempre o que está por fora
Equivale ao que está dentro...

Para refletir e pensar
É bom ficar bem atento
Nem sempre um grande dinheiro
Mantém um bom casamento...

Para refletir e pensar
Eu defino o que sustento
Pois quem mente para si mesmo
Deve ser um sofrimento...



55. A luz e a escuridão

Não faças atrás da represa
O seu castelo de areia
Nem deposites certeza
Se a verdade é só alheia
E cachaça sempre é cachaça
E de gole em gole tonteia
Não basta pedir perdão
Se no fundo tu odeias...

Tem gente que é lobo mesmo
Mas se veste de ovelha
E muita mentira bem-feita
Com a verdade se assemelha
Há quem tem consciência surda
Mas ouve bem com as orelhas...

Vivendo medo e horror
Não tem quem em Deus não creia
A liberdade é igual riqueza
Para quem está na cadeia
A mãe mais linda é a minha
Mesmo para outro a mais feia...

A tormenta às vezes devasta
Flores, a mata e a aldeia
Alguém pode perder tudo
E outro fica só com meia
Quem não tem o que perder
Tem vida ou sangue na veia...

Repartir sempre é difícil
Mesmo tendo a casa cheia
E a natureza devolve
Tudo o que a gente semeia
Na maior escuridão
Que a menor luz mais clareia...



56. Como usar melhor o tempo

(22/08/2008)

Uns pensam que o tempo vai
Outros acham que ele vem
Eu creio que, enquanto há vida
Esse é o tempo que se tem.

E o tempo de cada um
A decisão vem do além
Mesmo assim, cada pessoa
Faz do seu o que convém.

Como usar melhor o tempo?
É intensa a preocupação
Quando for fazendo o bem
Deus nos deu a direção.

A consciência de nosso tempo
É diária a revisão
Há quem sempre falta tempo
E só usa o seu com ambição.

Alguns nem ligam para tempo
E há quem do tempo é patrão
O tempo sempre é tão pequeno
Para quem tem bom coração.

Ao sumirem, fica no tempo
Um vazio pela exceção
Além de poucos, leva tempo
Desses haver a reposição.

Há quem faz no menor tempo
Grande renda ou bom quinhão
Nesse tempo, tem quem pensa
Que é o dono da situação.

Mas às vezes o tempo muda
Sem dar tempo ao cidadão
E só concede um tempinho
Para quem espera um tempão.

Pois nada foge do tempo
Eis o tempo e a questão
Bem no fundo, muitas coisas
Só o tempo dá dimensão.

O tempo está em nossa cara
No braço e nas linhas da mão
Mais um tempo e, junto à terra
Seremos pó em decomposição.

O próprio tempo se cansa
De preencher muita ilusão
Também sente que é difícil
Tempo em grande inspiração.

Há o tempo que a flor se abre
E o fruto tomba no chão
Cada minuto que eu tenho
É um tempo de gratidão.

A maldade usa de muito tempo
O tempo tem comprovação
Está no tempo e na história
De nossa amada Nação.

Tem quem adora esse tempo
Para preencher sua opção
Quantos que o tempo do cargo
É o tempo para ser ladrão.

Um exemplo em tempo recente
É mala, cueca e mensalão
Outros casos somem no tempo
Até o tempo da prescrição.

Aqui muito tempo nobre
Se gasta em corrupção
Por ver isso há muito tempo
Até entrei em depressão.

Esse mau uso do tempo
Para muitos é profissão
Lembro que tempo é preciso
Também para pedir perdão.

Bom seria parar o tempo
E dar tempo à reflexão
Injustiça há... há muito tempo
Com o tempo, passam a mão.

Como usar melhor o tempo?
É intensa a preocupação
Quando for fazendo o bem
Deus nos deu a direção.

Para revermos nosso tempo
E nele a nossa ocupação
Quem não quer Divino tempo...
Para pedir para a alma salvação?



57. Consciência⁸

Consciência é aquilo mesmo
Que o travesseiro revela
Ao sabermos que a vida é nossa
Mas não ficamos com ela
E ninguém foge da morte
Nem da feia, nem da bela.

Consciência está no biquíni
Se menor, mais atraente
O fundo não tapa nada
Engana ali pela frente
E o que parece que tapa
Não tapa o poder da mente.

Consciência é aquele encontro
Que a gente faz com a gente
Os outros são sempre os outros
Vão nesse rol os parentes
Por mais que se justifique
Para si mesmo ninguém mente.

Consciência é o que se sabe
Do passado e do presente
Ela também é futuro
Que nos espera na frente
Para que cuidar a do outro
Se o que importa é a da gente?

Consciência, balança íntima
Pesando constantemente
Tem quem nem se pesa mais
De medo que ela arrebente
Pois quem carrega esse peso
Disfarça, mas sempre sente.

⁸ Tema que foi musicado pelo autor e faz parte do conteúdo do livro *Vivência*, lançado em 29 de novembro 1998, no IX Rodeio Internacional de Passo Fundo, RS.



58. O jeitinho à brasileira

Já compus músicas lindas
Das que não dão em touceira
Com melodia bem-feita
E com mensagem verdadeira
Se colocadas à venda
Ficavam na prateleira
Mas, para se vender bastante
Como pastel em carreira
Tem que se fazer mentira
Sem-vergonha e bagaceira
Quem expõe produto assim
Logo a fama é companheira...

Apoiadores não tardam
Como parceiro ou parceira
Tanto quanto para editar
Ou gravar a baboseira
São os peritos em vendas
No centro, bairro e fronteira
Letra para agradar ou irritar
Opinião urbana e campeira
E a propaganda garanta
Que isso é arte brasileira
Mas no real é o suicídio
Da cultura verdadeira...

Um refrão bem resmungado
Que não diga coisa alguma
E se disser que tenha erro
Que nem professor arruma
Um som que só tenha ruído
Para o mundo jovem é pluma
Mas basta que a mídia goste
Toque para frente e assuma
A liquidez desse produto
Bem no fim, é só espuma
Logo estoura nas paradas
Quem não gosta se acostuma...

Por isso já mudei tudo
Do vestir ao palavreado
Mesmo que devendo a roupa
Só ando agora enfeitado
Se alguém se parece rico
Logo me encosto do lado
Pois isso vem dando certo
É bem notório o resultado
Até já sei que cogitam
Meu nome para deputado
Mas para ter cara para tudo
Nunca vou estar preparado...

Participo e vejo coisas
Que até fico indignado
Concursos que muitos deles
Só passam determinados
E há político empregando
Desde o sogro até o cunhado
E crescer por competência
Deixou-me desanimado
E visto isso, eu resolvi
Que o negócio é ser enfiado
Pois bastou essa atitude
Passei a ser contratado
Meu produto é sem barulho
O conteúdo é no recado...

Pois aqui foi consagrado
O jeitinho à brasileira
Quase tudo tem esquema
Mesmo que a gente não queira
Que eu tenha aderido a isso
Afirmo que é brincadeira
Mas a mensagem do texto
É bem real e verdadeira
Tem coisa que se vê limpa
Mexendo, sobe a sujeira
E essa gente que tem culpa
Tira o pó e sacode a poeira
Sobre o mel eles decidem
O resto só lambe a cera...

Quando em benefício próprio
Com eles não tem tranqueira
E onde a lagoa tem peixes
Já tomam conta da beira
Não são os donos do campo
Mas sempre estão na porteira
São iguais aquelas aves
Chegam onde à grana cheira
Se um dia faltar carniça
Esses comem a caveira
Juram muito amor à Pátria
Só na parte financeira...

Um refrão bem resmungado
Que não diga coisa alguma
E se disser que tenha erro
Que nem professor arruma
Um som que só tenha ruído
Para o mundo jovem é pluma
Mas basta que a mídia goste
Toque para frente e assumo
A liquidez desse produto
Bem no fim, é só espuma
Logo estoura nas paradas
Quem não gosta se acostuma.



59. A gangorra da vida

Do fim, eu mais me aproximo
É bem o inverso do começo
Mas, correndo atrás da vida
Eu anoiteço e amanheço
Cruzando por tantas coisas
E vencendo vários tropeços
Sei que a morte me persegue
Mas eu não deixo endereço
Para que não me reconheça
Chego a me virar no avesso
Um dia vou me distrair
Só em lembrar, já entristeço
Creio é na grande mensagem
Que depois é o recomeço
E nessa gangorra da vida
Um dia subo e outro desço...

Ao chegar no tempo infinito
Lá, o bom fio eu crio e teço
E o rolo vai ser tão grande
Que os de Brasília eu esqueço
Enquanto isso não aconteça
Por aqui eu permaneço
Buscando aquilo que posso
Também penso que mereço
Há coisas que estou deixando
Outras que eu mais apeteço
Ao ver meu tempo se indo
Finjo que até desconheço
Mas sigo tendo a esperança
Que depois é o recomeço
E nessa gangorra da vida
Um dia subo e outro desço...

Nunca preguei que sou sábio
Mas grande parte eu conheço
Pedra que tem muito peso
Eu nem tento o arremesso
Cada dia a mais que vivo
Sempre a Deus eu agradeço
E nesse meu modo de ser
Moldo meu jeito no gesso
Se as conquistas levam tempo
Mesmo assim, não esmoreço
Faço o que é de meu desejo
E que eu possa pagar o preço
Se não vem bom resultado
Por tentar, já me enalteço
Mantendo a grande esperança
Que depois é o recomeço
Um dia a gangorra não sobe
E daqui eu desapareço...



60. A felicidade perfeita

Como é lindo ver sucesso
Duro é encontrar a receita
Parece ser algo simples
Depois que a coisa está feita
Normalmente é um que acha
Mas muita gente aproveita...

Na campanha está o problema
E muito “cabra” não “peita”
É fácil surgir ciúmes
Depois que a pessoa é eleita
Chega a ser sério castigo
Se for honesta ou direita
Também tem cama estendida
Que alguém só chega e se deita
Neste livro, existe tema
Que vai ter quem não aceita
Conforme o eu do leitor
Vai achar que é uma desfeita
A mesma coisa para outro
Servirá como receita
Foi feito para ser lido
Não em forma de seita
Às vezes se tem a chance
Nem sempre a gente aproveita
Já vi tanta coisa torta
Que desfila por direita
Por isso aqui tem verdade
Que até a alma deleita...

Basta a mulher ser bonita
Que carimbam por suspeita
Principalmente por quem
Numa feia se sujeita
Comer para sobreviver
O que vem não se rejeita
É diferente quem vive
Escolhe a comida feita
E a própria rosa das rosas
Com outra rosa se enfeita
Conheço a felicidade
Mas eu procuro a perfeita...



61. E quem vive como inocente

Estou fazendo o que posso
Muito mais por persistente
Por fazer de um jeito próprio
Já me tornei bem diferente
Se vendo menos que outros
Mesmo assim, vou indo em frente
E quem compra meu produto
Normalmente é para semente...

O mercado já está de olho
É o que vejo em minha frente
E logo isso vai acontecer
A gente vê e também sente
O pouco que está me faltando
É engatar bem nessa corrente
Quem conhecer meu produto
Vai dizer que é bom ou excelente...

Até já ando me cuidando
Para não me tornar incoerente
Se muitos me acreditarem
Vêm dinheiro e pano quente
Minha obra é bem versátil
Vai agradar muita gente
Envolve os que se elegeram
E quem vive como inocente...



62. Coisa dramática

Tem quem sabe só um pouquinho
E age de forma automática
Outro é cheio de teoria
Enciclopédia não didática
Sabe história e geografia
Português e matemática
Calcula até as palavras
Para não sair da gramática
Conhece tudo que é importante
Mas não consegue ser simpática
Não basta a mulher ser bonita
Se só quer ser antipática...
Gente assim se tem proveito
Tem que ser usando tática
Predicado sem utilidade
É uma usina sempre estática...
Quando um desses nos critica
Chega a ser coisa dramática...



63. É melhor lavar o sovaco

Não sou desses que até pagam
Para que seu nome apareça
Um cargo bem preenchido
É ideal por quem conheça
Muitas vezes se decide
Pelo filho da Condessa
Caso assim ou desse tipo
Duvido quem não conheça...

Depois disso é só esperar
Pepino e dor de cabeça
Há quem para tudo é lembrado
Mas não é porque mereça
Pois para dar para quem já tem
Não falta quem ofereça
Deitar com quem tem grana
Nem precisa que anoiteça...

Para conquistar o que quero
Defendo, enfrento e ataco
Não sou desses madeireiros
Que não conhecem cavaco
Um tanto vive de esquema
E outros que correm no vácuo
Já vi quem chegou à estrela
Pulando de saco em saco...

Não discuto o que não sei
Mas se sei armo o barraco
Quem tem a cara de vidro
Nunca me chame de caco
Para fazer a bola entrar
Sei passar o giz no taco
Minhoca sem cavadeira
Dá jeito e abre buraco
Quem não voa, mas tem asa
É melhor lavar o sovaco...



64. Culpado

Todos nós temos na vida
A chance de errar um pouco
Nós todos temos direitos
De virar gênios ou loucos
Todos nós somos juízes
Réus e também jurados
Todos queremos ser livres
Mas vivemos condenados
Por conceitos e tabus
Do presente e do passado
Alguns pensam ser deuses
Mas crivados de pecados...
Se todos tiverem razão
Quem sobrar por culpado?



65. Baile de rodeio (música)

(15/07/2016)

Certa vez, eu fui num baile
Desses de fim de rodeio
E fiquei observando
Quem dança de um jeito feio
Tinha um velho e uma velha
Escutavam solo e ponteio
Ele era bem baixinho
Mais ou menos metro e meio
Ela altona e robusta
E uma arroba de seio
Tudo o que vinha dançavam
Num trote saracoteio...

Em rancheira e vanerão
O gaitero era um asseio
O velho agarrava a velha
Na parte abaixo do meio
Sobre a cabeça sobrava
Carga que dava receio
E o velhote cabeceava
Como bola para escanteio...

Quando foi lá pelas tantas
Uma bronca e tiroteio
Saiu tranca e cadeiradas
Rasteiras e cabos de relhos
A velhona coordenada
Não precisou de conselhos
Meteu o velhito dela
Entre o vestido e os joelhos...

Não se importaram com outros
Dançaram o baile inteiro
Paravam porque afinal
Não tinham fralda e nem cueiro

E se atracavam novamente
Como macaco em coqueiro
O que adianta o mesmo tamanho
E não ser bom companheiro...

Em rancheira e vanerão
O gaitero era um asseio
O velho agarrava a velha
Na parte abaixo do meio
Sobre a cabeça sobrava
Carga que dava receio
E o velhote cabeceava
Como bola para escanteio...

Esse casal transmitia
Transparência no semblante
Enfrentava o que surgia
Um no outro, bem confiantes
Quem ama a pedra que tem
Cuida mais do que diamante...

Para compensar, tinham outros
Mostrando um quadro farsante
Para mim, uma noite assim
É pior que tomar purgante
Por isso, às vezes prefiro
Ficar só de observante...

Esses velhos me provaram
Que na vida o importante
É fazer o que se gosta
Quando o prazer é bastante
Um pequeno bem aplicado
Substitui um gigante...



Troféu que recebi em Festival de Música em âmbito estadual, na cidade de Santo Cristo, como segundo colocado, com a música “Baile de rodeio”.



66. A escada da falsa elite

Não pense que eu vou mudar
Porque alguém não me admite
Quem nasceu para ser martelo
Não se ajoelha para o rebite...

Onde entro eu pago ingresso
Ou porque recebi convite
Quem não faz melhor que eu
Então não venha dar palpite...

Não sou desses que se enfiam
Mais que poeira na rinite
Aparecer é o que mais querem
Assim... bem muito mais que celulite...

Sabem tudo de pastel
Mas esperam que alguém frite
No geral, são só retórica
E querem que alguém acredite...

Xaropes desses sabores
No Brasil não tem limite
E quem tem que engolir eles
Agrava bem mais a bronquite...

Muita gente vota neles
O falso mel vira salitre
Passam a ser celebridades
Pratos que só estragam o apetite...

Todo amor que prometiam
Acaba como num desquite
E o povo segue servindo
De escada da falsa elite...



67. A floresta dos canalhas

(11/07/2016)

Por minha terra fiz muito
Mesmo assim, achavam pouco
Qualquer cabeça de bagre
Até me chamava de louco
Quando mostrei o que sou
Vieram lustrar o meu toco
Até já andam dizendo
Que na arte eu sou barroco
Poucos sabem que matei
“Onça, tigre e leão a soco”...

Esse é um pingo da verdade
De quem guarda bem na mente
Que às vezes um pão de graça
Nem sempre é beneficente
Não importa de quem vem
Se é governo ou de parente
Ou de quem transforma em isca
Para enganar o inocente
Quem não tem nem café frio
Para muitos sempre é quente...

De onde a maioria desistiu
É de lá que eu também venho
Para falar pelos que calam
O verso é o jeito que tenho
Vejo quem não é engenheiro
Mas vive inventando engenho
Sei dizer para aonde vou
E para chegar eu me empenho
Na floresta dos canalhas
Difícilmente me embrenho
O que mostro tudo é verdade
Conheço o mato que lenho...

Na minha terra, muita gente
Duvida do meu talento
Mesmo assim, eu vou lutando
Como folha contra o vento
A quem me acolhe agradeço
Prova que tem sentimento
E as cicatrizes da alma
Não viram esquecimento
Não me envergonha contar
Que já enfrentei sofrimento...

Mas sou sombra no calor
E água fria para sedento
Sou quartel que guarda a paz
E bom sono no alojamento
Sou a força da humildade
Contra o olho do ciumento
Sou as cores para o cego
E a escuridão para avarento
Sou o dedo apontando leis
Que existem sem cumprimento...



68. Devagar também alcanço

Que certos homens não mentem
Eu juro que não afianço
Alguns vivem pior que pato
Na pose, pavão ou ganso
Para escapar do ataque deles
Luto sempre e não me canso
Pois tem muito “boca braba”
Que se esconde em papo manso...

Riqueza não ter é triste
Ter muito não é descanso
Entre cobiça e tributos
Se bobear, eu sei que danço
Chance de enriquecer fácil
Já tive, mas não me avanço
Pois dinheiro que é dos outros
Na minha conta não lanço...

Desse jeito levo a vida
Equilibrando, e no balanço
Num dia é tudo beleza
No outro, pepino e ranço
Pelo que já trabalhei
Sei o valor do descanso
E muita coisa ligeira
Devagar também alcanço...



69. O nó que ninguém desata

Meu verso já andou longe
Levado em palavra franca
Sangrando duras verdades
E estas ninguém estanca
Quem gosta de abobrinha
Com meu estilo se manca
Tem coisa que não adianta
Tramela, cadeado ou tranca
E o peso de ter razão
Não mexe com alavanca
E mentira bem colorida
O tempo faz ficar branca...

Meu verso tem a favores
Também surge quem é contra
Serve para quem raciocina
E não para cabeça tonta
Não transformo gato em lebre
Muito menos rato em lontra
Nem lagartixa em lagarto
E não uso prego sem ponta
Pois de farsa ando farto
E de tudo que nos afronta...

Sinceridade é o que falta
Em quase tudo que vejo
Tem presidente que rouba
Programa de seu desejo
Em cima dessas verdades
Que com tristeza versejo
Tem quem da fome de tantos
Consegue fazer gracejo
Decerto porque lhe sobra
Leite, carne, pão e queijo...

Por ver essas baboseiras
Já está me gerando grilo
Hoje reformam tal coisa
Amanhã outra ou aquilo
Se muda, muda para pior
Ou fica no mesmo estilo
Quem vinha roubando em gramas
Passou a roubar por quilo
Amparado nos menores
Nos sem-terra e nos asilos
Teto só sobra para os mesmos
Brigam por qualquer mamilo
Só para isso estão atentos
Ninguém comete vacilo
Todos sabem que é assim
Ainda pensam que é sigilo...

Versejar e até cantar
Para mim se tornou carência
E a vida tem me mostrado
Que em tudo tem a essência
Na dor, na fé, no amor
No abandono e na permanência
No luxo e na avareza
Até na sobrevivência
Também no atrevimento
De quem não usa a consciência
Confunde não ter vergonha
Com ato de inteligência...

Por isso minha cantiga
Bom é escutar meio só
Para que o indivíduo saiba
Que veio e volta para o pó
Pois hoje ainda existe
Quem age igual faraó
Quer muitos na sua obra
Sem ter piedade e nem dó
Mesmo sabendo que a morte
Um dia lhe dá um nó...



70. Arrancam o nosso “couro”

No dia de meu velório
Não se desgastem com choro
Nem com aqueles lamentos
Que fui um homem de ouro
Mas creio que alguém diga
Que eu combati desaforos
Desses que roubam o povo
E são vitrines do pior decoro
Sugam o sangue dos outros
E para eles nunca falta soro...

Mas para o povão tudo é escasso
Osso, remédio, carne e couro
Porém, para todos chega um dia
Que não tem tranca nem escoro
Mesmo em porta de castelo
Ou mansão que vale um tesouro
De ricos populares e conhecidos
Collor, Juscelino, Lula ou Moro
Creio que no céu é o Paraíso
Quero entrar sem dar estouro
E lá vou viver eternamente
Sem ter dor, mágoa e nem choro
No outro lado, a porta do inferno
É fogo e agressão com desaforo
Aqui alguns parecem bons
Mas fazem o mal como decoro...



71. A transparência

Ao rever vida de roça
Na emoção, eu me complico
Sinto o cheiro da floresta
Tatu, pomba, gralha e mico
Banho de sanga e pitanga
E o cantar do tico-tico
A família e os pais pobres
Sem saber, eu era rico
E o que eles me ensinaram
É o que mais uso e aplico...

Desde quando fui criança
Para mamar não tinha bico
Nem por isso desisti
Muito menos justifico
Lembro meu velho dizendo
Sem terra, aqui eu não fico
Para amenizar a saudade
Quase tudo eu versifico
Hoje estão na eternidade
Para eles, isto eu dedico...

Poesia com melodia
No violão logo repico
Aproveito a própria voz
Encho o peito e abro o bico
Imagino-me num palco
E na plateia eu também fico
Vibro com o que interpreto
Nos erros, eu me critico
Como a vida é um campeonato
Até hoje eu me classifico...

Quando a gente pouco tem
É massa de quem domina
Conheço quem tem bastante
E tudo através de propina
Isso às vezes vem do berço
A história mostra e ensina
E a tentação, se é um mal
A maioria não elimina
Quantos que brincam com fogo
Sentados na gasolina
Nos degraus da honestidade
Canto e choro a própria sina...

Talvez, após minha morte
Revejam bem meu valor
Como fruto da injustiça
Lembrem que cantei a dor
Para obter qualquer conquista
Lutei como um gladiador
Muitas vezes por ciúmes
Fiquei esperando no corredor
Ouvindo muitos aplausos
Para fantoche e enganador
A solidão foi meu troféu
Em troca de sangue e suor
Já voltei por derrotado
Mesmo sendo um vencedor...

Por momentos, já me calaram
Mas sempre assim eu não fico
No expressar essas verdades
Em muito me gratifico
Ser porta-voz dos humildes
Se for cargo, eu reivindico
Essa turma que engana
Já sabe o perfil do Xiko
Não devo nada para eles
Meu bodoque eu que estico
Pois não vivo de conchavo
Nem implorando penico...

Graduação eu fui buscar
E iniciei como milico
Lá, também fui enganado
Em caco, também tropico
Pelos prejuízos que tive
É com razão que eu critico
Rastejei para prepotência
Sem consciência, paguei mico
Cavalgando a inteligência
Na montanha, eu fui ao pico
Ditador, burro e vaidoso
Eu sei como identifico
Uns gritavam guerra e fogo
E sentavam no maçarico
Cantavam por galo grande
Afinavam que nem nanico
Minha vida é um livro aberto
Com documento eu explico
Se transparência é defeito
Eu morro e não abdicó
A injustiça que me fizeram
Para homem nenhum suplico
Posto e cargo muitas vezes
É o quartel do falso rico
Só na justiça de Deus
Que creio e me gratifico...



72. Abraçar a dor dos outros

(08/07/2016)

Tem coisa que só de ver
Já emociona e gera dó
Quem se mete a resolver
Acaba ficando é só
E qualquer caipira ironiza
Deixa assim que é bem “mió”
Quem abraça dor dos outros
Consegue dor bem “maió”...

Há quem faz o falso bem
Que, bem no fundo, é puro nó
São os malandros de sempre
Desde o tempo da vovó
Sendo para tirar vantagens
Dançam balé e forró
E até se julgam eternos
Mas também vão virar pó...

Isso se vê lá em Brasília
E de lá vai ao cafundó
Macaco gordo não pula
Sem confiar bem no cipó
A garça tudo o que pesca
Come e não dá para o socó
Promessa de candidato
Quem acredita é de coió...



73. De porta em porta

Certas passagens da vida
Não parece, mas agridem
E quem não sabe encará-las
Para, escuta e não progride
Azar, pobreza e ciúme
Chegam sem que alguém convide
Mas quem tem o meu perfil
Parte para cima e decide
Não nasci para puxar saco
E muito menos ser cabide
Assim venci muitas lutas
Sem dar chance para revide...

Enquanto não se tem fama
Bate-se de porta em porta
Milhares enganam a gente
Um que outro nos conforta
Tem coisa que não tem peso
Sem força ninguém suporta
Por exemplo é pedir apoio
Para quem é galinha morta
E é triste esperar salada
De quem só agride a horta
E quem não tem sentimento
Vê de tudo e não se importa...

Entre as mentiras de ajuda
Provas tenho de todo jeito
Surge o *adulão* de bispo
E bajulador de prefeito
Todos prometendo coisas
Que não merecem respeito
E o pouco que consegui
Foi porque meti meu peito
Eu faço a obra que vendo
Esses querem tudo feito...

Amigos mesmo, eu tenho poucos
Surgem muitos, mas são premissa
Quem faz o que é bom e bem
Sempre sobra quem cobiça
Há quase a mesma quantia
Que vibra se a coisa enguiça
É o grupo dos fofoqueiros
Um assusta e o outro atiça
Ironizam que está quadrada
Mesmo vendo que é roliça
Nada criam, mas ensinam
Até o padre a rezar a missa
E ao me verem reconhecido
Falam que é pura injustiça
Esquecem que só cultivam
Lavoura de ciúme e preguiça...

Mas a grande satisfação
Não vem da falsa nobreza
Ela é igual ao gato gordo
Que vive embaixo da mesa
Quando chega para ajudar
O lucro já é uma certeza
Tudo é focado em resultado
Cálculo que apura a riqueza
Dessa forma já extinguiram
Da terra a maior beleza
Mas no fundo, bem no fundo
Nisso tem muita pobreza
Amanhã nossos herdeiros
Vão chorar nossa proeza
Contudo, ainda nos resta
A esperança junto à grandeza
Quem conserva de algum modo
Para o futuro quer certeza...



74. Do mato eu lembro o aroma

Com meus pais, vivi na roça
Do mato eu lembro o aroma...
Esse tempo já faz tempo
Mas se foi sem muita embroma...
E a cachaça da saudade
De gole em gole se toma...
Nem que more em Nova Iorque
Em Paris ou mesmo em Roma...
Nem dinheiro evita isso
Nem *status*, nem diploma...

Entre o ser e o parecer
É diferente o sintoma...
Há palavras que alimentam
Sem precisar que se coma...
A falsidade rende grana
Mas não quero em minha soma
Ao nascer, a vida é nossa
Um dia o tempo nos toma...
A morte é um ginete forte
Que ninguém foge da doma...

Olhando um pouco mais longe
Sem pretender o infinito...
Para muitos, tento falar
E dizer o que é pouco dito...
Um boicota por ser forte
Outro por não ser bonito...
Não deixam sonorizar
Mas meu recado mostro escrito
Triste é ver um povo ingênuo
De um país grande e bonito...

Ocultado por muita gente
Que tem falso gabarito
Apenas visam é riqueza
Sem ter piedade do aflito...
Na procissão, vão de andor
Sem ter nada de bendito
A maioria quer é poder
Para dizer sou eu que apito...
Por mostrar coisas assim
É que me sinto só ou solito...
Espaço para a honestidade
Cada vez é mais restrito...



75. Lá de Colônia Miranda

Sou um daqueles guris
Lá de Colônia Miranda
Que um dia saiu para o mundo
Lutar pelo pão da vianda.

Tive que fazer por mim
Algo que tenha demanda
Minha obra tem quem compra
No atacado e na quitanda.

No palco já dei autógrafo
Na plateia e na varanda...
E quem pede isso para mim
Vira a melhor propaganda.

Assim corro atrás da vida
Da forma que ela me manda
Quem só espera pelos outros
É chefia ou quem comanda.

Num lugar grande ou pequeno
Rigidez também se abranda
Até em brincadeira de roda
Segue-se como ela anda.

Gente é como instrumento
Toca ou cai fora da banda
Se o maestro é incompetente
É uma contrapropaganda.

Certas coceiras no corpo
Pomada antes que expanda
Castelo que é só de areia
Por mais que dure desanda.

Imposto é o meu maior sócio
No Brasil e não na Holanda
Nessa roda alguém que entra
Não sai mais dessa ciranda.

Mas creio que, após a morte
A coisa deve ser mais branda
A gente vai brincar de roda
Tendo um anjo que comanda.

Não se ouve mais tragédia
Coisa ruim nenhuma anda
Vamos ter Deus por maestro
Com amor, regendo a banda.

Assim corro atrás da vida
Da forma que ela me manda
Quem só espera pelos outros
É chefia ou quem comanda.

Mas creio que, após a morte
A coisa deve ser mais branda
A gente vai brincar de roda
Tendo um anjo que comanda.

Não se ouve mais tragédia
Coisa ruim nenhuma anda
Vamos ter Deus por maestro
Com amor, regendo a banda.



76. Coxilha, meu continente

Eu nasci lá em Coxilha
Dela própria no interior
Sou filho do seu Felipe
Um humilde agricultor...
Por não ter terra em quantia
Para absorver seu labor
Vivia de peão dos outros
Mais surrado que tambor...
Entre irmãos desde criança
Vi injustiça e muita dor
Em qualquer tipo de ambiente
Sempre existe explorador
E quando esses se reúnem
Vira um rolo compressor...
Os fracos dizem amém
Ao pior aproveitador...
Quem tem mais sempre decide
Tendo ou não tendo “valor”
É o perfil de sociedade
Na cidade e no interior.

Deixei minha terra há tempo
Na fase de adolescente...
Pois ali eu sofri coisas
Que sempre ficam na gente
Mas também tive carinho
De estranhos e parentes
Muitos que até já morreram
Mas os vejo na minha frente
Que ajudei e me ajudaram
E tudo reciprocamente...
Outros ainda estão por aí
Tendo um padrão excelente

Mostrando caras e bocas
E temendo ser transparente
Mas a grande maioria
Remando contra a corrente.

De tudo que lá eu vi
Eu guardei como semente
Que mostro por onde passo
Pedindo que o povo atente
Anos setenta e tantos se foram
Ainda hoje nada é diferente
Quem pode, tudo vem fácil
O outro que saia da frente
Ser pobre, a vida é uma guerra
Sem arma e sem dirigente
Só em época de campanha
Descobrem que ele é gente
Mas se há alguns mijados
Já aparece quem oriente
Em economia, o pior estado
É quem em nada é influente
Só tem o valor de um voto
E votar... obrigatoriamente
Através disso é que se escolhe
De vereador ao presidente
Envelheci vendo esse quadro
E hoje é como antigamente
Amigos são raros, mas existem
É quem sempre está presente
Quando há festas e com saúde
A maior prova é quando doente
Mesmo assim, cheguei aqui

Informo que estou presente
Para aplaudir os verdadeiros
Acusar sempre quem mente
Montado em muita verdade
Por isso vou indo em frente
Língua que fala o que é certo
Não teme ponta de dente.

Coxilha foi meu passado
Mas torno sempre presente
Quem oculta a própria história
Nunca vai ser consistente
E quem tem vergonha dela
Esquece a mãe, bendito ventre
Lá, se alguém lembra de mim
Não vai ser como expoente
Mas um guri que era igual
Mas com visão diferente
Foi o início do que sou
Que ser honesto é descente
Mantenho isso por verdade
E é meu modo preferente
Isso não rende dinheiro
Se render, é lentamente

O mais comum é ver sacana
Ultrapassar na minha frente
No Brasil, quem aceita isso
Como lance de inteligente
Pode crer que nunca mais
Vai tirar isso da mente
Foi o que eu vi em Coxilha
Em minha fase de inocente
Em Brasília, fazem pior
E na frente do presidente

Um faz por ser o primário
E se inspirou no repetente
Quem não faz e não acusa
Bem no fundo, é conivente
E o pouco que vem à tona
Abafa-se com pano quente
Se alguém sobra sem culpa
Guarde, que é rara semente.

Há quem é pelo que tem
E outro pelo que sente
Mas um dia os rios terminam
Para o mar, tudo é indiferente
E o meu grande patrimônio
Carrego na minha mente
A minha história em versos
No detalhe e num repente
Que é lembrar minhas raízes
E os traços de minha gente
Retratados no que escrevo
Pois é fato e consistente
No que canto e no que falo
Meu violão chora na frente
Sei que um dia vou calar
Ninguém fica para semente
Mas meu perfil há de ficar
No assovio de um persistente
Para ressoar como um clarim
Desde o fundo até na frente
Coxilha é um lugar pequeno
Mas, para mim, um continente
Onde aprendi a ser humilde
Sem deixar de ser valente
No que faço e como eu faço
Até nem tenho concorrente.



77. Crédito e descrédito

Se tu tens algo sobrando
Não brinques, que alguém te toma
Para estas coisas, normalmente
Por aqui ninguém embroma
Estamos cheios de “papas”
Que não é o lá de Roma
E até quem não é comida
Se bobear, surge quem coma.

E para levar dão um jeito
Amparados em qualquer nome
É em forma de tributos
Outros levam pela fome
Se procuro meus direitos
Honorário é o sobrenome
Se ficas, o bicho pega
Se corres, o bicho come.

Essa correria envolve
Do peão ao fazendeiro
Se paga juro para agiota
O oficial é para o banqueiro
Ambos para enrubar a gente
A garantia é um exagero
É como escapar da vaca
E não do touro e do terneiro.

Faz tempo que virou moda
A indústria do sequestro
Se não recebem bastante
O importante vira resto
Eu resolvi não ter nada
Como forma de protesto
Só assim ninguém me toma
Não me dão e não empresto.

Até hoje me guiei
Pelo caminho honesto
Por não andar me avançando
Me conhecem por modesto
Mas cheguei à conclusão
Por isso me manifesto
Enquanto mal sobrevivo
Faz progresso o desonesto.

No casar, não fiquei rico
Nem ganhei nada de herança
Não pude aplicar no *Over*
Muito menos na poupança
Quem tem pouco sonha tanto
Viver um dia na bonança...
Mas por ter pouco perde sempre
Sempre é o pequeno que dança...
Só quero que Deus me ajude
A não perder a esperança.



78. Ou a vergonha já morreu, ou é irônica e não esquentada

(20/10/2015)

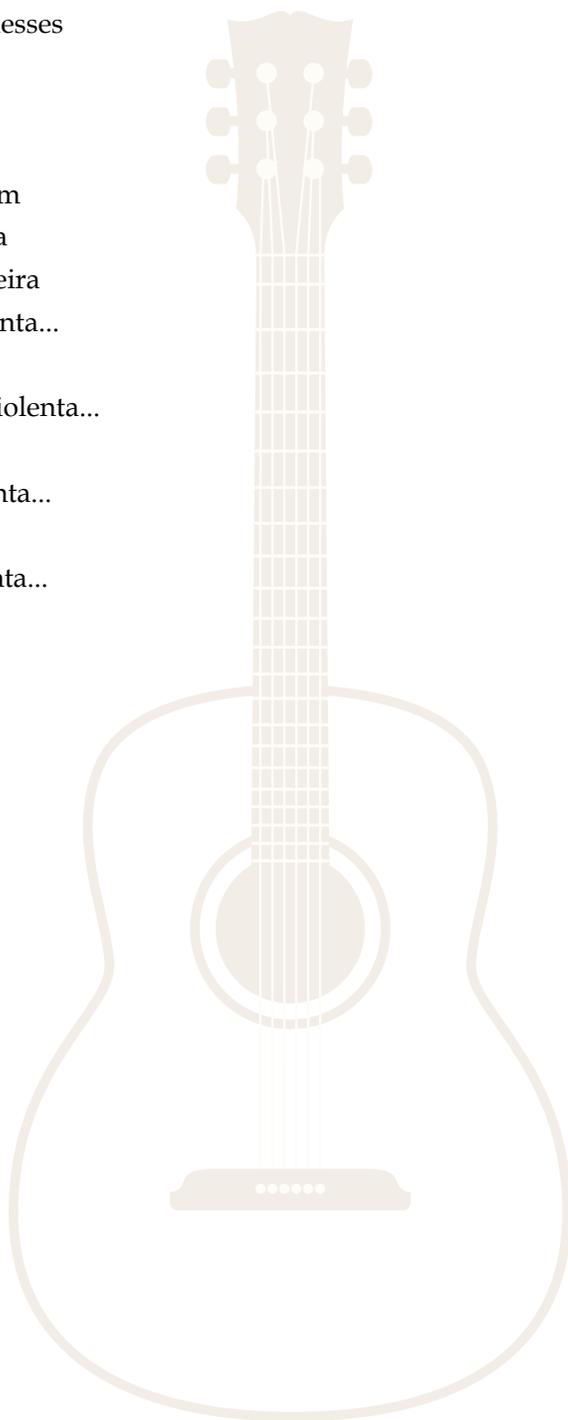
Fui um guri lá da roça
E sonhei ser um artista
Para comprar um violãozinho
Não pude pagar à vista
Mas minha mãe me dizia
Meu filho, nunca desista
O que vem sem sacrifício
Não tem valor de conquista
Graças a esse conselho
Eu segui por essa pista
Hoje sou matéria forte
Para opinião de jornalista
Até esses que duvidam
Que não sou um otimista
E quem adora fraqueza
Vive escutando angolista...
Eu jogo em tempo real
Não engano com massagista...

Pois creio que até no céu
Já deve ter a internet
Mamãe também me ensinou
A chance é de quem se mete
De lá mesmo, ela me enxerga
E de alegria se derrete
Por ver que meu verso e canto
No mundo inteiro competem

Com mídia, ando de avião
Sem ela, é burro e charrete...
De muitas partes do mundo
Está me chegando confete
De Manuel, Pedro e Joaquim
Rockefeller e Janete...
Ainda vejo uns "bolas murchas"
Temendo a minha raquete...
A verdade é o que me inspira
Tem quem só mente e promete...

Lamento por estar velho
Pois já passei dos setenta
Entre o que foi ruim e bom
Eu já vivi uns noventa
Tem coisa que é labirinto
É triste quem nele entra
Mas eu amo este meu Brasil
Deus benzeu com água benta
Mas ladrão é o que não falta
Isso é o que mais aumenta
Ladrãozinho tem de bando
E essa escola só aumenta
Mas com ladrão figurão
Qualquer país se arreventa
E achar prova contra eles
Raramente a coisa esquentada
Uma pátria que chega a isso
O mundo inteiro lamenta

Onde existe um quadro desses
A injustiça se alimenta...
E a justiça não funciona
Por ser cara e muito lenta
E muitos que nela decidem
A panela é igual a polenta
E por versejar dessa maneira
Muita gente não me aguenta...
E poeta que acusa ladrão
Enfrenta ameaça e bem violenta...
Existe muita autoridade
Que ao ler isto se atormenta...
Ou a vergonha já morreu
Ou é irônica e não esquentam...





79. Fatos evidentes

Vou relatar alguns fatos
Que são taxados de críticas
Se no amor as pessoas mentem
Imaginem na política...

Em épocas de eleições
A coisa fica evidente
É um desfile de promessas
Acenos e mostras de dentes...

Mas depois que a coisa passa
Elegem-se os mais da frente
Ao se tornarem autoridades
Quem vai sorrir para eles é a gente...

Oi... meu povo
Nunca foi diferente
Quem tem teto não larga
Quem não tem é um descontente...

O grupo de perdedores
Com um rosto deprimente
Não conhece mais ninguém
Do povo e nem dos parentes...

Por isso, para ser político
Nem requer ser competente
É só ter cara para tudo
Já sai ponteando na frente...



80. Crime do colarinho branco

Existem coisas que nem têm graça
Mesmo assim, temos que rir...
É igual a não comer sapo
Mas alguns ter que engolir...
Aparentar tranquilidade
Bem melhor seria fugir...
Pois um “pum” em elevador
Nem sempre tem que se ouvir
Mas se de fato ele ocorrer
Não tem mais como omitir
Quando os olhos não enxergam
O nariz pode contribuir
Tem quem não confessa um ato
Mas fica sem resistir...
É como estar na miséria
E dela não poder fugir
Crime do colarinho branco
Sempre aqui vi existir
E pelo que tudo indica
Sempre vai se repetir
Se alguém receber *condena*
Eu quero ver é cumprir...



81. Discurso de mentiroso e aplauso de puxa-saco

Um violão sempre me inspira
A cantar o que é mais profundo
Eu reviso o que já passou
E o que ainda se vê neste mundo
Uns que morrem trabalhando
E sempre estão lá no fundo
Outros que vivem folgados
E não passam de vagabundos
Há idosos que são tão ingênuos
Que por criança eu confundo
E jovens bem mais que sacanas
E outros mais que moribundos
Vítimas das consequências
De quem torna o mundo imundo...

A gente nasce sem roupa
Depois difere o casaco
Porém tem certo momento
Que o todo é igual a um naco
De gravata ou sem gravata
Nosso espaço um dia é vácuo
E vai acontecer para todos
Lorde, rei e também o caco
Para quem mora em mansão
E quem se aninha num barraco
Porém o que me gera nojo
Mais que cheiro de sovaco
É discurso de mentiroso
E aplauso de puxa-saco...

Protestar contra essas coisas
Até já dizem que é meu fraco
Pois nunca joguei *snooker*
Mas confio é no meu taco
E como a vida é um jogo
Há coisas que eu não me atraco
Por ter visto alguém entrar
E não sair mais do buraco
Mas sei que já perdi chance
De encher o bolso de paco...



82. Estrada de duas vias

Desde jovem, eu já firmava
Posição no que eu queria
Nesse tempo, ser bom filho
Era quem tudo obedecia
E sempre era carimbado
Quem mostrasse rebeldia
Até meu pai eu questionava
Quando não me convencia
O que adianta fazer errado
Mas sabendo que sabia?
Quem cumpre ordem absurda
É uma dupla covardia
Primeiro de quem ordena
Segundo é de quem cumpria.

Há quem se impõe coagindo
Isso é comum em chefia
A própria palavra é forte
Nem para o dono tem simpatia
Há quem faz disso um escudo
Tornando-a muito mais fria
Só para parecer que sabe
Consciente que não sabia
Por bom tempo, há quem engana
Mas um dia é sempre um dia
Prima-irmã dessa palavra
Vem a famosa hierarquia

Essa dá pano para manga
A história conta o que havia
Quando cai em boca errada
Pai Nosso e Ave Maria
Para muitos, só sobrou isso
Antes da pior agonia.

Sociedade é outra palavra
Que quer dizer sincronia
Depende de várias coisas
Para manter sua energia
E não adianta inventar
É na família que inicia
Ser mais velho não é cargo
Entre irmãos isso existia
Mas aos poucos foi mudando
Por efeitos da democracia
Mesmo assim, ainda se encontram
Famosos e sem serventia
Usando como privilégios
E transformando em tirania
É só prestar bem atenção
Nas coisas que se vê no dia a dia
E o respeito com respeito
Virou estrada de duas vias...



83. Conto do pacote

Se a vida é um espetáculo
Nem todos têm camarote
Gente é como na floresta
Filho, filhinho ou filhote
Uns ficam grandes mamando
Outros já saem dando bote
Alguns atacam de bando
Enxame, rebanho ou lote
Hoje tem muito é matilha
Atacando mais que coiote...

E desses Deus que me livre
Preste atenção e anote
Até nas coisas do amor
Vou com cautela no pote
Depois de pegar na mão
Vem cafuné no “cangote”
Ao seguir o próprio instinto
Pede para abrir o pacote
Também há quem usa isso
Para usurpar e dar calote...

Sou o que sou pelo talento
Não por herança ou por dote
Meu brilho, se alguém enxergar
Claro que não é luz de holofote
No sucesso eu chego a passo
Quando muito, usando o trote
Tem quem vai que nem foguete
Mostra a bunda e sem capote
Outras não fazem o mesmo
Por celulite ou culote...

Não basta um rabo bonito
Para pensar que é sereia
Há bicho que produz arte
Aranha prova com a teia
Beija-flor enfeitada a flor
Sem usar a cor alheia
Há quem distribui carinho
Outro só briga e odeia...
Beleza nem sempre é tudo
Conforme o sabor da feia...

De fato, já me arrastei
Já nadei e dei pinote
Pois iniciei lá na roça
Enxada, arado e serrote
Meu ritmo é lento e firme
Nem creio que alguém adote
Mesmo assim, já venci tantos
Sem espora e sem chicote
Pois provo que até cantando
O meu recado está no mote...

Se a vida é um espetáculo
Nem todos têm camarote
Gente é como na floresta
Filho, filhinho ou filhote
Uns ficam grandes mamando
Outros já saem dando bote
Alguns atacam de bando
Enxame, rebanho ou lote
Hoje tem muito é matilha
Atacando mais que coiote...

E desses Deus que me livre
Preste atenção e anote
Até nas coisas do amor
Vou com cautela no pote
Depois de pegar na mão
Vem cafuné no “cangote”
Ao seguir o próprio instinto
Pede para abrir o pacote
Também há quem usa isso
Para usurpar e dar calote...



84. Gente fina ou gente grossa

Não duvide que eu consiga
Nem descreia que eu possa
Pois sou fibra, garra e luta
Germinadas lá na roça
Não nego minhas origens
Enxada, foice e carroça
Não entendo é quem já foi
E de mim quer fazer troça.

Quem bebeu a vida amarga
Saboreia quando adoça
E o amor, se competido
Vale mais para quem se apossa
Sarna sempre é inesquecível
Justamente porque coça
Procuro ser gente fina
Se preciso, a gente engrossa...

Não me curvo a quem me olha
Assim de cima para baixo
Tenho bastante humildade
Mas não sirvo para capacho
"Panela" grande ou pequena
Eu logo digo o que acho
Eu não aceito marmelada
Que não é feita no tacho...

Sempre procuro ser prático
Nem que quebre o protocolo
Quem é raiz bem nativa
Reflete o que vem do solo
Não iludo com grandezas
Não insisto e não amolo
Ainda tenho por riqueza
Que os humildes não enrolo.

No lodo dos desonestos
Piso firme e não me atolo
Sacana, seja quem for
Não tem vaga no meu colo
O lacre da enganação
Onde existir eu violo
E o grande choque da morte
Enquanto puder isolo...

Não me curvo a quem me olha
Assim de cima para baixo
Tenho bastante humildade
Mas não sirvo para capacho
"Panela" grande ou pequena
Eu logo digo o que acho
E não aceito marmelada
Que não é feita no tacho...



85. Bem antes de um nascimento

(12/07/2016)

O que faço ninguém ataca
Vai que nem poeira no vento
E dribla até detector
E guarda de regimento
Cruza pelo olho gordo
E oposição de ciumento
Circula dentro de igreja
Em clube e no casamento
Entra no corpo e na alma
De quem tem bom sentimento
E sempre que sou ouvido
Meu nome vai tendo aumento
Pois o que mostro é concreto
Com pedra, ferro e cimento
E até quem não me conhece
Entende meu argumento
Agita quem anda calmo
E acalma quem é violento
Infiltra-se na intimidade
Do mais sublime momento
Como um tempero romântico
Do início ao complemento
Todos sabem o que fazem
Bem antes de um nascimento
Em que surge nova vida
Com ou sem consentimento...



86. Eu já vi muito atropelo

Difícilmente para os outros
Quase ninguém é perfeito
Quem mostra muita humildade
Dá chance para o desrespeito
Tem quem não usa sutiã
Mas vive metendo o peito
Em cama que eu não conheço
Não é em todas que eu deito
Mantenho meus compromissos
Mas exijo o que é meu direito
Para mim, amizade é uma coisa
Bem outra é invasão do eito
Vale para quem é fiscal
Para policial e para prefeito
Pois quem não esclarece bem
Pode passar por suspeito...
Tem gente que erra o pulo
Depois fica bem sem jeito...

Não desejo o mal para outros
Se, para mim, eu quero o zelo
Tem quem levanta a fofoca
E por falar pelos cotovelos
Até gado bravo se acalma
Quando alguém sabe atendê-lo
Qualquer tropa segue bem
Se tiver um bom sinuelo
Quem só vê o rabo dos outros
Antes o seu tente escondê-lo
O tigre pode até ser manso
O respeito já está no pelo...
Girafa de bem mais longe
Já vê antes que o camelo...
Por cantar mulher dos outros
Eu já vi muito atropelo...
E daí faltou ambulância
E hospital para atendê-lo...



87. Enxergar sem ter que ver

Há quem quer é ver meus erros
E fica inquieto quando acerto
Andando já fiz o longe
Se tornar muito mais perto
Para mim, tudo é duvidoso
Há quem tem futuro certo
Sei bem o que é passar frio
E tentar dormir descoberto
Para mesquinhez, é pequeno
O pequeno que anda *alerto*
Tem quem é um grão de areia
Mas pensa que é um deserto
As nuvens, quando se reúnem
Tornam o céu encoberto
Muitos não enxergam nada
Mesmo de olhos abertos...

Têm coisas que não adianta
Melhor é tirar da lista
É querer encontrar pobre
Que adore capitalista
Entusiasmo contagiante
Em cantiga de angolista
Cordeiro amigo de lobo
Judeu perdoando nazista
Rato que goste de cobra
Carioca sendo paulista
Reportagem que não tenha
A opinião do jornalista
Brasileiro por honesto
Sendo capa de revista
Isso é o que pode ser visto
Mesmo sem uso da vista
E poesia por mim escrita
Aplaudida por comunista...



88. Aquele erro que deu certo

(15/07/2016)

Voltei de novo a beber da mesma água
Mesmo sabendo que não é a melhor fonte
Mas essa sede era de engolir saudades
De nosso encontro que parece que foi ontem.

A paisagem até mudou, mas bem para pior
Tudo o que é vivo se percebe tanto quanto
As mesmas flores, mas perderam o perfume
Dos passarinhos, não parei para ouvir o canto.

Tive vontade de encontrar um quadro novo
E o pensamento eu mantive muito *alerto*
Naquela fonte, bebendo da mesma água
Eu me iludia que te via ali por perto.

De gole em gole, fui matando a minha sede
Tua presença foi miragem no deserto
E a saudade misturada com desejo
Fui afogando nosso erro que deu certo.

Voltei para casa com um vazio na esperança
Mas na certeza de que meu fim está mais perto
Nem todo amor tem uma escritura pronta
O nosso é do tipo que não vai ser descoberto.

Naquela fonte, se eu voltar a beber de novo
Tenha certeza que vai ser mais que a quantia
Vou relembrar o dia de nosso encontro
E reafirmar o fim que a gente já via.



89. Mendigando amor errado

O mundo tem certas coisas
Que fazem a gente pensar
Que o destino evitado
Mais tarde vem nos cobrar
Este caso eu presenciei
Iguais há outros, eu garanto
Ele já envelhecido
Ela mais ou menos quanto
Levaram os filhos para casar
Na frente do altar dos santos
No passado, isso para os pais
Por vezes, sonharam tanto
A mãe dela com o pai dele
Se amavam tanto quanto...

O tempo mostra o futuro
O espelho, o que está na frente
Tem quem passa pela vida
E nunca expressa o que sente
É o mentiroso perfeito
Para si mesmo, ele mente
E acredita na mentira
Finge que vive contente...

Aqueles pai e mãe
Mas de casais diferentes
Quando jovens, ali mesmo
Se amaram loucamente
Não chegaram ao casamento
Por coisas própria de gente...
Pois ela, na sociedade
Esteve um pouco na frente
A hipocrisia às vezes colhe

Produto da própria semente
Naquele ato de amor
Eram os pais dos nubentes
Tem o que hoje evitamos
Amanhã vem de presente...

O tempo mostra o futuro
O espelho, o que está na frente
Tem quem passa pela vida
E nunca expressa o que sente
É o mentiroso perfeito
Para si mesmo, ele mente
E acredita na mentira
Finge que vive contente...

Na hora dos cumprimentos
Isso até foi comentado
Pois os dois se demoraram
Num forte abraço apertado
O que eles conversaram
Por ninguém foi escutado
Zum-zum feito entre os presentes
Parentes e convidados
O exemplo visto nos filhos
Pelo belo, entrelaçados
E a prepotência do orgulho
Envolveu dois condenados
Que vão terminar a vida
Mendigando amor errado...



90. Cadeira cativa

O que foi bom meu pensar já arquivou
Paixão passou, foste muito restritiva
Por bom tempo, te amei por chuva calma
Porém, de alma é agitada e possessiva...

Pois, no geral, é depois que a casa cai
Que a gente vai ter postura refletiva
No amor, também existem os temporais
Nem volta mais a brisa compreensiva...

A paixão ardente não é permanente
E quando é, na gente tudo se motiva
Das belezas, será sempre a mais bela
A vida e ela não têm cadeira cativa...

Paixão é nuvem que passa e não avisa
Mas tu só visas um céu sem tempestade
Paixão de um só é abismo sem saída
Condena a vida a viver só de saudade...



91. Com amor, nem precisa cama

O lindo é saber que a vida
Ainda vibra no peito
Saber o que não se fez
Lembrar o que já foi feito
Com amor, não importa a cama
Nem o detalhe do jeito.

Mas só vai conseguir isso
Quem derrubar preconceito
Lençóis de cetim não falam
E sim um amor perfeito
Pois quando não é assim
Nunca tem o mesmo efeito.

Carinho cheirando amor
Quanto mais, ninguém reclama
Entranham-se no seu ardor
Nem é preciso ter cama
A felicidade não enche
E se enche, nunca derrama.

A vida sempre é um jardim
Com flores de todo jeito
Quando dois fazem amor
Um no outro é satisfeito
Os corpos voam nas nuvens
E a alma sonha no leito.

O próprio cravo e a rosa
São adornos na natureza
Colorem, perfumam tudo
Enfeitam a própria beleza
Mas, dependendo a lapela
Ou certos tipos de mesa
Simbolizam, muitas vezes
Injustiça, horror e tristeza.



92. Eu nem quero que amanheça

Quando estou longe de ti
Não te tiro da cabeça
Quando chego bem pertinho
Não evito que isto desça
Ao receber teu carinho
Deixo que o corpo apeteça
Mesmo que seja de dia
Não espero que anoiteça
No vivenciar esse encontro
Quero que a vida estremeça
De amor e felicidade
Deixo que a alma enlouqueça...
E a noite que enfeita isso
Eu nem quero que amanheça...
Quem teve um momento desses
Reza que assim permaneça...
Alguém que pensa o contrário
Talvez porque desconheça...



93. Viajar pelos olhos

Desfilo diante de olhares
Meigos, tensos ou espessos
Pelos olhos, normalmente
Que tudo tem seu começo
Se me olhares com grandeza
Tenha certeza que eu cresço
Se acaso for ao contrário
Apenas me compadeço
É pelo modo de olhar
Que muita gente eu conheço.

Nos olhos, vejo o externo
O interior pelo avesso
Tem olhos que valem muito
E outros de pouco preço
Olhos mostram o início
O fim e o recomeço
Num olhar, vejo o caminho
Por onde eu subo e desço
O amor que vem pelos olhos
Se for falso, eu logo esqueço.

Mas o brilho de teus olhos
Ao contemplar, estremeço
Neles, percebo um mundo
Com tudo que eu apeteço
É no teu olhar de mulher
Que o fio do amor eu teço
No prazer que nos envolve
Eu viajo sem endereço
Na paisagem de teu corpo
Vibro e também adormeço
De manhã, na aurora dele
Que desperto e amanheço
Por poder ver tudo isso
A Deus, eu muito agradeço...



94. Meus sonhos

Lembro o encanto de tantos lugares
Com jantares, danças e bom vinho
E cruzamos por terras e mares
Sempre tu a enfeitar meu caminho.

No teu jeito me torno um pensante
Nos momentos que fico sozinho
Assim vejo o quanto são importantes
Os teus beijos, o amor e o carinho.

Por te amar, já nem sei o que faço
Para provar que sou um apaixonado
E dormindo eu me sinto contigo
Com a crença que estou acordado.

Na saudade, lembro teu afago
É no sono que também te adoro
Pelos sonhos eu também te trago
Para o quarto da casa onde moro.

Tantas vezes, quando em solidão
Vivenciei a tua companhia
E acordei após muita paixão
Tendo a noite e a cama vazias...



95. Pensar... em pensar...

(07/07/2016)

Ser casada é sinal de perigo
Impedindo minha progressão
Ao transitar sob a luz de meus olhos
Meu desejo entra na contramão
Enquanto viajo na tua beleza
No meu sangue circula paixão
Meu pensar... dirijo só para ti
E me entrego na imaginação
Carrego-te ou quero que trafegues
Só pelas ruas do meu coração...

Cada vez que te encontro ou te vejo
Sou a sede enxergando a bebida
És maçã que no meu paraíso
Simboliza a fruta proibida
Ou champanhe servida na taça
Instigando os prazeres da vida
Refeição que aguça meus sonhos
Para na mesa do amor ser servida
E que desse banquete eu só saia
Quando a fome se der por vencida...

Detendo-me a conceito que existe
Que o pecado só basta pensar...
Mas, em parte, também tu tens culpa
Se me enlevas, mas sem me levar
Do teu gosto, eu não sei o gosto
Mas de ti aprendi a gostar
Cada instante que lembro ou te vejo
Fico sempre a pensar... em pensar...
Na doçura de teus lindos lábios
E nos sabores que posso encontrar...

Ser casada é sinal de perigo
Impedindo minha progressão
Ao transitar sob a luz de meus olhos
Meu desejo entra na contramão
Enquanto viajo na tua beleza
No meu sangue circula paixão
Meu pensar... dirijo só para ti
E me entrego na imaginação
Carrego-te ou quero que trafegues
Só pelas ruas do meu coração...



96. Querer é poder

De tantas coisas que fiz
De bem poucas me arrependo
Aqueles que deram certo
Eu continuo fazendo
As que não foram assim
Por errar, fiquei sabendo
Aprendi a comprar a prazo
E é só à vista que vendo
Desprovido de fortuna
Mesmo assim, eu vou vivendo...

Para as feias, digo que a vida
Vale continuar vivendo
Porque sempre tem um feio
Dessas feias dependendo
Também têm lindas carentes
Que sinto que estão me vendo
Como não sou uma beleza
Não é nisso que eu me prendo
Mas na boa qualidade
Do que ando fornecendo
Seja rica ou seja pobre
Quem procurar eu atendo

Pois muita gente tem preço
E anda se oferecendo
Eu vendo é a minha arte
Pelo que ela está valendo
Até depois que eu morrer
Bem mais estará rendendo
Para Deus, doeí a minha alma
Do corpo vou me valendo
Sei que isso não é para sempre
Quem que não está sabendo?
Se o fogo do inferno apagar
Não vão me ver acendendo
E nem na panela do diabo
Ninguém vai me ver fervendo
Tudo que fiz e deu certo
Eu repriso e não remendo
Deus existe é para quem crê
Isso é o que vem me mantendo
Pois se querer é poder
Eu vou continuar querendo...



97. Estar consciente

A felicidade é uma coisa
Que o ser humano procura
O grande sonho é encontrá-la
Mesmo até na noite escura
Se encontrada, simplesmente
Não se sabe o quanto dura
O mais difícil é distingui-la
Quando é falsa e quando é pura...

Quem deseja ser feliz
Mesmo infeliz se conforma
Quem sempre vive feliz
Pode até pensar que é norma
Perdendo a felicidade
Na saudade se transforma
Saudade sempre é saudade
Não tem troca e nem reforma...

A felicidade até acho
Que mora dentro da gente
Mas se muda muito fácil
E o endereço ela mente
Não quer ver a gente triste
Nem amargo e descontente
Ela é o grande cronômetro
De tudo que a gente sente...

Quando ela está conosco
O todo fica envolvente
Torna-se quase palpável
De algum modo é consistente
Mas basta qualquer coisinha
Ela foge num repente
Deixando só a saudade
Circulando em nossa mente
Um dia hei de inventar
Uma coleira ou corrente
Para manter a felicidade
Sob o controle da gente
Só que isso é impossível
Nunca será permanente
Pois minha felicidade
De ti é bem dependente
Quando almejo teu calor
Teu sorriso é a vertente
Que inunda o meu coração
O que sucede é consequente
Não questionamos pecados
Nem o que é ser inocente
E produzir a felicidade
É ver o outro contente
Isso é o mesmo que dizer
Sentir o que o outro sente
Só contigo eu consigo
Ser feliz completamente
Mesmo sabendo que um dia
Tem um fim, estou consciente...



98. O veto

O dinheiro compra tudo
O que tem forma concreta
Só não compra o conteúdo
Da inspiração de um poeta
É por isso que a poesia
Fala alto agindo quieta
Até a palavra errada
Tem o valor de correta
Poesia faz o doutor
E a cultura analfabeta
Quem recebe este legado
De algum modo se projeta
Se for rico, é um gênio
Se pobre, é coisa inquieta...

Poesia anda de avião
A pé e de bicicleta
E corre por todo mundo
Sem precisar ser atleta
Poesia veste a canção
Que namora ou desafeta
Umas são que nem a flecha
Até seguem por linha reta
E a que atinge o coração
É porque chegou na meta
Por consequência ou efeito
A alma também espeta...

Na poesia a gente viaja
Acalma-se... e se inquieta
Tem força de compressão
E emoção em mim injeta
Por vezes, é mais que lei
Que nem um poder decreta
Até dizem que é loucura
Que algum louco arquiteta...

Poesia não é uma moda
Que um período nos afeta
A poesia é uma luz
Que ilumina um profeta
Normalmente não acende
Quem a pilha está incompleta
Tem poesia que arrepiava
Outra alisa e até arreta
No geral traz alegria
Comoção, se for concreta
A poesia já uniu
Quem se ama e quem se embreita
Ela não ocupa espaço
Mas tanto vazio completa...

A poesia vai contar
Minha passagem discreta
Pois quem é de carne e osso
Chega um dia e desinfeta...
Creio que vou ser citado
Por um neto ou uma neta...
Meu avô deixou escrito
Numa mensagem seleta
Vários temas em poemas
Para ser conversa indireta
E a saudade com amor
Nunca ninguém “engaveta”.

Na vida, fez da poesia
Sua oração predileta
E para todos distribuía
Para a vida ser mais completa
Pois no céu, se existir verso
Lá estará meu velho poeta
No que faz sempre confiante
O que cria ele interpreta
O paraíso sem poesia
Anjo briga e envareta
E até o santo mais santo
Acha a atitude correta
Como lá Deus é quem decide
Não vai ter “diabo que veta”...



99. O mal e o bem a um preço tal e qual

Creio que é pura verdade, além disso principal
Que a vida é boa, se mantida ao natural
E certas coisas, para serem digeridas
Tem dose certa, de açúcar ou de sal
E a verdade, sempre que for distorcida
É uma represa que nos afoga no mal
E uma razão, segregada ou oprimida
A pior ferida comparando é bem igual...

O homem certo é aquele que já veio
E, neste meio, foi recebido tão mal
Aqui há muitos que só a cargos palmeiam
Fazem do alheio o seu próprio capital
E na ilusão de que através desse meio
Possam chegar ao valor de imortal
Mas não esqueçam que no luxo e no asseio
Há coisas sujas, que não se veem no visual...

Dizem que a vida é um coquetel de conquista
Em que cada um chega no seu cada qual
A falsa estrela sai na capa da revista
Com pouca roupa, porque isto é o principal
No interior (da revista), a nudez da pobreza
É reportagem de onde vem o marginal
O editor vende, num mesmo pacote
O mal e o bem a um preço tal e qual...



100. Gostar ou não gostar

(14/07/2016)

Minha obra tem seus efeitos
E carimbos, há quem me imputa
O próprio ato de criar
Gera ciúmes e disputa...
Existe quem não me gosta
Mesmo assim, ele me escuta
Uns acham que são a verdade
E a verdade absoluta...
Sigo mostrando o que faço
Obra-prima de minha luta
Nem Cristo agradou a todos
Imaginem quem tem conduta...
Um ser humano, quando raro
Não tem preço e nem permuta...

O próprio ato de criar
Gera ciúmes e disputa
E há os que não criam nada
Não dão flores e nem fruta
Trafegam que nem minhoca
No barro e na terra enxuta
Ou vivem que nem morcego
Na escuridão de uma gruta
Pois mostrar a cara no claro
Às vezes é coisa bruta
Existe o filho do bem
E também o filho da p...
Normal é, para esse anormal
Que alguém faça e ele chuta...



101. A prensa vem depois de frito o perito

Meus versos são conhecidos
Normalmente por escrito
Cantados e musicados
Muitos deles eu repito
Usando a sonoridade
Tem rapidez o que é dito
E conforme cada tema
Eu formalizo o que cito
Pois melodia em poesia
Deixa o mundo mais bonito
Se alguém se alegrar por isto
Entende o jeito que agito
É nessa força sublime
Que me tornei um perito...

Em Deus busco a inspiração
É só nele que acredito
Todo enganador é um diabo
Com esse, muito me irrita
Quem tem alma e coração
É um ser humano infinito
Quem vale pelo que tem
Um que outro vira mito
Raro é ser pela bondade
Mais é por criar atrito
Tem quem escuta a consciência
Só ouve gemido e grito
Mas gente é como torresmo
A prensa vem depois de frito...



102. Informar é compromisso

Enquanto vivi na roça
Lá vi muito reboliço
Na cidade é bem igual
Rola pau chato e roliço
Enquanto não é comigo
Não aparto e não atico
Para esclarecer a verdade
Informar é compromisso
Grosso existe em toda parte
Vira e mexe e não sai disso...

Esse é meu modo de agir
Ninguém tem a ver com isso
Tatu nasceu para ter casca
Quem tem espinho é ouriço
Se eu recuar para feiticeiro
Meu mundo vira em feitiço
E o Deus que eu acredito
Não deixa que eu entre nisso
Para esclarecer a verdade
Informar é compromisso...

Não ando escondendo nada
Há quem quer me dar sumiço
Páreo de grandes cavalos
Não se ganha com petiço
Na pescaria com rede
Ninguém pega no caniço
“Minhoca em lagoa alheia”
No geral dá muito enguiço
Rola pau de todo tipo
O mais usado é o roliço...

Por isso que muita gente
Olha-me como suspeito
Se a maioria copia
Eu mantenho meu jeito
Gosto de cama macia
Já sofri por não ter leito
Tem quem viveu pior que eu
Não fala por não ter peito
Na roça ou na cidade
Bronca é falta de respeito...

Tatu nasceu para cavar
Quem trepa fácil é ouriço
Eu sigo pelo que penso
Ninguém tem a ver com isso
Se eu recuar para feiticeiro
Meu mundo vira em feitiço
E o Deus que eu acredito
Não deixa que eu entre nisso
Para esclarecer a verdade
Informar é compromisso...



103. Mas acaba no da gente

Já ando lendo o futuro
Mesmo não sendo vidente
Pelo que nos mostram hoje
O amanhã já se pressente
Noventa e nove por cento
É que vou estar descontente
E verdade como esta
Para nós é tão evidente
E pelo que a história conta
Já vem lá do antigamente
Invente o que inventarem
Sempre acaba no da gente.

Aqui, acabar na gente
Não pensem que é palavrão
É uma forma de dizer
Usando a figuração
Para retratar os que perdem
A terra, a casa e o galpão
Perdem até a esperança
E de viver a animação
A libido de banqueiro
É juro, jeito e inflação
Existindo isso para eles
Sexo é segunda mão
Aqui é o mundo da leoa
Ela caça e dá para o leão
Esse bicho mete medo.

Na grande população
Por isso declare bem
Do imposto, a declaração
A libido de político
É o poder mais o cifrão
Cargo é a grande musa
Persegue até no caixão
E o orgasmo é ser eleito
Mas praticando enrolação
Em cima de uma maioria
Que é normal faltar o pão
Perfil para esta conquista
Discurso e simulação
Uma consciência insensível
Para quem tem percepção
Mas o povo, por ser povo
Vai por ter boa intenção
No final de tudo isso
Fica só com a ilusão.

Informar é o que eu faço
Muito mais por persistente
O que digo, prego e mostro
Envolve todo o continente
Por fazer de um jeito próprio
Já me tornei diferente
Se vendo em poucas quantias
Mesmo assim, vou indo em frente
Mas esse tanto que vendo
Normalmente é para semente
Por ser pouco conhecido
Eu não atinjo muita gente.

O prato tem meu tempero
Só me falta quem es quente
Como o que digo é verdade
Não tenho nem concorrente
Pois copiar é muito fácil
Criar é bem diferente
Em mesa que tem fartura
É bom sentar um influente
E que tal se eu for à mídia
Viro estrela num repente
Pois quem cai na graça dela
Até sem ser vira expoente
Com uma energia dessas
Vão sumir os oponentes
Opinião deles não é própria
Vão me ver por excelente.

Até já ando com medo
De me tornar incoerente
Se muitos me acreditarem
Vêm dinheiro e pano quente
Na ostentação do poder
Um corrompe e outro mente
É o que se vê todo dia
Desfilando em nossa frente
Deus me livre, eu igual a eles
Com pose de prepotente
E mandando pôr no do outro
O que não se quer no da gente.

Aqui se passam tragédias
De um modo indiferente
Somos um povo que sofre
Mas parece que não sente
Mesmo vendo tudo isso
E sempre mais efervescente
Malandro diz em discurso
Que brasileiro é decente
A mensagem disso aí
Dá para entender diferente
Todo dia desce um tanto
Que nem sabugo na enchente
Para quê? Pensar em futuro
Nem se questiona o presente
Futebol, gingado e bunda
Já deslumbram nossa mente
Acredita-se em qualquer um
Basta que nos mostre os dentes
Miserável, por não ter nada
Nunca será inadimplente
Mas quem tem alguma coisa
O perigo é permanente
Crédito vem de pacote
Pelos fundos e pela frente
Aceitamos qualquer juro
Alto ou baixo, ninguém sente
Mais hoje ou mais amanhã
Sempre acaba no da gente.



104. Diferentes resultados

Às vezes a mesma coisa
Só que em momentos trocados
Basta prestar atenção
Que é bem outro o resultado
Quando eu era pequeno
No colo fui carregado
Por fazer a mesma coisa
Hoje sou um homem casado
Pois inventei de dar colo
Para a irmã do meu cunhado...

Fiz uma pequena firma
Já iniciei muito apertado
Busquei recurso nos bancos
Por todos me foi negado
Mesmo assim, cresceu a empresa
Meu saldo ficou recheado
Agora já tem gerente
No meu pescoço grudado
Como é bom um saco cheio
E um puxa-saco agarrado...

Outro dia eu precisei
De um certo deputado
Fui lá no seu gabinete
Cansei de esperar sentado
Bajuladores diziam
Ele está muito ocupado
Porém veio a reeleição
Por ele fui procurado
Informei que o meu voto
Ele que espere deitado...

Um ladrão me confessou
Que um tempão viveu folgado
Roubava, e o processo
Com o tempo era sustado
Mas um dia se deu mal
Imagine o resultado
Por engano ele roubou
Na casa do delegado
Só assim abandonou
Esse vício tão danado...

Me inscrevi num concurso
Que já tem até cursinho
Só classificou um fulano
Que no estudo era curtinho
Ou ele é quero-quero
Que pia longe do ninho
Ou é mais um desses casos
Que foram por outro jeitinho
Tem quem não planta parreira
Mas que toma o melhor vinho...

O meu pai sempre dizia
Meu filho, seja discreto
Conforme façam a volta
Dependendo, passe reto
Tem coisa que hoje é erro
Amanhã já é correto
Assim como te ensinei
Quero que ensines meu neto
Sempre têm os barulhentos
Mas também quem come quieto...

Por montar este recado
Me sinto também artista
Tentando chegar a isso
Tem muita gente na pista
Do leigo ao diplomado
Quer outra boca o dentista
Às vezes quem paga mais
Consegue alguma entrevista
São mostrados os excelentes
E ruins com bons avalistas...

Se acaso alguém se ofender
Com o que diz o poema
A vida é que nem um barco
Que o próprio dono rema
Quem não tem culpa em cartório
Esta poesia não tema
Aqui todos são honestos
Culpam mesmo é o sistema
Mas o ovo, quando é bom
Separa a clara da gema...



105. Que tal se o céu é assim?

(21/10/2014)

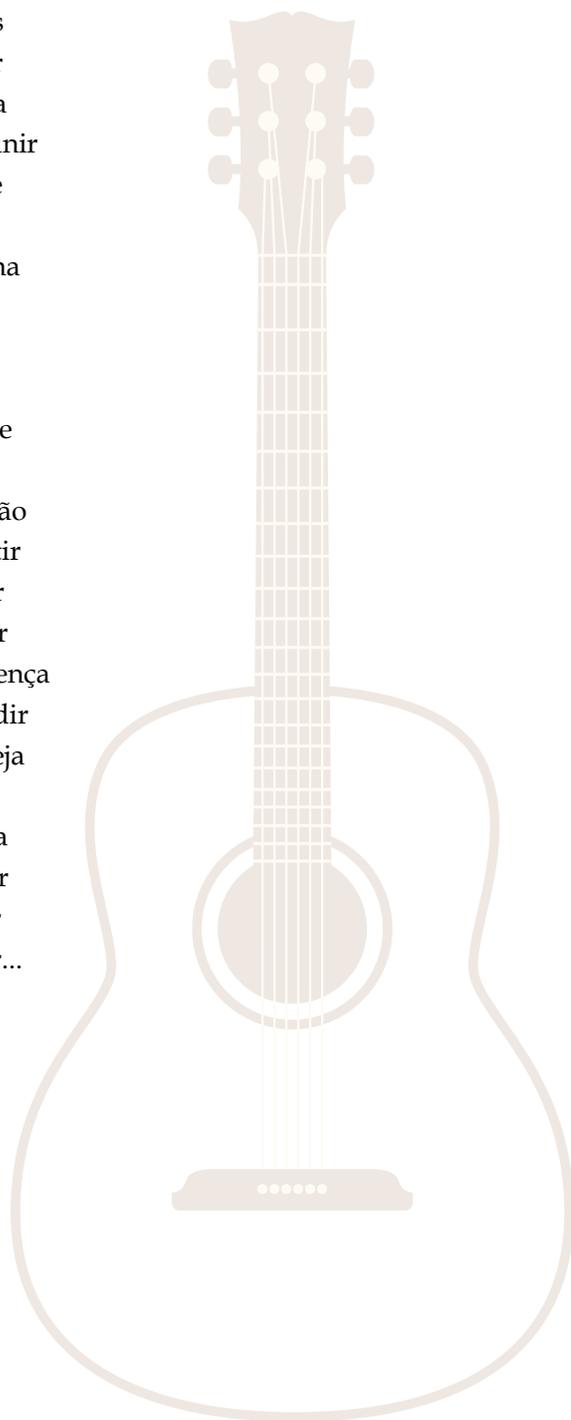
Nem que seja um dia antes
De eu me render para a morte
Quero ouvir alguém dizer
Que fui um homem de sorte
Pois sofri por ser humilde
Mas não deixei de ser forte
Me rotulavam por sem rumo
Mas nunca perdi meu norte
Primo pelo que é direito
Creio que nada me entorte
Já passei muita aflição
Só tive Deus por suporte...

Não vivo atrás de conselho
Já vieram me aconselhar
De graça, escutei centenas
Também tive que pagar
Mas um conselho de mãe
Não tem onde se comprar
Se o céu for como imagino
Não se paga para entrar
O espaço que for para mim
Não vou ter que escriturar
Estaciono onde eu quiser
Ninguém vem para me multar
Não vou ter mais documentos
Nem satisfação para dar
Lá, não vai ter eleição
E ninguém para se votar
Não existem os "fichas sujas"
E nem dinheiro para limpar...

A perfeição está em tudo
Onde Deus quis residir
Quem com ele vizinhar
De tudo vai usufruir
As festas serão contínuas
E a essência é se divertir
Não serão iguais as daqui
Mais para mentir e fingir
Ou negócio arquitetado
E para malandro extorquir
Só vão ter mulheres lindas
Feias lá não vão surgir
Essas vão ficar por aqui
É um estágio para cumprir

Feiura, quando é no todo
Não é fácil resistir
Mas se tem beleza interna
Deus convida para subir
No céu só entra o que é belo
Não tem o que discutir
Em alguma ocupação
Quero estar lá para servir
Compondo versos e músicas
Em muito vou contribuir
Com meu violão afinado
Até anjo vai me aplaudir...

Cama tem de vários tipos
Mas não é para se dormir
Pois cansa e sonolência
Existem aqui para nos punir
E a morte, maior verdade
Ninguém dela vai fugir
Depois disso, é vida eterna
E dessa morte vamos rir
O tempo para no tempo
Mesmo tendo o ir e o vir
Todos têm a mesma idade
Para não precisar mentir
Roubo, ambição, corrupção
Não têm nem para discutir
O menor é igual ao maior
Para não ter que competir
Pequena ou grande diferença
Nem tem metro para medir
E tudo o que a gente deseja
Surge sem ter que pedir
Crack, cocaína e maconha
Se alguém vende, vai falir
Lá, o prazer de ter prazer
Não vai ser para se exhibir...





106. Não me comparem ao Ramiro

Para poder manter meu jeito
Busco tudo o que prefiro
Tento escolher o que como
Também o ar que respiro
Onde atitude é pequena
Um grande gesto eu sugiro
Por ver quem pratica isso
Tudo o que é bom adquiro
Quem caçou com taquari
Mata no primeiro tiro
Senão só fica o lamento
Depois do erro, eu suspiro
Nas coisas boas da vida
Pintando a chance eu confiro
Cansei de juntar só penas
De cores que eu admiro...

Quem defende a natureza
Há poucos, mas eu me insiro
Lá está o que é puro e belo
Em fantasia não me inspiro
Envelheci sendo um guri
E na pandorga dando giro
Ser moderno é o que mais mostram
Morro antigo, mas não viro
O contrário, se me provarem
Minha opinião eu retiro
Conforme o porte da "anta"
Engulo sapo e não atiro
E minhocas da sociedade
Bodoque assim eu não estiro
Sou o que sou por ser Francisco
Não me comparem ao Ramiro...



107. Ser gente é uma coisa, difícil é ser humano

Meu verso não se afirma
Em tiro, facada ou murro
Sei assimilar derrotas
E não mentiras que surro
Se encontro alguém abatido
No bom sentido eu empurro
Só não posso é ver sacana
Usando os outros por burro...

Só sei ensinar a volta
Depois que aprendi a ir
Não tento enganar os outros
Também para não me iludir
Escutar nem sempre é fácil
Mas é um ato de evoluir
Quer por bem ou até por mal
Assim aprendi a ouvir
Aplauso sempre me anima
Se de quem sabe aplaudir
Joia rara é a pessoa
Que aprendeu a discernir
Que é duro ser quem precisa
Pior é não ter para quem pedir...

Não me sinto inferior
Aos que se erguem no lodo
No íntimo, eles já sabem
Que vivem do próprio engodo
Lindo é quem tem o tamanho
De seu esforço e denodo
Esse nos mostra uma parte
Já dá para se ver o todo...

O mundo não mudou muito
Muda é o efeito do dano
Por isso o que perpetua
É mentira, gerando engano
Noventa vivem “pelados”
Cinco a dez, no melhor pano
Sempre vão tocar a música
Os que são donos do piano
Tentar dançar nesta festa
Muitos dançam é num “cano”
Gente cada vez tem mais
Em cada dia de cada ano
Isso é fácil de surgir
Difícil é gente e humano...
Na terra, o maior domínio
Inspira o maior tirano...



108. Mar de hipocrisia

(28/08/2008)

Já mudei minha mensagem
Para ter chance na disputa
O que adianta fazer poesia?
E com cultura absoluta
Mas para ter um bom mercado
Tem que inventar uma truta
Vou mostrar cachorro morto
Por ter mais gente que chuta
Inspire corno e borracho
E valorize mulher puta
Só assim vou enriquecer
Tendo Ibope e grande escuta...

Já tivemos seleção
Que de craques estava cheia
No defender a Nação
Só fizeram coisa feia
Mais vale sair campeão
Mesmo jogando sem “meia”
A Bandeira do Patriotismo
É pouca gente que hasteia...

Não defendo mais a árvore
Nem as flores, nem a fruta
Não recorro a sanga limpa
Nem a beleza da gruta
O que adianta fazer poesia?
Com cultura absoluta
Mas para ter um bom mercado
Grande renda e pouca luta
Vou mostrar cachorro morto
Por ter mais gente que chuta
Inspire corno e borracho
E valorize mulher puta
Só assim vou enriquecer
Tendo Ibope e grande escuta...

Pois renda, fama e poder
É raro quem não pleiteia
Escrevendo e falando errado
Posso ser chefe da aldeia
Vou me encher de diplomados
Para compor a minha “teia”
Nesses cargos arranjados
Um assumeM outro nomeia
Para todos meus coniventes
Grande conchavo e com ceia
E para o melhor puxa-saco
Sempre a cesta mais cheia
Aqui há quem colhe muito
Embora o nada que semeia...

Na roça o meu pai dizia
Do coro sai a correia
E por ironias que faço
Muita gente até me odeia...

Por um pão limpo e honesto
Pulsa meu sangue na veia
Pois tem sabor especial
E não vem de coisa alheia...

Mas enxergo o que está aí
Também o que nos rodeia
Nesse mar de hipocrisia
O lamaçal me tonteia...

Com poder, fama e dinheiro
Raro é quem vai para a cadeia
E se for, logo é liberado
Para não entregar a “teia” ...

Não defendo mais a árvore
Nem as flores, nem a fruta
Não recorro a sanga limpa
Nem a beleza da gruta
O que adianta fazer poesia?
Com cultura absoluta
Mas para ter um bom mercado
Grande renda e pouca luta
Vou mostrar cachorro morto
Por ter mais gente que chuta
No recado, aumente os cornos
E valorize mulher puta
Só assim vou enriquecer
Tendo Ibope e grande escuta...



109. A distância entre o ser e o ter

(09/07/2016)

Já vivi mais do que o tempo
Também fiz mais que a empreitada
Minha obra só não vê
Quem tem as vistas vendadas
Caminho rumo a um destino
Que se chega sem estrada
Já chorei por quase tudo
E também por quase nada
Já vi quem pensa que é rico
E é a miséria estampada
Poucos nasceram para ser
Muitos ostentam fachada
Pois entre o ser e o ter
Há uma distância danada...

Creio que um dia tu sintas
Que nosso astral é diferente
Com certeza vai tremer
Quase todo o continente
Penso até que esse fato
O tenho muito consciente
Quando a consciência recorda
E torna o passado evidente
Vai ser quando não tiveres
O meu eu na tua frente
Para quem é o referencial
Não tem outro referente
Duro é buscar no futuro
O que não mais será presente...



110. Nem mostra o que não se via

Escolhi contar estórias
Que estão no dia a dia
Para ficar mais atraente
O texto sai em poesia...

No violão e nos acordes
Eu encontro a sintonia
A mente fica obediente
E logo surge a melodia...

O choro envolve algumas
Outras, risos e euforia
Na força dessa corrente
Meu viver tem regalia...

Que serve como acalento
Ao recordar o que existia
E um sorriso de saudade
Mostra o que a gente não via...

Isso se chama lembrança
De amores e com fantasia
Mas o tempo não tem volta
Nem mostra o que não se via...



111. Erro não é feitiço

Na vida, buscamos a sorte
Outros têm vivendo inerte
Chega como uma surpresa
Sendo assim, nem adverte
Mas nos vale como aviso
Para que a gente desperte
Que um erro depende de quando
Não tem mais quem o conserte
E a Justiça se torna injusta
Quando um valor ela inverte
Homem ou mulher é pessoa
E duvido que sempre acerte
Só Deus é quem tem o poder
De perdoar quem se converte...

Lembro a saudade de alguém
Esse lembrar não se rende
Enquanto comprarem pessoas
Sempre haverá quem se vende
Quem escolhe amar desse modo
De amor mesmo não entende
Um caso assim, quando se apaga
Nem com milagre se acende
Existe ida que não tem volta
Mesmo para quem se arrepende
Falar em perdoar é fácil
Na prática é que depende...

Saudades por vezes ficam
Até para quem cria o enguiço
Pois no pensar de quem ama
Isso gera confusão e rebuliço
Só entende uma dor assim
Alguém que passou por isso
Parece não ter mais nada
É bem difícil dar sumiço
Esse é um tipo de lembrança
Que parece um compromisso
Para muitos, isso é natural
Não vá pensar que é feitiço...



112. Posse ou propriedade

(11/07/2016)

O amor é tudo, quando pesa e tem leveza
Dá-nos a certeza, quando nada nos garante
É interminável, mesmo que o fim já foi ontem
Em nossa mente, sempre vai bem mais adiante...

O amor é universal, por estar em qualquer ponto
Mantém o visual, embora em clima diferente
É bem notório na maior escuridão
Mas, na impressão, sempre está dentro da gente...

Ele é indescritível, por sempre faltar palavras
Para o poeta ou para um grande orador
Mas me conforto como também me realizo
Quando verbalizo que você é o meu amor...

Ele é uma palavra bem pequena na grafia
Mas, no dia a dia, é infinito o seu valor
Qualquer pessoa segue de alma vazia
Quando acredita que pode comprar o amor...

Pois, na verdade, o amor não tem endereço
E se tem preço, não se apura em quantidade
Pois, bem no fundo, quem pensa que o comprou
Só se apropriou de ilusão ou falsidade...

113. A cruz e a invenção

Com meu cantar e o violão
Vou seguindo meu caminho
Escolhi-o para companheiro
Para não me sentir sozinho
É meu amigo de sempre
Desde os tempos de gurizinho
Por não conhecer dinheiro
Nunca vai ser um mesquinho
Já me ajudou a conquistar
Filha e mulher de vizinho
Quem tem um parceiro assim
Trata com muito carinho
Por isso, quando eu morrer
Vai comigo no meu ninho.

Certo é que ainda não sei
O que vou ver no outro lado
Talvez seja um anjo bom
Ou um mal-intencionado
Se for meio igual aqui
Tenho que estar preparado
Vou usar o meu violão
Bem no peito atravessado
Para parecer uma cruz
O que é ruim será afastado
Sigo cantando e orando
Junto a um fundo musicado
Com certeza, logo, logo
Pela luz serei cercado
Versos que surgem assim
Também são iluminados
No medo é que a gente reza
O que nunca foi decorado
Esse é o modo mais real
Pelo qual Deus é lembrado

Ele sempre é o Salvador
Em trecho assim complicado
Quem não quer sentir Jesus
Caminhando ao seu lado
E na porta do paraíso
Não vou chegar atrasado
Mesmo que este trajeto
Muito tenha me cansado
Na fila do atendimento
Quero estar bem colocado
Pela fé que tenho em Deus
Sei que estou sendo esperado
São Pedro até vai sorrir
Por eu ter isto inventado
Me socorrido da Cruz
Pai Nosso, muito obrigado...

Vai ser uma festa linda
Lá, todo dia é feriado
Muita paz entre os presentes
Sem malícia e sem pecado
O cachê para cantar nela
Aplauso e não ser vaiado
Só vou sentir muita falta
Por quem aqui fui amado
O custo dessa festança
De ninguém será cobrado
Na terra, qualquer prazer
Tem um preço desgraçado
E também chamam de festa
Briga e ver tudo quebrado
É comum quando se encontra
Gremista com colorado...

Eu sonho que vou para o céu
Mesmo não sendo perfeito
Para Deus, nada é impossível
De mim vai fazer proveito
Liberando que eu fale
Escreva e abra meu peito
Para mostrar tudo o que fiz
E por ciúmes tive rejeito
O meu sonho eterno é esse
Acordado e quando deito
E neste contestado terreno
Meu perfil não é aceito
Pois não sei adular rico
Pobre assim é imperfeito
Envelheci sem aprender
Bajular esses sujeitos
Porém, para ganhar dinheiro
Esse túnel é muito estreito
Me conformo por saber
Que não prostituí meu jeito
Não aceito engolir sapo
E me cuido de prato feito
Iguais a aqueles de Brasília
O tempero é o desrespeito
Ali, a bília de quase todos
Qualquer digestão dá jeito
No céu, deve haver justiça
Por ter ambiente perfeito
Aqui nesses nossos ares
Apontar isso é ser suspeito
Por mais sorte que se tenha
De alguém virá preconceito
Estão presentes em quase tudo
E facilmente são aceitos
Pois aqui, ladrão legisla
Prega moral e conceito
Onde a justiça é divina
Ninguém muda o que foi feito
Isto é ficção para muitos

Ver quem pensa desse jeito
Para eleição da eternidade
Batalho para ser eleito
Não para ser um vereador
Deputado e nem prefeito
Por ser ambiente divino
Não terá esse tipo de ajeito
Lá, todo mundo é o que é
Basta apenas ser aceito
Não existe o carteiraço
Nem sou senador ou prefeito
Ladrão, se entrar no céu
O roubo não gera efeito
Não vai ter receptorador
Nem quem discute Direito
E se Deus cobrar imposto
A gente paga com respeito
Retorna tudo em carinho
Para incentivar o sujeito
Aqui se paga... e se paga
Nada ou pouco tem proveito.

Meu sonho não é brinquedo
Só tem que ser conquistado
Imagine eu lá no céu
Com meu violão afinado
De vez em quando encontrando
Quem me valeu deste lado
Vai ser motivo para festa
O tempo lá é ilimitado
Numa dessas, com certeza
Jesus vai ser convidado
Para receber homenagem
Por sempre ter me ajudado
E eu quero dizer cantando
Pai Nosso, muito obrigado
São Pedro vai me aplaudir
Por eu ter isto inventado.



114. A última morada

Há certas coisas que dinheiro nenhum compra
Ninguém inventa e não existe no mercado
Quem não recorda o carinho de mãe e pai
Enquanto vivem junto à gente e lado a lado.

Casos passados muitas vezes com agrura
Sem estrutura, nem mesmo planeamento
Tudo na vida que é irrigado com ternura
Abre fissura, se não cai no esquecimento.

Por muitos mares de aventuras naveguei
Sempre voltei ao porto do sentimento
Ali se dava o encontro com irmãos
Para ver dois velhos cheios de contentamento.

Eles se foram, deixando-nos um legado
Como memória vale mais que documento
Que a vida é linda se pintada de valores
E se na vitória tem cores de sofrimento.

Hoje o que resta é quando vou ao cemitério
Revejo a história em duas fotos desbotadas
Ali, eu sinto que também já sou um idoso
Que segue vendo jogo de cartas marcadas.

Também reflito: o que me vale ser honesto?
Onde desonestos provam que ter bom talento
É roubar tudo através da menor fresta
Pois do pós-morte só se tem questionamento.



No topo de ondas, vejo grupos destacados
Oficializados ou emblemados por famílias
Enlameados no presente e no passado
A parte funda desse lodo está em Brasília.

Quantos sacanas que ali vivem ancorados
Bem enquadrados, na real são quadilha
E o pobre povo, como farol dessa gente
Vive apagado, como lanterna sem pilha.

Sempre observo que o conceito de riqueza
É ter grande posse, e na moeda comparada
A maior nobreza se oculta em muita gente
Que morre pobre sem chance de juntar nada.

Por isso mostro esta poesia enquanto posso
E a quero escrita em minha última morada
Na esperança de que todos saibam ler
E decifrar a mensagem por mim deixada.

Pois transparência é o que muito pouco vejo
Nesse cenário que costeia a minha estrada
Daqui não se leva nem a vida que tivemos
Mas um a um deixa a marca registrada.



115. Mesmo fora de disputa

Sonho em fazer uma música
Que seja quase absoluta
Que o tema não diga nada
Há o que diz... ninguém escuta
Que o ritmo mexa com tudo
Até as paredes da gruta
Acorde quem já dormiu
E derrube as folhas e a fruta...

Agrade o gosto da freira
Da virgem e da prostituta
E muitos queiram comprar
E a venda aceite permuta
Maestro nem sempre é só
Quem mexe a vara batuta
A vida é um perde e ganha
Mesmo fora de disputa...

Que gere euforia de gol
Que craque de fama chuta
Que faça a diplomacia
Superar a coisa bruta
Maestro nem sempre é só
Quem mexe a vara batuta
A vida é um perde e ganha
Mesmo fora de disputa...

Que inspire o superior
A respeitar o recruta
A vontade que dá prazer
E o fazer leve a conduta
Maestro nem sempre é só
Quem mexe a vara batuta
A vida é um perde e ganha
Mesmo fora de disputa...

Que levante quem já caiu
E prossiga enfrentando a luta
Que a vontade busque o vencer
E o fazer leve a conduta
Maestro nem sempre é só
Quem mexe a vara batuta
A vida é um perde e ganha
Mesmo fora de disputa...



116. Imposição

Há coisas que muitos gostam
Escondem que outro veja
Pois era assim que agiam
Com a tal música sertaneja
Na conversa, Deus me livre
Na prática, é o que deseja
Quem sempre bebeu cachaça
Ao ver whisky ou cerveja
É capaz de dizer não
Querendo toda a bandeja
Esse não... é para ser o sim
Pois quem diz até gagueja.

É por isso que alguns não
Eu escuto com cuidado
Pois o não... por mais vezes repetido
Pode passar o seu sentido trocado
Pois numa relação romântica
O recado está sendo dado
Não, em sussurro de amor
É confirmação de aprovado
Que se pode ir em frente
O trânsito está liberado
Pois isso acontece muito
Entre alguém apaixonado
E uma carga de energia
Para torná-los excitados
O não, no amor ou no sexo
Há tempo já está codificado
A maior produção de gênero

De nora e também cunhado
Muito sogro e muita sogra
Mentem ou negam seu passado
Eles lembram o que comeram
Depois, o prato foi lavado...
Pois nesse tipo de lembrança
Ninguém esquece seu passado
Um casal é coisa muito íntima
Ou um cofre bem fechado
Embora digam que alguém casa
Por perícia de delegado...

Agora tem o não é não
Em eventos, é tão mostrado
Ninguém incentivou o sim
Mesmo em tempo tão passado
Os costumes foram evoluindo
E sempre são complementados
Com muitas novas atitudes
Em tudo que é visto e praticado
Para quem quer chegar beijando
Alguns saem de beijo quebrado
Um beijo era coisa tão difícil
Mas ficou muito depreciado
Atitudes foram mudando
Para ele ser recuperado
Então chegou o não é não
Por aí tão comentado
Em atitudes de atrevidos
Ou de costumes de acostumados

Passaram a ser reprimidos
Ou no mínimo negociados
Quem chegava se avançando
Tem que andar bem antenado
O beijar que era tão livre
Entrou em crise no mercado
As feias ficaram mais tristes
E os feios revoltados
Para essa turma ou espécie
O lago secou ou foi fechado
Quem sabe fora de moda
Duvidoso e arriscado
E às vezes dizendo não
Quanto sim que tem rolado
Pois não passar a mensagem
Perde o trem e não lotado
E quem complica demais
Não vende o campo e nem o gado
Na sociedade, a verdade
Muita gente até nem gosta
Acha que pode viver nela
Na tal de falsa proposta
É como se andar de terno
Mas com a frente para as costas
Todos sabem que é assim
E é assim que ela se mostra
Fezes é um jeito mais nobre
De dizer que bosta é bosta
E a melhor coisa da vida
Só é... se não for imposta
Ter sorte também é um jogo
Que só ganha quem aposta...



117. No meu jeito alguém confia

Não surgi de festivais
Pago tudo do meu troco
Não tentem pegar meu rabo
Quem não é suro ou pitoco
Pois tem muito caroneiro
Se achando coisa de louco
Subindo por minhas forças
Eu também chego ao coco
Quem tem cabeça de vidro
Então a esconda num oco
Não troco noite por dia
Pois não vivo no sufoco
Por isso não pago muito
Por quem vale muito pouco...

Por gostar de coisa clara
Eu combato a obscura
A inteligência é uma coisa
Que burrice não segura
Minhoca parece mole
Mas fura terra bem dura
Quem não conhece banhado
Não se meta a saracura
Há um autor que já disse
Numa frase muito pura
E eu também acredito
Sem vergonha é um sem censura
Tem palhaço que aparece
Mas esquece da pintura
Tem coisa que não é doença

Se for, não vai ter cura
E nisso se enquadra tudo
Que deriva de frescura
Com exceção do amor
Que é excelente enquanto dura...

No bojo destas verdades
Nem tudo é simpatia
Pois sorrir com falsidade
Não faz parte do meu dia
No Brasil, quem vive disso
Eu já perdi a quantia
Nessa falsa boa gente
A boa-fé não desconfia
Prometem água e piscina
Não entregam nem bacia
Prefiro o silêncio na solidão
Que um desses na companhia
Por isso que demagogo
Ao me ver já se arrepia
Mas de humildes a importantes
No meu jeito alguém confia
Pois puxar saco é uma coisa
Não confunda com cortesia
Tem quem sabe respeitar
Outro teme a hierarquia...



118. Não serve nem para cavaco

(29/09/2014)

Já perdi chance e dinheiro
E não aprendi a puxar saco
Meu pai sempre me orientava
Cria mesmo é no teu taco...

Minhoca não usa unhas
Mas abre muito buraco
Ser velho não é vergonha
Vergonha é ser um velhaco...

Pois cobra anda sem pernas
Não tem braços e nem sovaco
Mas, no geral, onde chega
O tigre trepa igual macaco...

Não penso em comprar o mundo
Só quero um pequeno naco
Há quem crê que vale muito
Bem no fundo, é um baita caco...

Já vi miséria em mansão
E relíquia em pobre barraco
Tem pau com muita aparência
E não serve nem para cavaco...



119. Nas águas de pescaria

Cada música que faço
Em algum ponto ela toca
É versejando e cantando
Que acalmo o que me sufoca
Muita gente me admira
Outro tanto me provoca
Alguns bugios que não trepam
Ou tatu que não cavouca
Tipos que ao verem grana
Até de sexo eles trocam
Hoje é moderno e normal
Pepino é para quem se invoca
Por conhecer pescaria
Sei onde usar a minhoca...

Há quem já me deu as costas
Hoje me enxerga se arreganha
Para chegar bem nesse ponto
Pela vida a gente apanha
Dou valor à mesa farta
Já comi sem sal ou banha
Tomei pinga ruim e quente
Agora é licor com castanha
Vou me desviando dos touros
Sem ser toureiro da Espanha
Só depois que me conhecem
Que a falsidade se assanha
Como sou bom pescador
Conheço bem as piranhas...

Por eu ser assim sincero
Tem gente que se arrepia
Quem me transformou assim
Foram as nuvens da hipocrisia
Nunca bajulei ninguém
Por ser grande de hierarquia
Basta ser boa pessoa
Já tem minha simpatia
Sempre paguei o meu custo
Ano, mês e o dia a dia
Aprendi a filosofar
Nas águas de pescaria
Onde vi muita traíra
Que na isca nem lambia...



120. O que tem valor sei dar valor

Há tempos que faço verso
Gosto disso e não sossego
Se tento agradar aos outros
Mais é para lustrar meu ego
Tem quem faz que não me escuta
Outro que finge que é cego
Mas quando a missão é minha
Eu assumo e não delego...

Certos tipos de recado
É pessoalmente que entrego
E cada tipo de lombo
Eu sei o jeito que esfrego
Madeira que não me agrada
Nessa eu não finco meu prego
Mas tudo que vale a pena
Garanto que não me nego...

Para esse time de adversários
O canteiro deles não rego
Nas águas da hipocrisia
Eu juro que não navego
E o que não serve para mim
Por mais que valha, não pego
E quem aplaude o que digo
No coração eu carrego...



121. O cultivo dessa semente

Meu Brasil é tão extenso
Mais parece um continente
Nesta terra tem de tudo
E todo tipo de gente
A maioria é mais calada
A minoria é eloquente
São esses os que mais levam
Tudo o que surge na frente
E os outros morrem na espera
De um futuro diferente...

Nestes versos há a expressão
De quem vê e também sente
Que a moral rende tão pouco
Riqueza adora quem mente
Salvo raras exceções
Para não ser tão abrangente
Eu até peço desculpas
Se alguém ficar descontente
Vem lá do descobrimento
O cultivo dessa semente...



122. Um que nasceu em Belém

Têm os que encontram saídas
Outros entram sem ingresso
Conforme for a pedida
Eu paro... penso... e não peço
Na ingenuidade dos outros
Oriente e não me atravesso
Mas vejo quem compra tudo
A chance, o cargo e o sucesso
Gente assim tem entre artistas
Aqui fora e no Congresso
Mudam a vida dos outros
Quem tem miséria ou progresso
Trocam confetes por honras
Ao ver isso, eu só me estresso...

Por mostrar coisas assim
Raramente alguém me acena
Pessoas de ondas especiais
Só captam quem tem antena
Se pareço um irritado
Luto é por vida... e serena
Mas não sou Papai Noel
Nem transportado por renas
Quando o Rei comanda o leão
Duro é ser cristão na arena...

Por vezes, eu fecho os olhos
Para não ver a mesma cena
Onde tantos são condenados
Por coisa muito pequena
Outro é crivado de crime
Vive imune e sem *condena*
E crente que no além-vida
Retoma a norma terrena
Lá, quem vota sabe ler
E usar o metro ou a trena
Eu não sou o Deus menino
Mas do povo eu tenho pena...

É próprio do ser humano
Querer só o que lhe convém
Mesmo infringindo critérios
Percentual dá quase cem
Há quem diz o que não é
Outro mostra o que não tem
E quem aponta a verdade
Desses se torna refém...
Por isso crucificaram
Um que nasceu em Belém...

Esse tempo já faz tempo
Ultrapassamos dois mil anos
Quando nasceu um menino
Que não gostava de engano
Poderosos lhe aplicaram
Dos castigos, o mais tirano
Esclarecer a humanidade
Atualmente ainda é dano
Hoje os Pilatos lavam dinheiro
Sempre por baixo do pano
E se lavarem só as mãos
A lama entope pia e cano
Se lavarem a consciência
Sujam águas de oceano...
Vivem como imperadores
No Brasil do cotidiano...

É próprio do ser humano
Querer só o que lhe convém
Mesmo infringindo critérios
Percentual dá quase cem
Há quem diz o que não é
Outro mostra o que não tem
E quem aponta a verdade
Desses se torna refém
Por isso crucificaram
Um que nasceu em Belém...



123. O meio que me falta

Se eu viesse de um meio rico
Ou de um meio conchavado
Isto valeria muito mais
Que meio caminho andado
Com certeza o outro meio
Já teriam me arranjado
E meio de saco cheio
Nesse meio tenho andado
Pois sei que é de meio em meio
Que o inteiro é completado...

Mas eu venho de outro meio
Que o meio não é culpado
Mas para sair desse meio
Eu meio tenho ralado
Porém quem vem desse meio
Já vem meio carimbado
E daí por qualquer meio
Somos meio descartados
No geral, todos os meios
Nos deixam meio de lado...

Para quem é do outro meio
Sempre um meio é encontrado
E quem não for desse meio
Tudo é meio complicado
Mesmo assim, procuro um meio
E meio tenho procurado
Prometem-me alguns meios
E meio logo é o resultado
Quero algo meio bom

Meio ruim tenho encontrado
Meio a isso eu sou vovô
Desses meio motivados
Imaginem nesse meio
Ser meio desanimado...

Quase meio a mil e quinhentos
Abril... já do meio passado
O meio desse descobrimento
Sempre é meio questionado
Tem uns que meio acreditam
Que isto é meio mal contado
Que este meio continente
Meio... fora visitado
Já estava meio descoberto
Meio igual aumento de aposentado
E era um meio paraíso
E também meio habitado
Por quem era do meio
Que andavam meio pelados
Esses foram meio extintos
Ou vivem meio cercados
E um meio de mil anos
Nesse meio foi passado
Sendo aqui meio de muitos
É um meio miscigenado
Para cá, vem meio de tudo
Meio sem ser questionado
Se sempre foi meio assim
É mais que meio explicado
Por isso, por meio mundo
Somos meio desacreditados...

Para quem não conhece os meios
Acha até meio engraçado
Seremos muito mais que um meio
Meio desconsiderado
Compomos um grande meio
Assim meio conformado
Grande grupo desse meio
Vive meio desligado
E até meio sem pão
Meio doente e não amado
Sempre meio sem emprego
Ou meio mal assalariado
Mesmo assim, meio iludido
Que o meio vai ser mudado
Por meios tão prometidos
Que meio... tem nos enganado
E através desse meio
Meio... aumentam os abonados
É meio assim no mundo todo
E meio a tudo estão enfiados...

Quanto a mim, meio ironizam
Que eu ando meio apartado
Que eu tenho que achar um meio
Mesmo meio inconformado
Submeter-me ao meio
Pois sou meio rejeitado
Tem um meio que nem gosta
De quem é meio informado
Dizem que meio dão jeito
Para manter meio abafado
E no meio de enroladores

Até me sinto meio odiado
Mesmo assim, por algum meio
Sempre acabo meio usado
E assim meio sem meio
Meio passo o meu recado...

Já ando meio nervoso
Também meio apavorado
Pois só me falta esse meio
O outro... meio tenho mostrado
Na idade, passei do meio
Mais que meio decepcionado
De tanto ver tantos meios
E nenhum ter me sobrado
Quem quer andar meio certo
É meio assim o resultado
Vivo meio de esperança
Que o meio será encontrado
Mas não aqui neste meio
No meio do outro lado
Vou chegar lá nesse meio
Mais que meio desconfiado
Temendo que o meio eterno
Tenha meio nos copiado
Estando meio igual aqui
O inteiro está contagiado...



124. Que não prima pela imagem

Em vários lugares do mundo
Já levei minha mensagem
Até para quem se encolheu
Também perdeu a coragem
Por ver que a pornografia
Já desbancou a bobagem
E a cultura anda com medo
De encontrar a sacanagem
E por ela ser gozada
Que não prima pela imagem
Chuva boa quando é difícil
Duro é enfrentar a estiagem...



125. Nos tetos da pátria mãe⁹

Ao nascer, eu vim pelado
É normal no mundo inteiro
Mas minha maior nudez
Era no item dinheiro
Nessa fase, eu tive teto
Afago, cama e travesseiro
E o leite nato de mãe
Nesse é Deus que põe tempero
Mas desses tetos políticos
Não me sobra nem o cheiro.

Existem de vários tamanhos
Do menor ao exagero
Nesses grandes, tem quem mama
Muito melhor que terneiro
São os tais privilegiados
Deste país brasileiro
Um é por tempo integral
Outros, por período inteiro
Há quem já nasce brigando
Por querer mamar primeiro.

Berço esplêndido é o dinheiro
Recebem com fraldas e touca
Com essas creches só mamando
A despesa não é pouca
E basta o teto jorrar grana
Não escapa a vaca louca
Depois, só trocam de cara
Mais do que outros de roupa
E há tetos neste Brasil
Que só vão para essas bocas.

A maioria não tem pasto
Nem ração, baia ou chiqueiro
Mas em pomposos cercados
Mamam sempre os corriqueiros
E vão trocando de teto
Ao sabor do financeiro.

Mas quando alguém perde o seu
Apronta um baita berreiro
E se um jeito não for dado
Ele toma o do parceiro
Pois muitos morrem mamando
A vaga fica para o herdeiro.

⁹ Não comparando ao pé da letra, a sociologia dos animais com a habilidade do ser humano em querer levar vantagem sempre, sendo que alguns animais sofrem até para iniciar a fase primordial da vida, que é aprender a mamar, quanto aos humanos, alguns descobrem com tanta facilidade o uso dessa prática que a adotam para toda a trajetória da vida, ou seja, só querem viver mamando. Este é o décimo tema encontrado no CD *O Cotidiano em Poesia*.

Há pessoas que na infância
A mãe lhes negou o peito
Para mantê-lo conservado
Mostrado para outro efeito
Os filhos crescem na falta
Do que lhes era um direito
E depois que ficam grandes
Compensam de outro jeito
Mamam em tudo que surge
Mesmo até com desrespeito.

Nos tetos da Pátria mãe
Tiram tudo que é proveito
Mamar vira profissão
Bem mais é depois do pleito
Da Nação vêm colo e cama
Pergunte aos que são eleitos
Poetizar versejando assim
Há quem diz... é por despeito
Alguns por mamarem tanto
Vomitam no próprio leito.

Berço esplêndido é o dinheiro
Recebem com fraldas e touca
Com essas creches só mamando
A despesa não é pouca
E basta o teto jorrar grana
Não escapa a vaca louca
Depois, só trocam de cara
Mais do que outros de roupa
E há tetos neste Brasil
Que só vão para essas bocas.



126. Os cabeças de bagre

(07/07/2016)

A boa coisa, se alguém faz
É duro encontrar quem pague
Mas depois que ela está feita
Sempre sobra quem estrague...

Mas se virar um sucesso
Vêm os cabeças de bagre
Que na salada dos outros
Aparecem mais que vinagre...

Endeusam o diabo de fora
Arguindo que os consagre
Por isso Santo de Casa
Não pode fazer milagre...

Por muitas vezes perdi
Excelentes coisas que fiz
Dei chance para olho gordo
Que em tudo mete o nariz...

Para combater essas coisas
Tem um ditado que diz
Encare o mundo de frente
Sem medo de ser feliz...

De cada um, o palco é a vida
Para fazer o que bem condiz
Se a consciência for a plateia
Muitos não querem ter bis...



127. O cotidiano que nos cerca

Para quem sente o que nos cerca
Nem precisa que eu explique
Ser sincero é ter coragem
Porém isso não é chique...

Minha marca é transparência
Pois não vivo de trambique
No geral é o que mais tem
Vejo o país indo a pique...

Não pedi nem para meu pai
Quero que o senhor me indique
Para que eu possa ganhar bem
Dinheiro e lama têm no dique...

Até para guardador de carro
Esses cheirando a alambique
Demarcam uma região
Sem ter o que justifique...

Dizem que ali eles cuidam
Sem nada que autentifique
E as pessoas que precisam
Raro é quem não ratifique...

Proprietário volta ao veículo
A mordida é com aplique
Muitos pagam o que não vale
Temendo levar um clique...

O abuso chegou num ponto
Que não tem quem classifique
O falso guarda pede ao dono
Provas... e que se identifique...

Já não entro nem em casa
Sem mostrar carteira e CIC
Com firma reconhecida
Nos trocos mais um repique...

Outro dia fui para um mato
Relaxar num piquenique
De repente fui cercado
Por falsa tribo e cacique...

Ameaçado e humilhado
Implorei, não me complique
Mas friamente escutei
Sem grana, não vai ter brique...

Sem vergonha e marginal
O inferno que recicle
E o diabo e seus capetas
A cada um que se dediquem...

Desse jeito não dá mais
Não aguento mais o pique
Tive um princípio de infarto
Sinto pânico e com chilique...

Creio que por estes versos
Vai surgir quem me critique
Mesmo assim, na grande mídia
Duvido que alguém publique...

Para quem sente o que nos cerca
Nem precisa que eu explique
Ser sincero é ter coragem
Porém isso não é chique...

Minha marca é transparência
Pois não vivo de trambique
No geral é o que mais tem
Vejo o país indo a pique...



128. Nunca mais vão ter consolo

Meu castelo é minha mente
E não foi feito com tijolo
Me firmo é na persistência
Mas me rotulam por tolo
No geral, quem age assim
Bem no fundo, falta miolo
Uns acham que é teimosia
Outros que é um certo consolo
Triste é ter que ouvir a erva
Ironizando o monjolo...

Tem quem paga que outros façam
Através de muito rolo
Obras que surgem sem base
No alicerce, falta o miolo
Muitas até desabaram
Astúcia mostrada em dolo
Quantas vidas que ficaram
Como massa desse bolo
Outros que, dessas injustiças
Nunca mais vão ter consolo.



129. Os rolos da nossa história

Eu venho lá do interior
Debaixo de uma pauleira
Pertencço a uma maioria
Que sempre fica na poeira
E para poder sobreviver
Não pode sentir cansaia
Pois já nascemos na fé
E pela mão de uma parteira
Acreditando em promessa
De político e benzedeira
Os primeiros vivem do mel
E a gente nem lambe a cera...

Mas a classe bem humilde
Nisso nunca foi parceira
Pois nem conhece esse pó
Que vende e não é poeira
Mas votar é obrigação
Nesta terra brasileira
E transformam em Excelência
Alguns mentores da sujeira...

Assim fizeram Brasília
A capital brasileira
Tantas outras grandes obras
O carretel maior que a esteira
Percentuais ou comissões
São quem decidem a empreiteira
Licitação é fumaça
Para encobrir a roubalheira
Os rolos que tocam isso
São parte da história inteira
Isso exala um odor forte
Dito em palavra grosseira
No amparo de imunidade
Provam que aquilo não cheira...



130. O surrado nunca esquece

Eu vendi por preço zero
Toda minha juventude
E pago pela esperança
Um preço alto e tão rude
Que é continuar esperando
Que esse custo um dia mude
Não basta trocar pessoas
Que têm a mesma atitude
Só falam em coisa ampla
Sem comprovar amplitude
Sempre prometem um mar
Graças se vier um açude
É comum ver a incoerência
Fantasiada de virtude.

Eu sou quem já deu ao tempo
O tempo que ele merece
Assim se vai mais um dia
E a nova noite aparece
Nessa reprise constante
Quase tudo permanece
E a podridão desceu tanto
Que mais que isso não desce
E a flor que já floresceu
Nunca mais ela floresce
Quem surra usando o poder
Acha que isso enobrece
É bom saber que o surrado
Enquanto viver não esquece.



131. Não saia longe da cova

(12/07/2016)

Ando fazendo o que posso
E aquilo que Deus me aprova
Só repito boas coisas
Que o tempo já me deu prova
Algumas já são bem velhas
Sempre a sensação é nova
E só dá valor para escova
Quem conhece o que ela escova
Por isso a velha que tenho
No uso é que se renova
E massa fica bem no ponto
Quando quem come é quem sova
E tatu que teme os cachorros
Não saia longe da cova...



132. O louco e a gaita

(28/04/2016)

Viveu na roça da safra, só tinha meia
Mas desistiu por ser terra alheia
Hoje nas ruas da cidade ele vagueia
Lida com gado, serra lenha e gineteia
A gurizada lhe ataca com chacota
“Louco sem sorte é a mãe, filho da peia”
Ele enfrenta enquanto só não é um forte
Surge sempre um anjo bom e lhe costeia
Usa uma gaita para chamar mais atenção
Embora antiga, ele toca e não floreia
É companhia no combate à solidão
E na oração se troveja e relampeia
Tem voz de Santa, trilha para Ave Maria
E Pai Nosso, se a coisa fica mais feia
Quem a conhece é recheada de harmonia
E no dia a dia não reclama e nem odeia...

Foi carneador e plantador de área cheia
Fica feliz quando alguém lhe escuta um pouco
Teve família, mesa farta e Santa Ceia
E hoje vive do que sobra para um louco
Recebe moedas e alguma roupa usada
Quando tem fome, sempre restos de comida
Mesmo levando uma vida sem ter nada
De gente humana sempre vem a sobrevida
Dão-lhe carinho, mesmo de forma velada
Joga sozinho para manter essa torcida...

Mostra carinho pela sua gaita velha
Como o que tinha por outras coisas da vida
Acaricia como esposa ou namorada
E faz de tudo para mantê-la protegida



Usa palavras que a mais fria das pessoas
Sente na pele como foram conseguidas
Em altas horas e também na madrugada
Faz serenata para a cidade adormecida
Com a certeza de que ela esconde uma plateia
Que até lhe aplaude, mas assim às escondidas
E o silêncio dá lugar ao som da gaita
E à cantiga de um poeta sem guarida...

Noite de inverno em pleno banco da praça
Fim da desgraça para ele não mais clareia
Chorou, cantou, discursou e fez graça
E fez da gaita o que a aranha faz da teia
Passou também, como qualquer objeto
Que águas levam na enxurrada de uma cheia
Morreu louqueando uma mensagem tão vasta...
Ser louco, basta circular sangue na veia
Já vi sadios agindo pior do que loucos
Só por ganância se matarem na peleia...

E o conceito de loucura se difere
No fazendeiro, no gaiteiro e nos anseia
Loucura e poesia qualquer pessoa tem
Mas cada um de sua forma semeia
Deixou a gaita como última comparsa
Mesmo sem alça já caiu em mãos alheias
Se não for louco, com certeza não teremos
Mais serenata em noite de lua cheia
Este gaiteiro não vai ter busto na praça
Mas orações, pois cantou a sua aldeia
Esta história é homenagem a um mendigo
Dele o que digo me deixa de alma cheia
Pois meu cantar é para eu mesmo escutar
Mas há quem gosta é de canto de sereia...



133. Rei que nunca tem trono

(08/07/2016)

Não canto para me exibir
Mas sem cantar não sossego
Acho que cada pessoa
Procura o que é bom para o ego
Quem nasceu para ser martelo
O prazer é fincar o prego
Versejando e musicando
Ao sentimento me entrego
Tudo que digo tem peso
Depois que digo não nego
Que adianta se ter bons olhos
E enxergar menos que cego?
Por ver os outros felizes
Assim eu também me alegro
Buscar carinho cantando
Se for defeito eu carrego
Quem me mostra lombo duro
Junto a eles não me agrego
Com esse tipo de gente
Sempre cautela eu emprego
E se vierem me bajular
Aviso que não sou cego
Tudo o que tem transparência
Quando por bem eu me apego
E as flores do meu jardim
É com poesia que eu rego.

Não vivo para aparecer
A não ser no que conheço
Pois talento Deus me deu
Desde fino ao mais espesso
Não ando atrás de sucesso
A custa de qualquer preço
Pois muitos conseguem isto
Por meios que eu agradeço
De graça só tive apelido
Mas pago até o endereço
Minha imagem eu quem vendo
Não compro nada do avesso
Luto é pelas boas causas
Enfrento e não esmoreço
Em muitas cheguei ao êxito
No custo é que me entristeço
Não gosto nem de elogio
Que diga o que eu não mereço
Com início, meio e fim
O que faço recebe apreço
De pessoas que separam
A farinha do pó do gesso
São quem me ajudam subir
Pois desses eu não esqueço
No geral, depois que subo
Subo mais e nunca desço
Mas pode isso acontecer
Eu parto para o recomeço.

Cantando até já chorei
Mas não para mostrar tristeza
Pois Deus nos deu esse dom
Faz parte da natureza
Lindos olhos também choram
Mas sem perder a beleza
Lágrima não se represa
Não são águas de represa
Quem reprime sentimento
Sente com pouca certeza
O choro de felicidade
Surge bem da profundidade
Ele existe para a plebe
Como também para a nobreza
E quando for por prazer
Até chorar é uma beleza
Pois minha pele não sabe
Viver curtindo frieza.

Esse é o meu jeito de ser
O dos outros não questiono
Respeito a ordem das coisas
Oitavo é antes do nono
Se cortadas as ligações
Eu nunca mais telefono
Sentir o que os outros sentem
Papel de papel carbono
Há marido que tem a posse
Mas sabe que não é dono
Por saber o que é o amor
Tenho medo do abandono
E a noite com quem eu gosto
O prazer precede o sono
Quem vive sem emoções
É rei que nunca tem trono.



134. Sabe o valor da minhoca

(08/07/2016)

Cada música que faço
Em algum ponto ela toca
É versejando e cantando
Que acalmo o que me sufoca...

Muita gente me admira
Outra parte me provoca
Pois tem bugio que não trepa
E tatu que não cavouca...

Também há quem por dinheiro
Quer furar pedra sem broca
E quando a banda é famosa
Mente que nela ele toca...

Outro que para ter mais fama
De machão vira dondoca
É uma questão de opção
E de sexo também troca...

A vida é uma pescaria
O filosofar me convoca
Quem já pescou que nem eu
Sabe o valor da minhoca...



135. O Natal

Que chegue a paz neste Natal
Amor dos bons, não de caudilho
Um trem carregado de sorte
Para o futuro ter mais brilho
Jesus como maquinista
Luz do céu clareando o trilho
Boas Festas no Novo Ano
Entre pais, netos e filhos...

Que a saúde e a bonança
Venham-nos sem empecilho
Que o Brasil seja abençoado
E o povo não viva de auxílio
Que o amor supere as guerras
Trave o ódio e o gatilho
E todos cantem a esperança
Tendo Deus como estribilho...



136. O medo

Confesso que tenho medo
Desde a idade de garoto
Pois logo fiquei sabendo
O que faz a geadá no broto
Não é que eu seja um covarde
Mas o medo que eu carrego
É da covardia dos outros...

Meu pai que teve coragem
E me ensinou a ter medo
Mesmo que tenhas razão
Pense ao levantar o dedo
Tem uns que pagam por outros
E atrás da covardia
Existe muito segredo...

Vou continuar com meu medo
Por esta estrada da vida
Torcendo pelo amor
Que encontre bem mais guarida
E amoleça fibras duras
De corações de pessoas
Que não se dão por vencidas...

Tenho tempo para viver
No meio de tanta agrura
Onde o amargo ocupa
Espaço maior que a doçura
Extremos são luxo e fome
Meio só com fé em Deus
Bases e muita estrutura...

Atrás de mim virão outros
Trazendo a mesma postura
A verdade é encontrada
Somente por quem procura
E acreditar no ditado
Que água mole em pedra dura
Ai, Ai... tanto bate até que fura...



137. Vale a pena ser honesto

Quem é que chegou primeiro
Foi o ovo ou a galinha?
Na verdade, este fato
Também é pergunta minha
Poucos vão de encontro a isto
Eu persigo o fio da linha
Por que discriminar velhas?
Quem que quer morrer novinha?
A resposta quando vem
Sempre é bem enroladinha
E certos tipos de sujeira
Ninguém lava em torneirinha...

Avestruz, um ser tão grande
Não voa e dispõe de asa
O Santos Dumont voou
E inspirou a própria NASA
Tem coisa que o padre faz
Se alguém assoprar a brasa
Depois disso a explicação
Não me adianta, só me atrasa
E ninguém crê em milagre
Quando o santo é bem de casa
Tudo o que não me convence
Bem no fundo, é o que me arrasa...

Um conteúdo questionável
É o que neste tema eu atesto
Muitas serão as perguntas
De importantes ao mais modesto
Apenas porque eu digo
Neste meu pequeno gesto
Pois onde ladrão faz leis
É pior que sofrer sequestro
E um presidente que rouba
O povo vai viver só do resto
E é por ver coisas assim
Que versejando eu protesto
Onde a desconfiança manda
A boa-fé também eu testo
E sacana que tem poder
Logo acha que eu não presto
Pois será que vale a pena
Neste país ser honesto?



138. É ilha ou continente

Com o meu violão na mão
E o verso por companheiro
Mais a voz que Deus me deu
Sou pescador no pesqueiro
Às vezes chego depois
Termino sendo o primeiro
Sempre onde um galo canta
A fêmea enfeita o terreiro
E guanxuma e outros inços
Não crescem no meu canteiro
Pois procuro é ser feliz
Não em cima de exagero
Mas com saúde e amor
Sem desprezar o dinheiro...

Pois não sou desses artistas
Que precisam de holofotes
Sou gaúcho que ao montar
Sabe aguentar o pinote
Por vezes no próprio pelo
Na sela e no serigote
Tem quem crê que corre muito
Perde para quem usa o trote
Em muitas coisas da vida
Vou com cautela no pote
Certos tipos de amizade
São trampolins para dar calote
Cobra, mesmo sem veneno
Quero distância do bote
Sei que o vai e vem no amor
É melhor que no serrote...

Não ando mordendo prego
Para exhibir força no dente
Nem encolhendo a barriga
E metendo o peito para a frente
Tento é ser bem natural
Por me sentir mais coerente
Como poucos seguem isso
Nem arranjo concorrente
Não uso a fama dos outros
Para me tornar expoente
Mesmo assim e até por isso
Com razão sou persistente
Prefiro ouvir o silêncio
Do que barulho estridente
Se alguém me enxerga por ilha
Da visão é um deficiente
Quem tem bons olhos para vida
Vê que eu sou um continente
Só parecendo e não sendo
Bem assim, tem muita gente...



139. Diabo mesmo é a consciência

Nas águas da hipocrisia
Não é nelas que me lavo
Vivenciando o dia a dia
Até já me tornei um bravo
O que adianta viver noventa
Sofrendo que nem escravo...

Isso é uma verdade dura
Que mexe com muita dor
E o viver de cada um
Tem propriedade de cor
E as diferenças são tantas
Para quem deve ou é credor...

Mais vale viver só sessenta
Como Senadora ou Senador
Deixar uma baita herança
Para uma senhora ou um senhor
Que nem sabe de onde veio
Essa quantia e onde pôr
Mas o tal Salário Mínimo
Nem lupa mostra o valor...

Tento vender minhas rimas
Com cautela até no expor
Para não ferir as doutrinas
Delas mesmas e de autor
Tem gente que até ironiza
E não vê nelas algum valor
Mas a poesia tem licença
De se expressar como for...

Mas prefiro ser um poeta
Da verdade um promotor
Que informa que a morte vem
Para o mendigo e o Doutor
Se a consciência for um diabo
Dela muitos têm horror
Vou deixar cantigas e versos
Pois tenho fãs e admirador...

É um jeito de viver mais
Lembrado até com amor
Mas no Dia de Finados
O cemitério vira em flor
Aqueles que me visitarem
Senhora e também senhor
Para mim quero orações
E não discurso de orador
Pai Nosso e Ave Maria
Para a alma têm mais valor...

Se Deus me der o perdão
Quero um cargo de assessor
Lá, não têm mais sofrimento
Angústia, ciúme e nem dor
Um salário de deputado
De juiz ou de promotor
O pagamento é vitalício
Vou ter dó é do pagador
Não vai ter onde gastar
Essa montanha de valor
Não vai surgir necessidade

Ninguém é consumidor
Na ilusão vou compensar
Um tempo que sofri horror
Usava machado com cabo
A enxada e sem ter trator
Conceito sobre meu trabalho
Era de algo muito sem valor
Vim embora aqui para a cidade
E tentar outra chance no labor
Atuei em coisas inesquecíveis
Contar tudo dá saudade e até dor
Deus mapeou o meu caminho
Nele passei frio e também calor
Agora, aqui me faço presente
Num sonho de quem é um sonhador
Tendo o carinho de muitos
Por ser poeta e escritor
Com meu violão ainda eu canto
Só aquilo que eu sou o autor
Isso eu troco por carinho
Do meu admirador...
Enquanto alguns desaparecem
Já tem outro a se propor
Me ofertando a amizade
Verbalizando a se dispor
A servir de testemunha
E prova que sou vencedor.

Isso é coisa que arre pia
O ser humano se dispor
Existe em muitas cidades
E nos confins, lá no interior
A bondade das pessoas
É troca e prova de valor

Normalmente grande parte
Quer distância e tem horror
Em tudo enxerga maldade
Parece ser um ser superior
Esquece que algum dia
Só vamos ser um fedor
Paz vai ter quem vai para o céu
A alma não contém odor
Deve ser bem ao contrário
A alma de um pecador
Pois contam que o diabo faz
Fogo em caldeirões com fervor.

Eu acredito que no Paraíso
O clima tenha um bom frescor
Por ser tudo coordenado
Por Deus pai, nosso senhor
Não vai ser uma geladeira
Nem um inferno de calor
Não vai ter escola de samba
Nem barulho com tambor
Nem desfile de pelados
Mostrando tudo o que for
Sexo lá ninguém pratica
Por não ter o órgão reprodutor
Isso na terra não deu certo
E foi o pior complicador
Assim não vai haver pecados
Nem chance para pecador
Vai surgir outra maneira
De ter prazer com amor
Deus não erra duas vezes
Quem faz isso é pecador.

Não vai ter mais candidatos
Nem eleição com eleitor
A população não aumenta
O céu é um estabilizador
A criança sempre é criança
Em qualquer idade que for
As velhinhas e os velhinhos
Sempre vão ter alguma dor
As rugas não vão aumentar
Nem a idade e o que for
Ninguém vai rejuvenescer
Só ter saudade do vigor
Isso é uma espécie de prêmio
Para guardar com muito amor
Um velho perante um jovem
É um grande conhecedor
Mas estagnar numa idade
É um prêmio compensador
A mesma regra valerá
Para senhora ou senhor
Sempre são a mesma coisa
Até nas rugas e no que for
Todos são independentes
Até para o mais namorador
Se provocar clima quente
No inferno é com mais calor
Se acaso for transferido
Fica lá, fazendo suor...

No social com a progenitora
Escada e palco para se expor
Em casa e não na sociedade
O trato tem bem outra cor
Nesse tipo de paisagem
Não vai chegar beija-flor
Guerra no céu não existe
Tudo é só paz e amor
Na terra há homens tão ruins
Que não morrem nem com vapor
Há quem passa por santo
Mas na maldade é professor...



140. Bunda de pinguim ou pé-quente

(07/07/2016)

Nesta floresta dos homens
Estou em pé, não virei toco
Tenho altura e espessura
Muito cerne e não sou oco
Também produzo bons frutos
Quem gosta veja meu coco
Se invadirem meu espaço
Luto e saio do sufoco
Quem tira lasca de mim
De algum modo leva o troco
Componho, canto e escrevo
Ganho bem e gasto pouco...

Não sou melhor que ninguém
Sou apenas diferente
Estou na grande maioria
Que no país é fluente
Não me visto de astronauta
Nem assusto o displicente
Respeito até o desempregado
Então, imagine o presidente
Desde que ele nos mande
O respeito para nossa gente...

O pobre anda apavorado
E para a barriga até já mente
Por não engolir mais nada
Diz que foi por dor no dente
Esses problemas de pobre
O rico não vê e nem sente
Suspende um pouco a picanha
De whisky toma aguardente
Não fomenta novas visitas
De estranhos nem de parente
São uns bundas de pinguim
Vivendo que nem pé-quente...





141. Juízes, réus e jurados

(08/07/2016)

Todos nós temos na vida
A chance de errar um pouco
Todos temos possibilidades
De virarmos gênios ou loucos
Todos nós somos juízes
Réus e também jurados
Todos queremos ser livres
Mas vivemos condenados
A conceitos e tabus
Do presente e do passado
Todos queremos ser deuses
E esquecemos os pecados...



142. Mas por dentro permanece

(07/07/2016)

Eu vendi por preço zero
Toda minha juventude
E pago pela esperança
Um valor alto e tão rude
Que é continuar esperando
Que alguém surja e tudo mude
Não basta trocar pessoas
Mantendo a mesma atitude
Amplia o que todos mostram
Sem comprovar amplitude
Sempre prometem um mar
Dê graças se vier é um açude
Cada vez é mais comum
A grande falta de virtude...

Eu sou quem já deu ao tempo
O tempo que ele merece
Assim o dia termina
E a noite reaparece
Nessa reprise constante
Quase tudo permanece
E a podridão desceu tanto
Que mais que isso não desce
E a flor que já floresceu
Nunca mais ela floresce
Quem surra usando o poder
Acha que isso enobrece
É bom saber que o surrado
Vive, morre e não esquece
Mas da consciência do culpado
Nunca mais desaparece
Há o que não se vê por fora
Mas por dentro permanece...



143. Para isso não tem saída

Em caso de ser assaltado
Não reaja e salve a vida
Esta orientação é dada
E por demais é difundida.

Os ladrões entenderam isso
E ampliaram a investida
A população desarmada
Ela em tudo é desprovida.

Eles, em forma de *gangs*
São time que tem torcida
No interior já está assim
Lá na vila e na avenida.

Ao chegarem em nossas casas
Querem rosa e margarida
Toalha limpa e banho morno
E cama bem estendida.

O pai vai virar sobremesa
A família, mesa servida
Quem sofre sequela assim
É para não ser esquecida.

Para ladrão a entrada é fácil
Até em porta interrompida
Mas a justiça, por ser cega
Para isso não tem saída.



144. Que é Sodoma que não presta

(12/07/2016)

Falta de vergonha é igual
Doença brava e assassina
Lá em Brasília, tem um clima
Que isso aumenta e contamina
E o efeito desse mal
Pela Pátria dissemina
Coisa ruim que vem de cima
Transforma tudo em ruína
Para essa peste no Brasil
A ciência não tem vacina...

Ali está o maior poder
De quem manda e determina
Fabricam leis e acordos
Para que exista disciplina
Mesmo assim, só proliferam
Conchavo, roubo e propina
Pois quem chega e desconhece
Logo, logo, alguém ensina
Quando aceita entrar num rolo
Sempre o povo é a bobina...

A Bíblia registra a história
De uma terra prometida
Brasília é lá no Planalto
Planejada e construída
Surgiu para ser o remédio
Hoje é a grande ferida
O futebol só tem o estádio
Não tem time e nem torcida
Pessoa que vai para lá
É porque foi escolhida...

Ao ingressar num esquema
Para não sair, promete a vida
Acho que até entendi
A visão do Juscelino
Em levar a Capital
Para o longínquo destino
Sentiu na terra e no ar
E ele tinha um faro fino
Isso aqui é um bom local
Para quem não é divino
Hoje o Brasil mostra ao mundo
A maior granja de pepino...

Brasília é um paraíso
Para alguns, ninguém contesta
A renda para alguém viver lá
É polpuda e não modesta
Quem era abraço e sorriso
Ao chegar lá, enruga a testa
E para abrir a cara de novo
Depende o perfil da festa
Com esforço, eu quero crer
Que lá tem pessoa honesta
Há quem duvida que exista
Faz tempo que isso não resta
Onde ninguém de nada sabe
O diabedo comanda a festa
Mas ainda tem quem acredita
Que é Sodoma que não presta
E Gomorra, por ingênuas
Fica olhando pela fresta...



145. Que do cargo tem consciência

Sempre mostro como eu sou
Em qualquer parte do Brasil
Pelo modo que me expresso
Já enfrentei quem é hostil
Conheço o estrago de um
Sobre a aceitação de mil
Sei que o boi aceita a canga
Pelo efeito do canzil
Homem que tem lucidez
Não se presta para Bombril
Vinho ruim ninguém melhora
Só por trocar de barril.

Amo o amarelo e o verde
Também o azul anil
A transparência do branco
Esse é o tom de meu perfil
Mas cachaça e água benta
Dão para levar num cantil
Mas a Ordem e o Progresso
Não se despejam em funil.

Não consigo engolir nada
Que não tenha boa essência
A beleza da disciplina
O símbolo é a continência
Quando em prol da hierarquia
Patriotismo ou reverência
Nunca para inflar vaidade
Ou temor da prepotência
Pois respeito com respeito
Vem é pela inteligência
Superior mesmo é aquele
Que do cargo tem consciência.

Amo o amarelo e o verde
Também o azul anil
A transparência do branco
Esse é o tom de meu perfil
Mas cachaça e água benta
Dão para levar num cantil
Mas a Ordem e o Progresso
Não se despejam em funil.



146. Na nossa costa ou nas nossas costas?

Por causa das calmarias
Alguém chegou à nossa costa
Pois aqui tinha de tudo
Tudo que a indiada gosta
Pois daquela data em diante
A pergunta não tem resposta
Será que aqui melhorou...
Ou tudo virou uma coisa?

Para nós, o fato é importante
Também aceito por certo
O descobrimento, eu penso
Que já estava descoberto
De toda parte do mundo
Gente pode aqui chegar
Uns resolvendo problemas
E outros vindo para criar
E ninguém era vizinho
Todos lá do além-mar
Alguns tidos por bons
Outros... bom é não lembrar
Mesmo que já falecidos
Podem vir a incomodar
Tipo assim ainda hoje
Há quem chega e para ficar...

Na verdade, minha Pátria
É um paraíso infinito
Pois sempre serviu de abrigo
De poderosos e de aflitos
Mas de tanto ser judiada
Canto e também deixo escrito
Quanta coisa oficializada
Que eu morro e não acredito
É gato que passa por coelho
Lobo em pele de cabrito
Grande área escriturada
O grileiro papa no grito...

É rolo... e falsa papelada
Transforma-se em veredicto
É a Capitania Hereditária
Sem batalha e sem conflito
Não sou juiz dessa pelada
Mas do meu jeito eu apito
Pois desde mil e quinhentos
Tudo segue o mesmo rito
Rezo para meu pai já morto
Que no céu seja bendito
Foi ele que me ensinou
Pobre, mas com gabarito...

Por me manter no hábito
Meu miolo vira palmito
Ao ver cueca, mala e cartão
Fica o dito pelo não dito
Poucos tapeando milhões
Muitos tapeando mosquito
É ladrão voando de avião
E eu fiquei no bolo frito
A pé, na procissão do povo
Povo que acredita em mito
Meu voto para esses "Santos"
É um tarugo e não palito
Os milagres que eles fazem
Neste poema já está dito
Se alguém merece oração
É um grupo muito restrito
O futuro chega para todos
Mesmo que *devagarito*
Que alguém vai reler isto
No futuro eu acredito
Vou ser o finado "XIKO"
Lembrado como perito
Por ver bem nosso presente
Paro... penso... e explicito
Para que amanhã não exclamem
O Brasil... já foi tão bonito!



147. Subir ao céu, não tem cipó¹⁰

Meus poemas não se inspiram
Em violência praticada
Pois se guerra resolvesse
A terra estaria melhorada
Pois no fundo ela mesma
Mostra-se muito cansada
Há uma nação que vive disso
Tem vitória acumulada
Se desrespeito conta pontos
É uma campeã disparada
Nesse perfil tem pessoa
Que pode ser comparada
Usa até os animais
Como palco ou como escada
Festa boa para esses
É com tiro, tombo e facada
Afinal, bicho não fala
E nem morto conta piada
Conscientizo versejando
Com mensagem endereçada
Por isso minha poesia
Por muitos é aclamada
Também sei que para outros
Nunca vai ser desejada
Pois eu mostro a realidade
Chorando ou dando risada...

A verdade, tantas vezes
É brincando que é mostrada
Por sorrir não pago imposto
Por chorar não me dão nada
Pois é entre esses extremos
Que nossa vida é levada
Quem me provar que é mentira
Então me mostre outra estrada
Subir ao céu, não tem cipó
Elevador e nem escada
Cada um leva a si próprio
É carga não terceirizada
De bagagem a consciência
Que é mais ou menos pesada...

¹⁰ Este tema está no livro *Vivência*, do autor, e também foi publicado pelo jornal *O Nacional*, em 28 de março de 1993.



148. Carinho... que hoje não conto...

Converso às vezes com a alma
Como se fosse um encontro
A solidão me faz pensar
O que fazer? Se já está pronto...
A vida não é um cavalo
Mas todo dia eu remonto
Como um campeiro ou pastor
Reviso ponto por ponto
Se o futuro ficou curto
Pois o passado eu desconto
Lá, eu tinha teu carinho
Hoje nem com ele eu conto...

Por isso que acredito
Que a vida vive é da sobra
Uns acham que a dobram
Mas é ela que nos dobra
Por mais que a gente se quebre
Agite e faça manobra
Há quem pensa... cria e faz
Outro desfaz ou só rouba
Uns sofrem, só outros gozam
Um se humilha, outro esnoba
Um dia o saldo termina
E a morte chega e nos cobra...



149. Quem sabe que não sabia

A transparência perdeu a espada
A ética está sem escudo
A razão, sem quem defenda
O abuso está em quase tudo.

Meu grito tem ressonância
Que vai do grave ao agudo
Há quem escuta e se finge
De surdo, cego e mudo.

De discurso e lero-lero
O povo anda barrigudo
Vendo um vazio na esperança
O orador tendo de tudo.

Carnaval transforma em Rei
Quem não vem da monarquia
Para mim é doença incurável
Quem vive de fantasia
Só parecer e não ser
É água que não sacia
E sempre vai saber mais
Quem sabe que não sabia.

Sei muito através de muitos
Na vivência e no estudo
A prova é que me convence
E dessa opinião não mudo.

Meu verso não acoberta
Nem dá chance para ironia
E a ilusão tem a missão
De agradar a hipocrisia.

O conteúdo da noite
É ser o contraste do dia
Cada coisa no seu tempo
Todas trazem sinfonia.

Carnaval transforma em Rei
Quem não vem da monarquia
Para mim é doença incurável
Quem vive de fantasia
Só parecer e não ser
É água que não sacia
E sempre vai saber mais
Quem sabe que não sabia.



150. Usa o roubo e se isenta

Lamento por estar velho
Pois já passei bem dos setenta
Entre o que foi ruim e bom
Eu já vivi uns noventa
Tem coisa que é labirinto
É triste quem nele entra
E fazer versos com rima
É o que minha mente ostenta
Pois neles digo verdades
Que sacana não aguenta
Com gente boa, tudo é fácil
Já enfrentei má e ciumenta
Mas eu amo este Brasil
E me benzo com água benta
Onde o mal se estabelece
Chame o bem que ele arrebenta...

Mas o roubo, nesta terra
É uma praga e só aumenta
Ladrão pobre tem aos montes
Com esse ninguém esquenta
Se incomodar demais
De algum modo ele se ausenta
O problema é o ladrão rico
É duro para quem enfrenta
Tem direitos e mil recursos
Usa o roubo e se isenta
Um país que chega a isso
O mundo inteiro lamenta
Onde pinta um quadro assim
A injustiça se alimenta
O desonesto ainda ironiza
É um burro... quem se arrebenta
E a *condena* dos culpados
Quando anda, é em marcha lenta
Até já viramos chacota
Onde a nossa imagem entra
Que somos um povo morto
O qual de vivo só aparenta
Na esperança aqui se morre
Sem ter nada que acalenta...



151. Só deus em tudo é o perito

Por tantas coisas que fiz
Nelas eu penso e reflito
É nesse jogo da vida
Que quase entro em atrito.

E o tanto que me arrependo
Eu quero deixar escrito
No que muito acreditei
Hoje ao ver eu fico aflito.

O que já me pareceu feio
Agora aceito por bonito
Paguei por madeira grossa
O que não valia um palito.

Ingresso era para banquete
Nem serviram bolo frito
Há quem parece cordeiro
Mas age que nem cabrito.

O amém é grande tortura
Diante de um falso veredicto
E para sempre vou comungar
Do só vendo que acredito
A perfeição é inatingível
Só Deus em tudo é o perito.

Tem quem ganha no cochicho
Outro que leva no grito
Até por se achar um gigante
Já vi quem virou mosquito.

Muitos eu até avisei
Mas esqueceram meu dito
Que antes do peso do trem
Melhor ouvir o apito.

Pois já vi a razão se calar
Apenas para evitar atrito
Procuro a calma quando bravo
Pois ao perdê-la fico frito.

O bom de ontem faço hoje
E amanhã também repito
Tem prazer que é bom a dois
Se nenhum for esquisito.

Cubro-me por falar muito
Bem mais por nada ter dito
E para sempre vou comungar
Do só vendo que acredito
A perfeição é inatingível
Só Deus em tudo é o perito.



152. Ser feliz é sigilo

(31/08/2015)

Ser feliz é um estado
Difícil de defini-lo
Tem quem diz que vive nele
Ao conferir não é aquilo
Há quem esnoba dinheiro
Eu pago, entro e desfilo
E a felicidade eu compro
Por metro e até por quilo...

Porém ela não tem cor
Nem tamanho, nem estilo
Ser feliz por aparência
Provo que não assimilo
Há quem escuta a consciência
E é uma orquestra de grilo
Se o inferno existir mesmo
Tem quem não dorme tranquilo...

Diante desta realidade
Eu confesso que vacilo
Encontrar a felicidade
Eu tento desde pupilo
Duvido quem não quer ela
Vai da escola até o asilo
Ser feliz em tudo e sempre
Se alguém é, vive em sigilo...

Porém ela não tem cor
Nem tamanho, nem estilo
Ser feliz por aparência
Provo que não assimilo
Há quem escuta a consciência
E é uma orquestra de grilo
Se o inferno existir mesmo
Tem quem não dorme tranquilo...



153. De tudo um pouco

Sou um pouco de peão de estância
Sou um pouco de fazendeiro
Sei como é triste ser pobre
Sei como é bom ter dinheiro
Sei como é duro esperar
E o sabor de ser o primeiro.

A cultura é indispensável
Visto a tudo que assisto
Pois sem dinheiro e sem ela
Concluí que não existo
Mesmo assim, é disputado
Tudo aquilo que conquisto...

Sou quem respeita a madame
O gari, o engraxate e a faxineira
Nem sempre alguém é tal coisa
Somente porque ele queira
E só define o que é limpo
Quem sabe enxergar sujeira...

Nem sempre fiz o que gosto
Mas luto pelo que quero
Contorno até fingimento
Mas prefiro o que é sincero
É pela conversa franca
Que transparência espero
A maior parte dos assuntos
Para quem filtra é lero-lero...

Sou um pouco de pecador
Mas tenho um tanto de santo
Têm pecados que me tentam
Enquanto puder eu espanto
E pelas vezes que caio
É rezando que levanto...

Por vezes, já tive dúvidas
Confundi lenço por manto
Por mulher linda, me arrojo
Para as feias, nada garanto
Para mim, a sinceridade
É um todo e não um tanto...

Não nego que passei medo
Indecisão, com espanto
Já chorei por muitas coisas
Choro mesmo puro pranto
Mas sinto a felicidade
Quando toco e quando canto...

Nem sempre a felicidade
Consegue-se por inteira
Na solidão que lembramos
O carinho da companheira
E a saudade não respeita
Nem distância, nem fronteira
O amor que eu tenho para dar
Não nego para quem queira...



154. Rosas da velha roseira

Noite anterior a Finados
Eu passei sem companhia
Tive tempo para lembrar
De mamãe, quando existia
Quando mantinha um jardim
E das flores se valia
Para enfeitar no cemitério
Quem nos pertenceu um dia.

Em cada 2 de novembro
A cena se repetia
E flores para tanta gente
Com prazer se distribuía
E oração para ter perdão
Mais para quem nem merecia
Na sua simplicidade
Ela também nos dizia
Que oração, amor e flor
O morto recebe com alegria...

Eu que nem no cemitério
Há muito tempo não ia
Lembrei da velha roseira
Que no meu pátio existia
Também pela sua idade
Ela mal sobrevivia
E rosas, o que é importante
Também já não produzia
Que eu lembrasse, há muito tempo
Nos galhos dela eu não via...

Mas dormi imaginando
Comprar flores no outro dia
Levantei cedo, pensando
No que estava programado
Quando olhei para fora
Eu fiquei meio abismado
A roseira toda florida
Como um fato inusitado
Senti-me meio sonhando
Porém estava acordado...

Fui ao pátio e repeti
O que era feito no passado
Apanhei uma por uma
Sem ter que ir ao mercado
E o túmulo de minha mãe
Com rosas foi enfeitado
E orações para sua alma
Rezei em pé e ajoelhado
Depois retornei para casa
Com o espírito aliviado
Refletindo sobre a vida
O presente e o passado
Também sobre o futuro
E o que a nós é reservado.

Pelo que aqui contei
Mamãe, lá do outro lado
Deve ter outro jardim
E o paraíso sonhado
Porém lá não tem mais morte
Nem o Dia de Finados
Mas aqui morte não falta
Ando muito preocupado
Eu e outros, por tantas vezes
Dela temos escapado
Há também quem a usa
Para obter bom resultado
Mas é coisa de momento
Logo ali serão cobrados...

Esquecem que ela é “mortal”
Não tem partido e nem lado
E o dia de cada um
Ela não manda recado
E nem pergunta se o cara
É mendigo ou deputado
Nem se está vivendo bem
Ou se é mais um discriminado
Desses que depois da morte
Pensam ser recompensados
Crendo que no paraíso
Não vai ter desempregado...

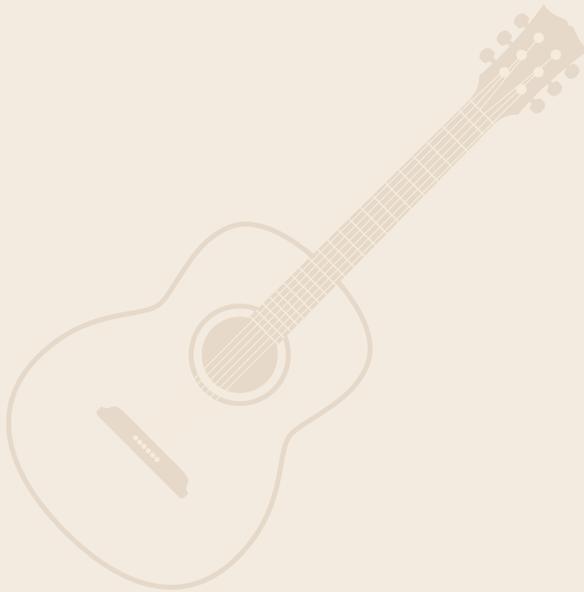
Um território infinito
Por ninguém escriturado
Banco vai ter à vontade
Para quem se sentir cansado
De tanto não fazer nada
Lá o tempo é ilimitado
Mas banco que cobra juros
Não deve nem ser lembrado
Para banqueiro, os bens do céu
Não podem ser hipotecados...

Aqui recebem apoio
Da Nação e do Estado
É o mundo de poucos “vivos”
E muitos “moribundados”
Os primeiros se deleitando
É na dor desses coitados
Quem vê isso do meu jeito
É mais um abandonado
Sentir assim a injustiça
É o inferno antecipado
Mas creio que minha mãe
Deve estar com Deus ao lado...



155. Filha feia e de pai rico

Dinheiro não compra tudo
Mas é quem comanda o “jogo”
Protege e salva ladrão
E vários tipos de demagogo
O contrário, se me provarem
Eu não boto a mão no fogo
Pois filha feia e de pai rico
Ajuda o velho a virar sogro...





156. Para quem ficou sem jardim

(15/07/2016)

Fiz quase tudo na vida
Para sair do buraco
A Deus agradeço sempre
Pois me deu força no taco
De muitos eu tive ajuda
Quando eu era muito fraco
Outros tantos me ocultavam
Só por me verem num barraco
Mas depois que a gente sobe
O que não falta é puxa-saco...

Por isso analiso a vida
Assim, tim-tim por tim-tim
Pois nunca faço pros outros
O que não quero para mim
Já vi quem tinha fazenda
E muito gado no capim
Um dia o vento mudou
Ficou de cueca e carpinim
A rosa é bem mais saudosa
Para quem fica sem jardim...



157. Sabe que já foi pintinho

Há quem me trata por Xikão
Como um gesto de carinho
Quem não quer minha ascensão
Já me taxa por Chiquinho
Mas eu sei chegar na rosa
Desviando ponta de espinho
Também conheço meu chão
Por Passo Fundo ou Passinho
Aprendi a ganhar meu pão
Sem botar água no vinho
E o contorno do meu mapa
O desenho sai limpinho
Pois conheço cada curva
E cantinho por cantinho
Não faço parte de rolo
De rolão, nem de rolinho
Por isso onde eu trafego
Não temo e ando sozinho
E pomba que voa demais
Não se aninha no meu ninho...

Deus me deu voz para cantar
E dedos para tocar pinho
Não comungo de conchavo
E nem pertencço a grupinho
Por isso muitos me chutam
Gordo, magro, alto e baixinho
Ao verem meu jeito de ser
Julgam por ato mesquinho
Mas eu monto o meu cavalo
E não o "burro do vizinho"
Na minha razão não calo
Também sei ficar quietinho
O respeito tem meu aplauso
Ao contrário, baixe o focinho
Se francês bebe champanhe
Sou mais eu num cafezinho
E galo quando é bem galo
Sabe que já foi pintinho
Quem não faz melhor que eu
Então, não levante o focinho...



158. Ele pega o peixe a tapa

Nossa energia do Pampa
Onde chega é muito guapa
Quem é gaúcho se dá bem
Em qualquer parte do mapa
Quando deslumbra uma chance
É certo que não escapa
É a pé ou a cavalo
De poncho, bota ou de capa
Na floresta ou no serrado
Sempre arranja o que se papa
Sem anzol ou sem canoa
Ele pega o peixe a tapa...



159. É só o que a gente conquista

Não esqueço aquele dia
Em que você me rejeitou
Também lembro o argumento
Que para mim você usou
Pois eu até gosto de ti
Mas onde moras eu não vou
Pois veja bem quem tu és
E também o que eu sou
Com pobreza não se brinca
O meu pai já me ensinou
E dividir o que eu tenho
Amor nenhum me motivou.

Para nós, a vida continua
E o tempo tudo registra
E no estado de pobreza
Hoje eu te vejo na pista
De meu pai sempre conservo
O seu bom ponto de vista
Há quem faz a própria obra
Esse é o verdadeiro artista
Quem vive só do que herda
É um pobre não otimista
A grande e nobre riqueza
É gerar a própria conquista...



160. Não invente de pensar

Quase tudo que existe
Não passa de invenção
Fazer bem eu também tento
Difícil é a perfeição
Se um dia surgiu carroça
Logo após veio o caminhão
Quem bolou o paraquedas
Pegou carona no avião
Se alguém criou a polícia
Para se dar satisfação
Com certeza, muito antes
Outro lançou o ladrão...

Deus também já entrou nessa
Com a melhor intenção
Fez a Eva deslumbrante
Da costela do Adão
E até hoje se discute
Sem nenhuma conclusão
Se a maquete não saiu
Bem melhor que a construção
Eu também acho que sou
Produto de uma invenção
Creio que foi o meu pai
E mamãe não disse não
Isso somente acontece
Se alguém toma a decisão
Esse é o invento da vida
Muitos são os da extinção...

E por isso que até hoje
Eu vivo a interrogação
Se o certo é quem tudo aceita
Ou quem levanta a questão
Aprendi a dizer sim
Mas também a dizer não
Se Deus me deu uma mente
É para minha proteção
Direcionar os meus passos
Passa a ser obrigação
Mas a grande maioria
Já tem sequela e lesão
Comandada por inventos
Que lhe tiram a razão
Quem inventa de pensar
Sofre logo a repressão...



161. Acariciando pensamento

Pelas ruas da minha terra
Trafega meu sentimento
Levado como se fosse
Folha seca pelo vento...

Quem entender a mensagem
Receba como um alento
Pois poesia verdadeira
Atinge quem anda atento...

Mesmo que esteja parado
Mas a mente em movimento
Observando o presente
Querendo um futuro bento...

Guardando um lindo passado
Para não ver no esquecimento
Todo poeta é um carente
Acariciando pensamento...



162. Quando o leite é derramado

Até hoje eu vivo é correndo
Mostrando carteira e CIC
Agenda eu não venço mais
E a pressa virou chilique...

Ciumentos querem que eu vá
As fãs imploram que eu fique
Pois muitas são especiais
Não há quem não se dedique...

Chance é fruto de uma obra
Não queiram que eu abdique
Quem produz o que confia
Deixe que o sonho se multiplique...

Minha marca é transparência
Não preciso de trambique
No geral é o que mais tem
E a Pátria está indo a pique...

Já cruzei por intempéries
Frio, calor, garoa e lama
Mas sempre tive por sonho
Sentir o sabor da fama...

No fogo da inspiração
Bem novo acendi a chama
Já enfrentei bicho de pelo
De casco, chifre e escama...

Namorei com mulher simples
Que parecia uma dama
Com rica, estudada e linda
O inferno é quando reclama...

Nem toda fruta gostosa
Vem do pé que tem mais rama
E amor que preenche amor
Não requer luxo na cama...

Conservo coisas marcantes
Que são parte de meu passado
A saudade é do que deu certo
E só lembro o que deu errado...

Mas na passagem do tempo
Quem não fica desgastado?
E qualquer minuto perdido
Nem sempre é recuperado...

Do presente eu vivo o que posso
Não com dinheiro do Estado
E por ter um futuro incerto
Não me torno acomodado...

Sei que sem ter brasa própria
Eu não asso o meu assado
A depressão e a nostalgia
São doenças de apaixonado...

Buracos, depois de abertos
Muitos não vão ser fechados
Nem choro de arrependido
Salva o leite derramado...



163. Sonho de artista

Fui um guri lá da roça
E sonhei ser um artista
Para comprar um violãozinho
Não pude pagar à vista
Mas minha mãe me dizia
Meu filho, nunca desista
O que vem sem sacrifício
Não tem valor de conquista
Graças a esse conselho
Eu segui por essa pista
Hoje sou matéria forte
Para opinião de jornalista
Até esses que duvidam
Que não sou um otimista
E quem adora fraqueza
Passe a escutar angolista...

Pois creio que até no céu
Já deve ter a internet
Mamãe também me ensinou
A chance é de quem se mete
De lá mesmo, ela me enxerga
E de alegria se derrete
Por ver que meu verso e canto
No mundo inteiro competem
Com mídia, eu viajo de avião
Sem ela, é burro e charrete
De muitas partes do mundo
Está me chegando confete
De Manuel, Pedro e Joaquim
Rockefeller e Janete
Ainda existem os “bolas murchas”
Temendo a minha raquete
Pois o que eu faço é real
Tem quem só mente e promete...



164. E também por nada ter dito

Por certas coisas que fiz
Por vezes, paro e reflito
E neste jogo da vida
Eu entro quase em conflito...

Do tanto que me arrependo
Eu quero deixar escrito
Das vezes que falei muito
Bem mais por nada ter dito...



165. Esmoleiros do amor

Eu descobri que amar era tão bom
Pois entre nós o amor é lindo e gostoso
Eu lembro bem do teu ingênuo carinho
Do mesmo jeito, contigo fui carinhoso...

Aquele medo que passamos tantas vezes
Nos fins de festas e até no voltar da escola
Pois de amor um pelo outro somos ricos
E acostumamos a dele pedir esmola...

Mas nosso amor, por não agradar a outros
Desenvolveu-se por meio dificultoso
Hoje o passado de vez em quando é presente
Prova para a gente que o amor segue teimoso...

Mas cada vez que me encontro contigo
Somos dois jovens cheios de amor fogo
Mas continuamos tendo medo dos perigos
Buscando abrigo e se mantendo cautelosos...

Somos o fruto do que foi tão proibido
Para um jovem moço e para uma moça menina
Que embora o tempo em muito já tenha ido
Fazem no amor o que a qualquer jovem fascina...

O amor é tudo, mas com quem a gente sonha
E se renova em cada cena repetida
Por ser real, não precisa que se mostre
E sobrevive a qualquer norma proibida...

A maior prova que tenho de que te amo
Sonhar contigo em noite nada dormida
E quando durmo, da minha sorte reclamo
Que há muito tempo não me dá sinal de vida...



166. Fim do dominó

Sugiro a quem tem vovô
Melhor se vovô e vovó
Trate bem desses velhinhos
Por amor e não por dó...

A velhice é um tempo duro
Morrer novo é um duro nó
Pois existem jovens que pensam
Que todo idoso é um coió...

Nem toda árvore conhece
O que é sustentar um cipó
Mas a idade ao natural
Vai deixando a gente só...

Quem já leu a Lei da vida
Sabe que vamos para o pó
Solidão é um certo anúncio
Que logo é o fim do dominó...



167. Teoria e prática

Não sei música por teoria
Nem português por gramática
Informo e sou informado
Sem estudar informática
Mas para tudo existe jeito
Que muitos chamam de tática
Tem coisa que é bom que mexa
Outra que fique estática
Ser feia já é uma barra
Pior é feia e antipática...

Também calculo o que vejo
Sem usar a matemática
Pois sei bem que a euforia
Já pagou por ser enfática
Duro é sorrir de tristeza
E viver alegria apática
A mentira vira verdade
Numa mente dogmática
Conversa e lei têm valor
Se tiverem a ver com prática...

168. Conselho de mãe¹¹

Esta foi minha herança
Que de fato recebi
Alguns conselhos de mãe
Dos quais sempre me vali
Mantê-los é minha honra
Porém ela eu já perdi
Na saudade, a imagem viva
Como se estivesse aqui.

O dia em que eu saí
De um lugar onde vivia
Deu-me muita tristeza
Lá, tive tanta alegria
Por ser ainda um guri
Que muito pouco sabia
Na despedida, a família
Junto comigo sofria
Imaginei minha mãe
E a dor que ela sentia
Por ver um filho partindo
Sem dizer para aonde ia
E no bolso não levava
Um pila de economia
Na pobreza não se escolhe
Trabalho, nem moradia
Uma sacola com roupas
Tudo que eu possuía
Para completar um conselho
Junto comigo seguia
Com lágrimas nos olhos

Que do coração fluíam
E a voz muito embargada
Mamãe assim me dizia
Meu filho, tu és pequeno
Mas confie no teu guia
Trabalhe e respeite os outros
Que terás o pão do dia
Sempre procure ter fé
Em Deus e na Virgem Maria
Graças a esse conselho
Eu venço a própria ironia.

Minha mãe, eu te agradeço
Por me dar ensinamento
Ainda estou na terra
De tudo aqui eu enfrento
Mas hoje já sei um tanto
Que amar é conhecimento
Amor de mãe não tem preço
Muito menos pagamento
E também não acredito
Que contenha fingimento
Outros dependem de muito
Até do próprio momento
Da condição econômica
E tudo que está por dentro
São amores que no fundo
Precisam de complemento
E Deus inventou a mãe
Para confirmar seu talento.

¹¹ Tema publicado no jornal *O Nacional* de Passo Fundo, em 09 de maio de 1993.

Sei que mãe é sempre mãe
No futuro e no passado
Ela está sempre presente
Em pensamento ou ao lado
Livre, já protege o filho
Muito mais se condenado
Alimenta enquanto criança
E muitas depois de criado
Mãe é tesouro perdível
E nunca mais recuperado
Dos amores, o mais profundo
Bem por isso é diferente
Quem já teve ou ainda tem
Sabe que este não mente
Mesmo feia, ela é linda
Para o coração de quem sente
Por isso mãe de verdade
Só existe uma para a gente.

Mãe não tem que ter um dia
Por mais que seja moderno
Pois mãe, para quem reconhece
O dia dela sempre será eterno
Mãe que é mãe chega ao céu
Mesmo que cruze no inferno
Uma mãe, enquanto viva
Isto foi para mim também
Deus não deixa que se veja
Todo valor que ela tem
Basta se ter uma só
E só esta nos convém
Assim se vai uma mãe
É certo que outra vem
A minha eu não esqueço
Mesmo estando no além...



169. Mãe e terra querência¹²

Todos nós temos na vida
O que se chama “querência”
É a maior propriedade
Que arquivamos na consciência
No estar distante dela
Quem não sente a sua ausência
E tudo o que a gente ama
Sempre se faz referência...

Meu Passo Fundo eu carrego
No andar por outros ventos
Como um laço enrodilhado
E amarrado nos meus tentos
As rodilhas são saudades
De tantos belos momentos
Das campareadas de amor
Que guardo no pensamento...

Vou cantar a minha terra
Em qualquer lugar que eu ande
Pois gostar de Passo Fundo
É amar todo o Rio Grande
No astral desse lugar
Minha alma se expande
E quando é para voltar
Não preciso que me mandem...

Quero findar o meu tempo
No meu torrão oriundo
Lá, sempre serei guri
Mesmo velho e “corcundo”
Por estar com minha gente
Meu respirar é mais fundo
Mãe e terra querência
Só se tem uma no mundo...

Quero crer que no meu fim
Deus me mantenha um segundo
Para rever todo meu pago
Como num pano de fundo
Será a última lembrança
Do meu lindo Passo Fundo
Quando meus olhos fecharem
A cortina neste mundo
Minha mãe vir do além
Ninar meu sono profundo
De mulher, esse é o carinho
Que nem morrendo confundo...

¹² Este tema faz parte do CD *Reflexos da Vida* e do livro *Vivência*, ambos do autor.

Vou cantar a minha terra
Em qualquer lugar que eu ande
Mesmo estando lá no céu
Recordando meu Rio Grande
Junto com passo-fundenses
Que Deus tem no seu *stand*
E outros que vão chegando
Basta que a vida desande...

Vou contar na eternidade
O que não levei daqui
A velhice, a média idade
A juventude e ser guri
Minha amada Passo Fundo
Querência a que pertenci
Mas mamãe vai me orientar
Que é assim porque morri
Mas mamãe vai me orientar
Que estou lá porque morri...

Que o ter no paraíso
Não vai ser igual aqui
Só se tem por algum tempo
E não adianta persistir
E o prazer de reencontrá-la
Foi porque nunca a esqueci
E nunca mais vou perdê-la
Como um dia já perdi...



170. Rio dos contrastes¹³

Certos prazeres na vida
Logo para mim existiram
Meu pai sabia de tudo
De campo a leito de rio
Para ensinar boas coisas
Ele nunca se omitiu
Como encontrar minhocas
E acender um pavio
Não meter a mão em toca
Apenas por desafio
Lidar com a natureza
Não gosta quem não sentiu
Fim de semana assim
Tem gente que nunca viu
Rio do Posto lá persiste
De minha escola serviu...

Eu reunia meus amigos
Que moravam por ali
Os cachorros companheiros
De reforço a taquari
Para nós, isso era festa
Pois nunca mais esqueci
Meu pai, numa pescaria
Também virava guri...

Mas o tempo foi passando
E nele hoje ando aqui
Meu pai foi para Passo Fundo
Linda terra onde vivi
Abandonei o rio da infância
E do primeiro lambari
Mas quando dele recordo
Esqueço que envelheci...

Isso tudo eu refleti
Quando me foi informado
Que na costa desse rio
Tinha se acidentado
Um velho pescador
Que me deu tudo ensinado
E muitas vezes de medo
Nele dormi agarrado
Naquelas noites de pesca
E lá no rio acampado...

Esse rio me deu prazeres
Mas terminou sendo o oposto
Também num fim de semana
Lá, sofri grande desgosto
Era o meu pai quem morria
Na costa do Rio do Posto
Transformando a alegria
Na tristeza do meu rosto...

¹³ Tema inspirado na realidade de minha infância junto ao meu pai. Lamentavelmente, também serve de registro do seu falecimento, em acidente que lhe tirou a vida; o veículo no qual viajava capotou ao passar pela ponte do rio, no qual meu pai ensinou-me a pescar o primeiro lambari, ou seja, o Rio do Posto.

Hoje, quando chego lá
Sinto um certo calafrio
Uma cruz prova que a vida
Sempre perde o desafio
Lembro do guri que já fui
E de meu pai, que já partiu
Águas rolam dos meus olhos
Mas não são águas do rio...

Resistindo ao próprio tempo
Segue o rio o seu traçado
Testemunha que me fala
Sem usar meu palavreado
No movimento das águas
Me sinto como enganado
Passam umas e vêm outras
O tempo mantenho guardado
Só meu pai e meus amigos
É que não vejo ao meu lado
Se foram que nem as águas
Águas lindas do passado...



171. Almoço, janta e café

Já fiz um milhão de coisas
Sonhando e botando fé
Desejava ser artista
Mas artista quem não é?
Basta nascer no Brasil
Do Oiapoque a Taubaté
Há tantos outros lugares
Que a vida anda de ré
Ambiente assim por muitos
É rotulado por ralé
Ao pleitearem bons cargos
Doam da telha ao rodapé
Camiseta e chaveirinho
Sorriso, abraço e cafuné
Nosso Brasil eu conheço
Como a sola do meu pé
E fumaça de mentiroso
Não precisa chaminé
Esses craques da ilusão
Jogam bem mais que o Pelé
Sabem quanto rendem os votos
De Maria, João ou Zé
Na campanha vale tudo
Para embarcar nessa maré
Não renegam cheiro ruim
De cocô nem de chulé
Eleitor, depois da eleição
Vira palito de picolé...

No passado era assim
Hoje assim ainda é
Muitos chefes de família
Rezando e botando fé
Com esse nosso salário
Mantendo *fio e muié*
Na próxima, eu voto bem
O que caiu vão pôr em pé
Mas nunca esperei por isso
Sou dono de meu boné
Mas no imposto sou um Cristo
Que viveu em Nazaré...

Aqui se paga para rezar
E também por não ter fé
Pois até para ser ateu
Gasta para explicar que é...

Mas busco dentro de mim
O lugar que a gente quer
Vejo a vergonha e a justiça
De arrasto ou de quatro-pés
Hoje me chamam de artista
Mas artista quem não é?
Basta nascer no Brasil
Do Oiapoque a Taubaté
Desde criança eu pago
Almoço, janta e café
Já fiz um milhão de coisas
Sonhando e botando fé

Por mostrar a realidade
Com boca de jacaré
Eu sei pronunciar colher
Muitos chamam de *cuié*
Sempre onde meto a minha
Só se for no caldo da boa-fé
Também já fiz faculdade
Sem trambique e não fiz pré
Nem tudo acontece assim
Muitos sabem que não é
Para mim, nunca tem palco
Não canto le, le e le, lé
Nem essas pornografias
Que só mostram *inhecunhé*
O que digo é incontestável
Ninguém prova que não é
Tenho medo é de ser preso
Enquadrado por má-fé
Pois sei distinguir cupim
Cabeça, rabo e filé
E quem sabe que é assim
Sempre me aplaude de pé...



172. Deixar que a vida prossiga

Todo verso que eu faço
Tem estrutura na rima
E um tema como base
Que transmite certo clima
Irrita quem não me gosta
Alegra quem me estima
Tem quem hoje se afasta
E amanhã se aproxima
Mas, para que isso aconteça
Eu tenho que estar por cima
Descobri, quando guri
Nas amizades com prima...

Isso parece brinquedo
Mas é fato tão frequente
Envolve todas as idades
Vai do velho ao inocente
Quando se anda numa ruim
Nem sequer se tem parente
Noite fria é noite fria
Duro é surgir quem es quente
Mas se a vida anda folgada
Pobre do saco da gente
Se morre um bajulador
Surge mais trinta na frente...

Mas é nessa hipocrisia
Que a sociedade se engana
Quanto maior o macaco
Pra esse, a maior banana
Por isso, para quem sobe
A vida sempre é bacana
Buscam pra festa do início
Também pro fim de semana
Pra quem está descendo
A cada dia, é mais tirana
Se alguém vier buscar a gente
Só se é pra meter em cana...

Até mesmo namoradas
Fico às vezes recordando
Pois mesmo de bicicleta
Uma eu estava amando
Se eu pleiteava certas coisas
Me deixava pedalando
Com o farto argumento
Que só depois de casando
Cansei de arrumar a mesa
E com a fome sair lutando
E sexo, conforme o uso
Serve pra ir enrolando...

Desisti dessa fulana
E pelo mundo fui andando
Logo comprei um carrão
E o meu quadro foi mudando
Um dia nos reencontramos
A gente foi conversando
Em pouco tempo, em tudo
Eu assumi o comando
Descobri que a bicicleta
Que estava me atrapalhando
De bodoque ninguém caça
Onça que anda atacando...

Com a mesma persistência
Mantenho verso e cantiga
Meus temas saem da mente
Tem quem tira de barriga
Mesmo assim, fazem sucesso
Isso é o que me intriga
Continuo trabalhando
Como pequena formiga
Pois tem cigarra que canta
E no inverno não mastiga
Acredito no que faço
Vai que um dia a sorte liga
E se o sucesso chegar
Não faltará gente amiga
Caso contrário, é consolo
Deixar que a vida prossiga.



173. É desse modo que eu vejo

Confusões, se não surgissem
Nem precisaria de juiz
E a cascata não bufaria
De ciúmes do chafariz
O perfume não pediria
Favores para o nariz
Há fedores que no fim
Tornam o dono feliz
Pois no trono de um WC
Senta o Rei, também a Miss
Pra fazer a mesma coisa
Que faz qualquer infeliz...

Tem coisa que não funciona
Se não encaixam os perfis
O exemplo mais aplicado
É o quadro negro e o giz
Homem é estrutura óssea
No caminhão é o chassi
Casar e usar bom senso
É escutar o que o outro diz
Bicho-de-pé e guanxuma
Não deixe criarem raiz
Boa música e par de guampas
Só de uma se pede bis...

Por isso existe um ditado
Tão dito em nosso redor
Que nada que já está ruim
Não possa ficar bem pior
O respeito que era grande
Hoje é um falido e menor
E quanta gente pequena
Pensando que é bem maior
Outro fala o que não sabe
Mas tem na mente de cor
Há quem ganha muita grana
Sem uma gota de suor...

Confusões, se não surgissem
Nem precisaria de juiz
E a cascata não bufaria
De ciúmes do chafariz
O perfume não pediria
Favores para o nariz
Há fedores que no fim
Tornam o dono feliz
Pois no trono de um WC
Senta o Rei, também a Miss
Pra fazer a mesma coisa
Que faz qualquer infeliz.



174. Liberdade

Se eu fosse um pombo correio
Na missão de mensageiro
Voaria o mundo todo
Para acalmar meu desespero
Chegar em tua morada
Quando a canseira me assola
Torcendo que tu me pegues
Me prendas em uma gaiola
Pois minha prisão de hoje
É a saudade que nos isola.

Liberdade... liberdade...
Nem sempre é quando se voa
O amor é tudo na vida
Sem isso ela não é boa
Liberdade é ter carinho
Da nossa amada pessoa.

No entregar a mensagem
Se um dia eu te encontrar
Numa linguagem de pombo
Tudo quero te contar
Do alto, vi as florestas
As flores, os campos e o mar
Nada disso tem beleza
Na solidão de voar
Não quero imaginar asas
Nem ficar mais sem te amar.



175. Passando por pianista

Boa sorte quem não quer
Ela nem sempre é só nossa
Quem vem para ser desgraçado
Arruma sarna, ninguém coça
E mal põe o pé no chão
Já tropeça, o dedo engrossa
Ou nasce num submundo
Numa favela ou palhoça
Se o ideal é só um irmão
Esse tem para encher carroça
Sofre para ter qualquer coisa
Ao conseguir, alguém se apossa.

Quem tem o rabo na sorte
Ao comer carne, outro desossa
E ainda está na barriga
Pai e mãe... Deus... minha nossa
E se precisa um pingo de água
No geral, vem uma poça
Tem pomada para alergia
Colhe bem e não faz roça
Pois muitos morrem de velhos
Até o café tem quem adoça.

Fiquei muito tempo assistindo
Assim de fora da pista
Vendo quem pouco corria
Mas na pose, um velocista
Hoje é igual ou muito pior
Trambique vira conquista

De algum jeito, dão um jeito
Na ordem oficial da lista
Eu calava, pois temia
Ser taxado de egoísta
Como tantos que desfilam
Todo dia em nossas vistas
Quem tem talento e não mostra
Perde para quem só tem crista
E se a vida for um jogo
Entre em campo e não desista
Lindo é uma rádio potente
Ter um gênio de radialista
Triste é se ganhar a prova
Outro é que dá a entrevista
Já vi quem não toca nada
Mas desfila por pianista
Tem gente que me questiona
Acha que sou pessimista
Na corrida do que quero
Tornei-me um maratonista
Ter muito sem saber de onde
Não tem sabor de conquista
Quem vence por conta própria
Tem outro ponto de vista
E a ciência tem mais valor
Para quem respeita o cientista
Nem sempre estar num palco
Comprova o que é ser artista
Empréstimo tem quem arranja
Mas quem paga é o avalista.

A verdade sempre existe
Raro... é ter quem a confira
E quando ela é do Doutor
Vale igual à do caipira
Mas onde a ética só dorme
A vergonha se retira
Por acusar coisa assim
Pedra em mim tem quem atira
Por isso o mundo está cheio
De hipocrisia e mentira.

Fiquei muito tempo assistindo
Assim de fora da pista
Vendo quem pouco corria
Mas na pose, um velocista
Hoje é igual ou muito pior
Trambique vira conquista
De algum jeito, dão um jeito
Na ordem oficial da lista
Eu calava, pois temia
Ser taxado de egoísta
Como tantos que desfilam
Todo dia em nossas vistas
Quem tem talento e não mostra
Perde para quem só tem crista
E se a vida for um jogo
Entre em campo e não desista
Lindo é uma rádio potente
E um gênio de radialista
Triste é se ganhar a prova
Outro é que dá a entrevista
Já vi quem não toca nada
Mas desfila por pianista.



176. Eu queria saber¹⁴

Eu queria saber
Eu queria saber
O que você pensa
E o que pretende ser...

Mas pelo jeito
Em que apareces no meio
Pretende ser
Coisa que eu não creio...

Eu queria saber
Eu queria saber
O que você pensa
E o que pretende ser...

Mas vai chegar
O dia da realidade
Em que vai voltar
Com muita humildade...

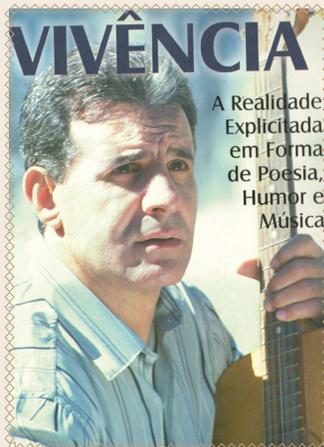
Com a conclusão
Das minhas verdades
Que neste mundo
Ser sincero é raridade...

Eu queria saber
Eu queria saber
O que você pensa
E o que pretende ser...

¹⁴ Este tema foi musicado e gravado em K7, "Vivência".



Foto que registra a época em que se dinamizava venda de músicas através de fita K7. Esta é a capa de milhares de exemplares que vendi e que me causa uma saudade imensa desse tempo bom.



Na mesma época, coloquei no mercado milhares de livros que levaram minhas poesias para o público de uma forma nua e crua, ou seja, só literalmente poetizadas através do meu livro *Vivência*.

177. Destino de cavalos

Se você ainda duvida
Preste atenção no que falo
Pois a sorte é diferente
Até na vida dos cavalos
Tem semelhança com gente
Se for mentira, eu calo
Um nasce na tal de “baia”
Outro na beira de um valo
Um cresce cheio de trato
E o outro levando pealo...

O cavalo, para o gaúcho
É um tipo de irmão
Que sempre se ajudaram
Nas coisas do seu rincão
Agindo com sua força
Para ganhar pasto e ração
Porém hoje muita gente
Não consegue nem o pão
Nos corredores da vida
Não sabem para aonde vão...

Ao definir dois potrilhos
Nos explica a tradição
O comum para piqueteiro
E *pedigree* para garanhão
Um, vitamina na veia
Para aumentar a vibração
O outro, num fio de faca
Perde a última ilusão
Afinal, o que mais fazem
Neste mundo é castração...

Quando vêm espora e relho
Se em forma de agressão
O manso até acredita
Que apanhar é obrigação
O bravo vira o arreio
Jogando o ginete ao chão
Tem cavalo pretencioso
E cavalo sem pretensão
Pois de cavalo um do outro
Também vejo o cidadão...

A estória de cavalos
Comprova e até ensina
Piqueteiro aceita a carga
E a vida se torna “sina”
Garanhão, no manotaço
Acalma égua que empina
Para diminuir o esforço
Plataforma e vaselina
E o mansinho só recebe
Puxão no rabo e na crina...

Quase tudo perpetua
E nem o tempo consome
Têm raças que os descendentes
Não valem nem o que comem
Campo aberto e vida farta
E nem surge quem lhes dome
É nisso que se parecem
O cavalo e o próprio homem
Uns levam no peito e lombo
E outros no sobrenome...

Quando vão para o fim da vida
Vejam só a companhia
Garanhão, uma potranca
Para tentar mais uma cria
E o piqueteiro carrega
Velho, criança e titia
Há pessoas que envelhecem
E o silêncio é agonia
Quanto peão que abandona
O “cavalo que lhe servia” ...

Até mesmo após a morte
A coisa é separada
Garanhão vira tapete
Numa sala requintada
O comum, se o couro presta
Logo é corda trançada
Para continuar puxando
Alguma coisa pesada
Ou senão vai por inteiro
Para festejo da corvada...

Só que, no pealo final
Ninguém foge da emboscada
Tombo, que um tombo a mais
Muda para ele quase nada
Também cai o garanhão
Duro é deixar a eguada
Mas a fazenda não para
Muito menos a peonada
Quem sabe um dia exista
Carga igual para cavallhada
Pois têm uns tão carregados
E outros que não levam nada...



178. O caçador

Vou falar de um compadre meu
Caçador e pescador
Em água, capoeira e mato
Um verdadeiro doutor
Quando me lembro dele
Me sinto até comovido
Recordo à noite, em silêncio
Penetrar nos meus ouvidos
Aguardando algum dos cuscos
Pronunciar longe um latido
Eu tinha confiança nele
Que até afastava o medo
Pois para caçar e pescar
Tem que saber os segredos...

Em tudo que se dedicava
A certeza de que fazia
Em matas sujas e escuras
Rapidamente corria
Por não ter essa virtude
Normalmente eu me perdia
Em muitas vezes cheguei junto
Em outras tantas, atrasado
Difícilmente o bicho
Ao compadre teria logrado
Perfeito na pontaria
Da estimada taquari
Recheava de chumbo grosso
Para tatu, paca e quati
Tinha que acertar o tiro
Não tinha o que repetir
Acertar tiro no escuro

Igual a ele eu nunca vi
A obediência dos guapeças
Até hoje não esqueci
Sendo que um, pomposamente
O nome era Pedigree...

Uma rapidez convicta
Nos golpes de seu facão
Cortando cipó e espinho
Piques na vegetação
No retorno, sempre cansado
Mas o espírito consagrado
Por uma realização
A caça importava muito
Na própria alimentação
E até cachorro vibra
Se cumpre bem a missão
Tudo para agradecer o dono
E sem remuneração
É esse tipo de amizade
Que me toca o coração...

Morava num pobre barraco
Bem no meio de um matão
Lá chegavam caçadores
Da cidade e da região
E o compadre era o guia
Quem dava orientação
Cevava os peixes no rio
Até com farelo de pão
Para quando ali chegasse
O pescador “granfinão”

Era só jogar tarrafas
Redes ou outra invenção
De pagamento ficava
Sempre o resto da ração
Como salsicha enlatada
E vinho de garrafão...

Mas um dia, no seu rancho
Houve a última reunião
Lá chegaram só os vizinhos
Trazendo a compaixão
Numa palavra de afeto
Outros fazendo o caixão
Tudo simples, mas se fez
Cerimônia e oração
Pai Nosso e Ave Maria
Para a alma desse irmão
Dos amigos da cidade
Não vi Pedro e nem João
No geral, esses “amigos”
Nessas horas... não estão
Mas chegou a despedida
Houve movimentação
Os cachorros se agitaram
Como era a tradição
Muito mais por não verem
Espingarda e munição
E nem a voz do compadre
Praticando alguma ação
Uivaram todos em coro
Um gesto de aclamação
Eu vi que cachorro sente
Quando fica sem patrão
E pessoas ali presentes

Choraram de emoção
O filho que era mais velho
Nele colocou a mão
Papai, vá para essa caçada
Tente caçar seu perdão
Prometo ajudar a mãe
A criar os meus irmãos
Pois também vamos embora
Morar lá na povoação
E saímos pela picada
Em pequena procissão
Para a última morada
Lá na costa de um capão
Hoje lá existe uma lenda
Que já virou tradição
De que muitos tratoristas
Em colheitas ou plantação
Quando trabalham à noite
Naquele pelado chão
Escutam latir cachorros
Em plena aproximação
Vozes, assovios e tiros
Dando a ideia de visão
De caçadores fantasmas
Atuando na escuridão
Esse caso eu já contei
E pediram repetição
O compadre já se foi
E não sabe da situação
Que os bichos que se caçava
Hoje estão em extinção
E quando aparece algum
Quase vira assombração...



179. O recomeço

Na vida, todas as pessoas
Enfrentam alguns tropeços
Mas ninguém quer se entregar
Esse é o mundo que eu conheço.

Em cada dia conseguido
Oro e busco o que mereço
À noite, quando deito
Meu Deus, eu te agradeço.

Agora, sei que estou vivo
Amanhã, não sei se amanheço
Todos temos em nosso saber
Nascer, viver, há um preço.

Pois a morte sabe sempre
Onde é nosso endereço
Após ela, Deus repõe
Para alguns, o eterno recomeço.

E a vaidade ou a soberba
Ao me atingir, eu entristeço
Mas atitude é como a roupa
Eu nunca uso pelo avesso...

Sei que a existência é uma escada
Pela qual subo e também desço
Vejo que a vida é nuvem passageira
Sou igual a todos, pois desapareço...

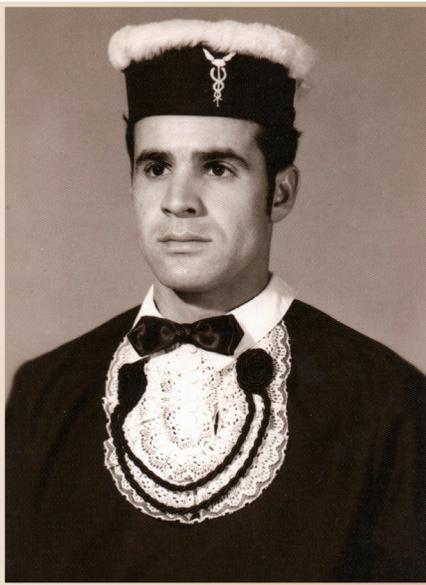
Levando o tudo que virou nada
E, nesse nada, o meu maior apreço
Pois daqui eu levo só a minha alma
Por não ter fim, e sim o recomeço...



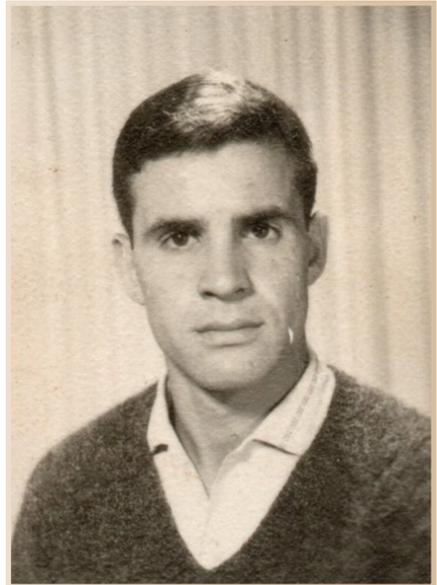
Retratos de uma jornada...



Meus saudosos e queridos pais, Felipe da Silva Garcia e Carolina de Mello Garcia.



Formatura de 2º Grau e técnico em Contabilidade em Guarapuava, PR.



Quando incorporei no Exército.



Meu saudoso e querido pai, no momento em que registramos a maior safra de arroz do seco, ao lado de nossa casa no interior de Coxilha; esta é a única foto da minha infância.



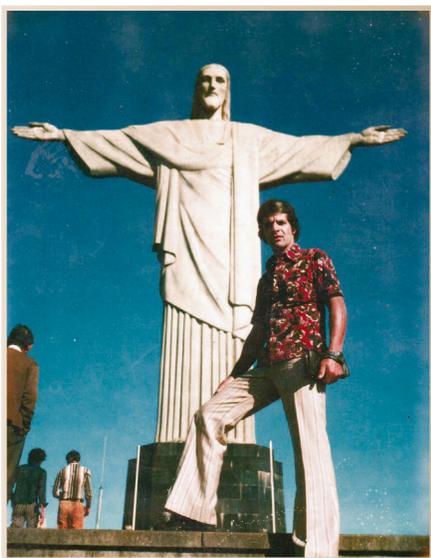
Formatura no Ginásio, tendo como paraninfo o professor Dirceu Nunes.



Baile beneficente organizado por clube de serviço da cidade de Santa Rosa, Clube Concórdia, quando ganhamos concurso de danças de brincadeiras, sendo esta a da laranja.



Festival de posse em que assumi a presidência da Câmara Júnior de Santa Rosa, RS.



Momento em que visitei o Rio de Janeiro pela primeira vez.



Meu casamento na Igreja Matriz Católica de Santa Rosa, RS.



Apresentação no Centro Cívico de Santa Rosa, RS, tendo como companheiro de palco o grande músico João Schmidt.



Formatura em Ciências Contábeis na Faculdade de Santa Rosa, RS, oficializada pelo Diretor, Fioravante Pedrazzani (*in memoriam*).



Na minha formatura, ao lado da minha esposa, Renati.



Na minha formatura, com a presença de minha irmã, Jandira (*in memoriam*).



Time de futebol em família, em pé, da esquerda para a direita: Romeu, Cilon, Odilon, eu, Ivan e Caroline, minha filha, com a bola está Evandro, meu sobrinho.



Recebimento do troféu de 2º lugar, como autor da música “Baile de Rodeio”.



No casamento de minha irmã Jandira (*in memoriam*) com Marcelo Dalacqua, acompanhado de minha esposa, Renati, e minha filha, Caroline.



Fenasoja de Santa Rosa, cabana de exposição dos produtos por mim comercializados no Grande Santa Rosa, de marca Perdigão, quando registramos nossa presença administrativa no evento.



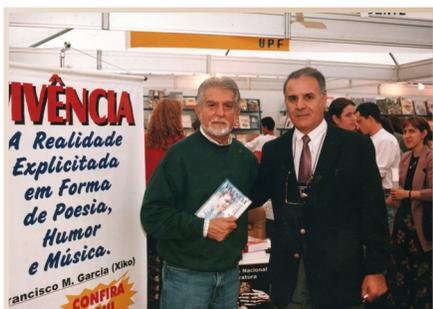
Apresentação de minhas músicas em uma Festa Nacional da Soja (Fenasoja) em Santa Rosa, RS, em que recebi admiração e atenção de Sérgio Reis, que era a atração principal da noite.



Sérgio Reis assistindo à minha apresentação em uma Fenasoja em Santa Rosa, RS, na noite em que ele fez o show de encerramento.



Apresentação feita por mim e um colega para passo-fundenses em visita ao túmulo do saudoso Teixeira.



Em uma das Jornadas de Literatura, tive o prazer de conhecer o grande repórter e escritor Domingos Meirelles, quando autografou o meu livro *Vivência*.



Voto de Louvor para Francisco Garcia, “Xiko Garcia”, pelo conjunto da obra reconhecida em níveis estadual e nacional, conforme proposição de autoria do vereador Édson Nunes, aprovada por todos os vereadores. Décio Ramos de Lima, presidente da Câmara de Vereadores de Passo Fundo, à minha direita, e Édson Nunes, à esquerda.



Medalha Estrela de Brasília, que recebi da *Revista Brasília* em concurso nacional de poesia.



Medalhas recebidas como premiação em concurso de poesia, em âmbito nacional, em Brasília, DF, sendo elas, da direita para a esquerda, Estrela de Brasília, Presidente Kubitschek e Brasil 500 Anos.



Praça Marechal Floriano e a Catedral de Passo Fundo, RS, minha filha, Caroline, e os sobrinhos, Tiani e Jeferson.



Duas mulheres que significam muito na minha vida: minha esposa, Renati, à direita, e Caroline, minha filha, à esquerda.



Festival no auditório da Academia Passo-Fundense de Letras, tendo a companhia de alguns confrades e algumas congreiras.



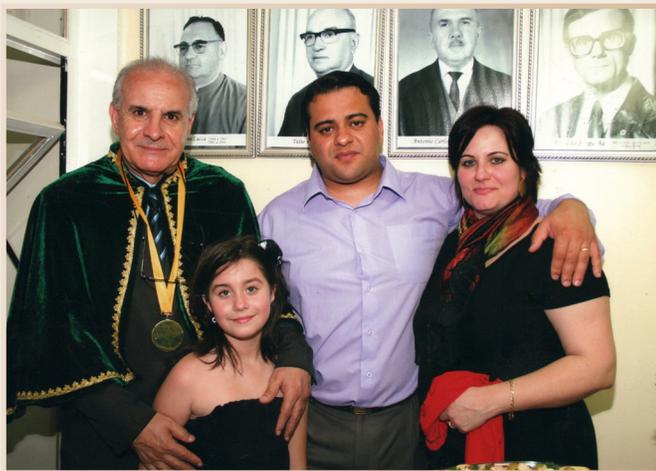
Festival no auditório da Academia Passo-Fundense de Letras, com todos os acadêmicos que estavam presentes.



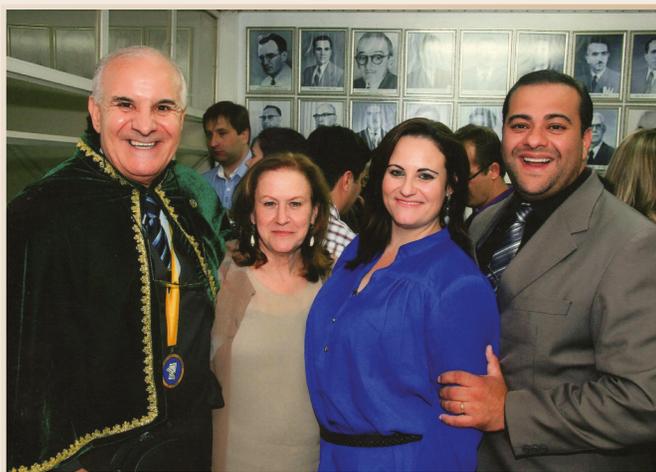
Apresentação em noite de cerimonial na Academia Passo-Fundense de Letras em Passo Fundo, RS.



Momento em festival na Academia Passo-Fundense de Letras, quando recebi o abraço carinhoso e oportuno de minha amada neta, Isadora.



Momentos em festival na Academia Passo-Fundense de Letras. Ao meu lado, estão: Alessandro Silva, meu genro, minha querida filha, Caroline, e entre minhas mãos a não menos querida, Isadora, minha neta.



Festival oficial da Academia Passo-Fundense de Letras, com a presença e a companhia de minha amada esposa, Renati, e de minha querida filha, Caroline, acompanhada por seu esposo, Alessandro Silva.



Recebimento de Menção Honrosa Francisco Antonino Xavier de Oliveira, “Pai da História de Passo Fundo”, ao Acadêmico Francisco Mello Garcia, através do Presidente da Academia, Odilon Garcez Ayres, da gestão 2018-2020.



Passeio às Cataratas DO Foz de Iguaçu, PR, na companhia de minha filha, Caroline, meu genro, Alessandro, e minha neta, Isadora.



Se você gostou desta obra, descubra outros trabalhos que capturam a essência e o universo criativo do autor. Além disso, não hesite em entrar em contato por e-mail, caso queira compartilhar suas opiniões seu *feedback*.

E-mails: xikogarcia@yahoo.com.br | xikogarcia1@gmail.com

CD - Reflexos da vida 🖐️

CD - Vivência 🖐️

Entrevista no programa Clube da Esperança 🖐️

Caxias do Sul - 17 de janeiro de 2007

Alex e Prof. Alcides Sartori - Sobre o Dia do Poeta 🖐️

Radio Planalto - 14/03/2007

CD - 2010 - Poesias 🖐️

Canal do YouTube 🖐️

O tempo responde

Mãe e terra querência

A temporária professora

Como velho... sonhei que morri

Eu e o violão

É desse modo que eu vejo

Conselho de mãe - vídeo 1

Conselho de mãe - vídeo 2

Por isso que sou de maio

Zum-Zum

Nossos talentos - TV Câmara PF

Peixes do rio da vida

Nos tetos da pátria mãe

Sorrisos

Infância

Cheiro de natureza

Recado ao falecido pai

O tempo

Programa Literatura Local da TV Câmara

PF - vídeo 1

Programa Literatura Local da TV Câmara

PF - vídeo 2

